

Dois pretos vinham carregados de comida para a minha gente.

Fui agradecer-lhe, e voltei às minhas ruínas.

No dia seguinte, julguei livres de perigo os meus dois doentes mais graves, Marianna e Pêpêca.

Logo de manhã, fui a uma fazenda de Boers, a vêr se obtinha viveres.

O paiz em torno de Piland's Berg é muito cultivado, e aqui e além alvejam no sopé da serra algumas casas de Boers.

Dirigi-me a uma d'ellas.

Fizeram-me entrar n'uma sala, que em todas as casas dos habitantes do Transvaal desempenha o duplo fim de casa de meza e sala de visitas.

Aquella tinha sufficiente pé direito, era espaçosa e alegre. As paredes, pintadas a fresco, representavam cupidos vendados, despedindo traiçoeiras frechas contra corações enormes engrinaldados de rosas, isto sobre um fundo azul celeste, dado em aguada pouco nitida.

O pintor não fôra nenhum Rubens ou Van Dyck, mas preciso declarar, que ainda assim, me surprehendeu o trabalho artistico d'aquella sala, superior ao de umas certas salas de meza, de muitas casas de Lisboa, que figuram no primeiro plano um boneco pequenino, pescando á linha n'um rio, onde ao longe navegam dois namorados enormes tocando bandolim, ao passo que em uma arvore encarnada e azul, muito distante, pousa uma arara vermelha, maior ainda do que a arvore, do que os namorados e do que o pescador.

Ao menos, nas pinturas mytologicas da sala Boer havia uma significação, e aquellas rosas engrinaldando os corações feridos, vinham lembrar, que as chagas d'amor, como as rosas, têm perfumes e têm abrolhos.

Eu, se algum dia, depois de longa vivenda em Lisboa, por esse poder de imitação, que me faz admitir as theorias de Darwin, chegar ao requinte de mandar pintar a minha sala de jantar por artista indigena, dar-lhe-hei as indicações da escola Transvaaliana.

A sala da casa Boer, além das pinturas das paredes, pouco mais tinha de notavel. Uma grande meza, algumas cadeiras, uns vasos com plantas floridas nos vãos das janellas. Cortinas pendentes de guarnições de pau despolido, feitas de caça branca, com um recorte encarnado, e cujas extremidades inferiores, muito longe do chão, davam ás janellas esse ar desastrado de uma me-

nina de quatorze annos, que, trajando vestido nem curto nem comprido, nos deixa perplexos, sem saber se devemos cortejar uma dama, ou beijar uma creança.

A um canto, sobre uma pequena meza, o livro dos Boers, uma biblia enorme, com fechos de prata, sobre uma encadernação outr'ora vermelha e hoje de côr indefinida, pelo uso das mãos sebentas, de tres gerações de Boers.

Faziam-me as honras da casa duas damas Transvaalianas, vestidas, como todas do paiz, de chita, e trazendo na cabeça toucas brancas. Uns poucos de pequenos, quasi todos do mesmo tamanho, agarravam-se aos vestidos d'ellas e trepavam-lhes aos joelhos. O modo porque eram recebidos, parecia mostrar-me que eram todos filhos de ambas as damas, o que me causava o maior espanto, e me fazia entrever uma cousa nova para mim.

Verissimo servia-me de interprete, empregando a lingua sezuta. Antes de lhe dizer o que queria, perguntei-lhes de quem eram filhos aquelles meninos. Ambas, ao mesmo tempo, com esse orgulho de todas as mães (em quanto os filhos são pequeninos, e não veem, pelo seu tamanho, revelar segredos de edades que se devem occultar), responderam: «São nossos».

O caso complicava-se com aquella resposta, e eu cada vez entendia menos.

Entrei em explicações e soube afinal, que os pequenos eram uns de uma, outros de outra; mas, como ellas seguiam o costume Boer, de viverem dois casaes na mesma vida domestica, todos elles eram reputados filhos de cada uma.

O paradoxo physiologico tinha desaparecido, mas erguia-se a meus olhos outro psychologico não menos extraordinario.

No Transvaal dois casaes podem viver sob o mesmo tecto, e comerem da mesma panella; e dois amigos combinam casar no mesmo dia e irem viver juntos com suas mulheres, e depois com filhos e netos, para sempre. E vivem, e são felizes, e não ha alli intrigas e desgostos entre elles! Ainda, entre elles, comprehende-se; mas entre ellas é admiravel.

A vida patriarchal dos Boers revela-se n'este traço

Depois de me expplicarem estas cousas, eu disse ao que ia. Precisava de provisões. As boas raparigas offereceram-me logo dois enormes pães, e disseram-me que não podiam vender-me gallinhas ou patos sem estarem presentes os seus maridos, que tinham ido para a labutação dos

campos, mas pediram-me para esperar um pouco, porque elles não tardariam a voltar para o almoço.

Uma desapareceu, e provavelmente foi para a cosinha, em quanto a outra trouxe para a sala uma machina de costura, e poz-se a trabalhar.

Eu fui dar uma volta no quintal, onde me ficaram os olhos na hortaliça, que alli crescia cuidadosamente tratada.

Que fome eu tinha de alimento vegetal!

Algum tempo depois chegaram os Boers, que me encontraram em flagrante delicto de colher feijões, que comia crus.

Voltei com elles a casa.

Logo que entramos na sala dos cupidos, reuniu-se a familia toda e todos se sentaram nas cadeiras junto ás paredes.

Veio em seguida uma preta com uma pequena banheira, e o mais velho dos homens descalçou as botas e lavou os pés; seguiu-se o outro, as damas e os pequenos, e a preta correu á roda da casa com a banheira.

Em seguida fomos para a meza.

Veio então a biblia, e o mais velho leu, com profundo recolhimento, alguns versiculos do Livro dos Numeros, o quarto Livro de Moysés. Começou o almoço; eu, com o estomago cheio de couves cruas e feijões colhidos do pé, não podia comer nada, o que contrariava os meus hospedeiros, mas tomei uma chavena de pessimo café com optimo leite. Depois de almoço, os bons dos fazendeiros offereceram-me seis gallinhas e dois patos, e nada quizeram receber por isso.

Levei de hortaliças quanto pude carregar no meu cavallo.

Logo que cheguei a *Soul's Port*, soube do regresso do missionario, por um convite para jantar, escripto por elle, que encontrei nas mãos de Augusto.

Fui vêr logo os meus doentes, que achei melhores, sobre tudo o pequeno Moero, que já se tinha levantado.

D'alli segui para a casa do missionario, onde fui cordealmente recebido.

M. Gonin, francez e amigo de M. Coillard, exultou com as boas noticias que lhe dei dos amigos que tinha deixado em *Shoshong*.

Tive um jantar magnifico, e tanto mais agradavel, que a elle assistiam tres damas, Madame Gonin e duas jovens e formosas inglezas do Cabo, hospedas da casa.

Depois de jantar voltei ás ruinas onde tinha acampado, para fazer observações, e determinar

a minha partida para o dia seguinte. Ao chegar ao wagon, uma má nova me esperava.

Low veio dizer-me que haviam desaparecido dois bois, e não tinha sido possivel encontrar-os. Os seis bois que restavam não poderiam arrastar o wagon d'alli a Pretoria.

Decidi ficar alli a procurar os bois, e dei as precisas ordens, para que toda a gente semi-valida logo de madrugada se pozesse em campo.

Foram baldados todos os esforços, e os bois não appareceram.

Communiquei ao missionario Gonin o meu grande embaraço, e fui logo tranquillizado por elle, que pôz á minha disposição uma das suas juntas de bois.

Além d'isso, ordenou a um dos seus criados, um btjuana chamado Farelán, para me acompanhar até Pretoria, servindo-me ao mesmo tempo de guia e de interprete, já para com o gentio, já para com os Boers, porque fallava bem o hollandez.

Dispostas assim as cousas, determinei seguir no dia 7, e depois de agradecer a M. e Madame Gonin tantos favores, parti ás 6 horas da manhã, indo parar, ás 10, junto a uma casa dos Boers, que me receberam muito bem, dando-me abundantes provisões.

Ainda n'esse dia fiz duas grandes jornadas. Dos meus doentes, a Marianna e o Pépêca, apresentavam sensiveis melhoras, ainda que prometiam uma demorada convalescença; Moero estava em via de restabelecimento, mas Marcolina, a mulher de Augusto, dava-me cuidados, porque se achava n'um estado adynamico, com febre constante, que não cedia ao tratamento.

No dia 8 o estado de Marcolina era muito grave.

Parti ás 4 da manhã, e ás 5 encontrava o rio Quetei, proximo da sua confluencia com o Machucubiani.

A difficuldade da passagem foi grande, por serem muito apicadas as margens e levarem os rios muita agua.

Depois de tres horas de trabalho violento, conseguimos transpôl-o, e acampamos na margem opposta.

Marcava meia milha a O. N. O. o Pico Bote, onde foi pelejada a ultima batalha entre Boers e Matebells, sendo estes completamente batidos e forçados a recuar para além do Limpôpo.

Depois de um descanso de tres horas, segui ávante e jornei por oito horas, em duas marchas.

O sitio onde acampeei, junto a um riacho que corre ao Limpôpo, era coberto de rochas, massas enormes de granito, o primeiro que encontrava depois do Bihé.

A disposição geologica do terreno mostrava-se-me, tal qual, a parte do planalto da costa de oeste entre Quillengues e Bihé

A flora é que alli é muito differente. No planalto, costa de oeste, apparece uma vegetação arborea opulenta; ao passo que, n'esta parte do Transvaal, apenas se vê um ou outro arbusto rchitico; mas a vegetação herbacea é rica, e sobre tudo as gramineas teem grande desenvolvimento.

No dia 9 de fevereiro o estado de Marcolina era tão grave, que decidi não continuar viagem até vêr se ella obtinha melhoras. Baldados foram os esforços empregados para a salvar, e ao meio-dia expirou.

Pobre mulher! Depois de tão aturadas fadigas, depois de tão arduos trabalhos, veio perder a vida quando estava proxima a encontrar o descanso e o conforto!

Marcolina era a legitima mulher de Augusto. Viera com elle de Benguella até alli, e mesmo no tempo das aventuras galantes do marido, nunca o abandonou, apesar dos maus tratos que d'elle recebia.

Augusto chorava como uma creança junto ao cadaver da sua companheira fiel.

Na madrugada seguinte, Camutombo e o Betjuana Farelán, abriam uma profunda cova, onde se enterrava a mesquinha.

Eu, de cabeça descoberta e commovido, vi cahir a terra sobre o cadaver frio.

Alli, na margem do ribeiro, junto a Betania, deixava eu a ultima victima da expedição portugueza através d'África. D'alli levava uma saudade pungente. Ainda bem que aquelle devia ser o ultimo tumulo!

Voltando ao wagon perguntava a mim mesmo se a sciencia tem direito a taes sacrificios; se o homem, no orgulho de juntar mais um atomo de saber ao pouco que sabe, pôde dispôr para isso da vida do seu similhante, e immolal-o cruamente a um idolo tão vão como os outros?

No meu espirito não podia formular uma resposta á pergunta que fazia, e hoje digo que isto é uma questão a debater entre o homem e a sua consciencia.

Logo que cheguei ao wagon, dei ordem de partida, e segui adeante, para ir visitar a missão de Betania.

Betania é uma aldeia de quatro mil habitantes de raça Betjuana, formada de casas bem construidas, e muitas de janellas envidraçadas.

O missionario que alli encontrei, hollandez ou allemão, chamava-se M. Behrens.

Appareceu-me fumando em um enorme cachimbo de louça, e uma das primeiras cousas que me perguntou foi: «Se eu lhe tinha trazido umas pás que me emprestara para abrir a cova de Marcolina?»

Um quarto de hora depois eu deixava a casa do missionario, e seguia caminho, indo parar, ás 11 horas, junto de uma aldeia de Boers.

Vieram elles logo buscar-me para suas casas, e tive de entrar em casa de todos. Em todas fui obrigado a tomar alguma cousa, e em todas recebi presentes de batatas, fructas, hortaliças e gallinhas. A custo me pude desembaraçar d'aquella boa gente, e pude partir ás 3 da tarde.

Encontrei outra vez a margem esquerda do Limpôpo, que subi por tres horas, para chegar a um vau conhecido do meu guia Farelán.

Junto ao vau estavam grande porção de wagons Boers. O rio trasbordava, e não dava passagem, diziam elles.

Como Farelán conhecia o vau, disse-lhe que se mettesse á agua e fosse até onde pudesse. O Betjuana passou o rio com agua pelo pescoço. Mandeí logo tanger os bois, e fiz entrar o cavallo na agua, passando o rio em um momento. Eu e os meus já sabiamos lidar com um wagon e com os rios da Africa.

Os Boers ficaram pasmados, mas pasmados ficaram na outra margem, debaixo de uma chuva torrencial que cahia.

Acampei alli. No dia immediato, os alvares da manhã vieram mostrar-nos o rio que tinha sahido do seu leito, e que deveria levar mais tres a quatro metros de agua.

Os Boers que receiaram na vespera arriscar os wagons, tinham que esperar muitos dias para o passarem.

Eu segui viagem, e ás onze horas e meia, passava a enorme serra que divide o Transvaal no sentido este-oeste, o Magalies-Berg.

Foi difficilima a passagem da alta serra, e sobre tudo a descida na vertente do sul perigosa. O wagon, sem travão, precipitava-se sobre os bois e ameaçava despedaçar-se. Tive de pôr os doentes a pé, com receio de um accidente.

Low cahiu, e uma roda do wagon esmigalhou-lhe as phalanges da mão esquerda.

(Continua.)

# PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 35 — 3.º anno)

**F**OI ALLI que em 1770 frei Castiglione, um missionario, deu aos chinezes a primeira lição de gravar sobre cobre. Fizeram-se uma serie d'estampas representando a conquista da Dzonngaria. Uma duzia de exemplares foram tirados em França; poucos ahi ficaram, muitos perderam-se n'um incendio e em Pekin foram encontrados muitos dos que para lá tinham sido levados. Todavia foi sem resultado que os chinezes fizeram esta tentativa n'uma arte nova para elles.

Mais adiante são as officinas onde se fazem os vestuarios imperiaes. O modelo foi fixado por occasião da installação da dynastia tartara e não mais mudou; encontra-se a collecção d'estes modelos n'uma obra muito curiosa intitulada *Hoang-tchao-li-kitou* (desenhos dos objectos destinados aos ritos para uso do imperador e da côrte.)

O Kiang-tzigne-kong — Um festim de sexagenarios — As marcas de esmeralda — O Tiao-taé-tiène — A manhã do imperador — Habitação da imperatriz — O palacio da Meditação — Dote das princezas — O palacio da Primavera Eterna — As mulheres do imperador — Diversos palacios — A administração — Os eunucos — O seu cemiterio.

Continuando o nosso caminho para o norte, na linha do palacio que fórma o centro do recinto imperial, chegamos a um pateo que separa o palacio da *Concordia Protectora* ao sul do da *Pureza Celeste* ao norte.

Este ultimo palacio em chinez é chamado Kiang-tzigne-kong. Tem nove intercolumnios de comprimento e cinco de largura. É aqui que o

imperador delibera a respeito dos negocios da familia com os principes de sangue e onde lhes dá um banquete no dia do Anno Bom.

Em 1711 o imperador Kang-shi, no quinquagesimo anniversario da sua coroação, deu n'este palacio um jantar solemne, para o qual foram convidados todos os velhos de sessenta annos

para cima, quer fossem funcionarios ou simplés particulares. É n'este palacio que, sob a direcção dos padres jesuitas Bouvet e Pereira, o imperador Kang-shi estudava assiduamente Euclides e mandava d'elle fazer uma traducção em chinez.

N'uma das salas ao norte d'este edificio ha uma collecção de tantas marcas d'esmeralda quantas são as mulheres do imperador: o nome das mulheres está gravado nas marcas com letras d'ouro.

Por detraz do palacio da Pureza Celeste, está immediatamente o Tiao-taé-tiène, palacio do *Dualismo da Terra e do Ceu*. É n'este palacio que o imperador conserva os seus sellos, em numero de vinte e cinco; é alli

tambem que habitualmente vive. Todos os dias, entre as quatro e cinco horas da manhã, um eunuco acorda o soberano, pronunciando a fórmula Tsigne-Kia. O imperador veste-se com o seu vestuario de manhã, entra no compartimento contiguo ao seu quarto de dormir e alli encontra por sua ordem, sobre uma meza, os trabalhos a fazer, o resumo dos negocios para que o conselho chama a sua attenção. Escolhe aquelles de que se querará occupar e envia-os ao grande conselho para que lhes preparem o processo.



CHINEZA RECEM-CASADA — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

Em seguida, o imperador veste-se com outro vestuário, toma chá e come alguma goloseima, e vae para o Nei-ko, lugar onde, como já disse, está reunido o conselho.

Por detraz d'esta residencia do imperador, sempre ao norte, está o Koune-nigne-Hong, palacio do *Elemento terrestre superior*. É alli que vive a joven imperatriz, esposa do joven imperador Tong-tche (16 d'outubro de 1872). A sua habitação pelo norte está separada dos muros e fossos por jardins e kiosques, para os quaes dá a porta do *Guerreiro divino*. Uma ponte lançada sobre o fosso communica o palacio com uma passagem que desemboca junto da montanha do Carvão e dos diversos templos e pavilhões que a decoram.

As habitações que acabamos de descrever formam a extremidade norte da linha central dos palacios comprehendidos no recinto imperial.

No angulo nordeste e noroeste ha tambem um grande numero d'immensos edificios, todos mais ou menos ricos, dos quaes só aqui citarei os mais importantes. No angulo nordeste:

1.º O Yang-sine-tiène ou palacio da *Meditação*, onde o imperador se recolhe quando está enfermo.

Foi alli, dizem, que os padres jesuitas Bouvet e Pereira apresentaram ao imperador Kang-shi, entre outros productos da sua engenhosa industria, um objecto inesperado e que ao que parece matou o Filho do Ceu. Era um modêlo de lampadas que por si proprias se espevitavam. Os padres jesuitas, em todas as suas relações com a cõrte imperial, empregavam com infinita paciencia todos os processos da diplomacia a mais subtil, e occasião alguma despresavam em que mostrassem ao soberano da China, mesmo nas mais infimas cousas, a superioridade da sua intelligencia sobre a d'elle.

O imperador Kang-shi, depois de ter admirado as suas creações industriaes, prestava maior attenção ás suas lições de philosophia e isto era, para os padres jesuitas, o exito procurado por todos os meios variadissimos que tinham á sua disposição.

Ligava o imperador tanto apreço a estas lições de philosophia europêa e christã que as mandou redigir em lingua tartara; mas ainda que se mostrasse discipulo zeloso e curioso, como soberano conservava extrema prudencia, e recommendava aos seus professores que guardassem o maior segredo para com os chinezes e mongols, pois receava despertar a colera dos bonzos e dos lamas.

Uma especie de rua de seis a sete pés, ladeada de balaustres de marmore branco e com o pavimento do mesmo marmore leva a este palacio repleto d'esculpturas, de dourados e de pinturas. Ao fundo d'este grande edificio, ha uma especie de plataforma com o pavimento de jaspe, polido como um espelho e cujos boccados estão por tal arte unidos que quasi não se distinguem as linhas que os separam. Á entrada da grande sala, ha uma porta que abre para um compartimento quadrado, onde está o estrado em que o imperador

se senta. O pavimento d'este compartimento é igualmente de marmore; as traves, ricamente ornamentadas, assentam sobre columnas de madeira envernizada de vermelho.

Perto estão os palacios Nigne-cheou-kong, Hoang-ki-tiène e Yu-tsigne-kong, onde são educados os filhos do imperador, segundo o sexo. Só sahem do palacio quando casados.

As princezas, filhas do imperador, servem para contratar alianças politicas com os principes mongolicos. Os personagens que com ellas casam não podem com ellas ser enterrados. Se morrem, os seus têmes de se conservar viuvos.



MENINA CHINEZA D'ALTA SOCIEDADE — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

O casamento d'uma princeza imperial, filha legitima, dá ao imperador trinta e dois milhões de francos; o d'uma filha illegitima, meio milhão.

2.º O Feung-siene-tiène, templo dos parentes mortos.

3.º O Kine-cheung-kong e tres outros palacios á disposição da imperatriz Tze-ngane, viuva do imperador Hien-Fong e das mulheres d'este imperador, morto em 1861; só mortas podem sahir do palacio. Este soberano tinha tido trinta e cinco mulheres, e entre ellas Tze-shi, que lhe deu um herdeiro e foi elevada á dignidade de segunda imperatriz. Esta, como já disse quando fallei do eunuco Siao-ngane-tze, habita no angulo noroeste do recinto imperial; o seu palacio chama-se Tchang-tchoune-kong, isto é, *palacio da Primavera Eterna*.

Além d'este edificio, no angulo noroeste ha o Tchou-sieou-kong ou palacio das mulheres do imperador. A primeira mulher tem um titulo especial, só concedido ás concubinas mães. No proprio dia em que se casava, a 16 d'outubro de 1872, o joven imperador recebia por decreto das imperatrizes regentes tres outras mulheres, das quaes uma era de primeira ordem e as outras duas de segunda. A primeira, r'Hoei-fei, é filha d'um simples empregado do ministerio, da tribu Foutch'a. A segunda é filha d'um perfeito chamado Tchong-ligne, da tribu tartara dos r'Hocholi e a terceira é tia materna da nova imperatriz e filha do general Saï-chang-nga, condemnado á morte em 1862 pelo crime de alta traição, sendo-lhe depois perdoada a pena.

Cada uma das damas de cathogoria que habitam o palacio, desde a imperatriz até á mulher de quinta ordem, têm cerca de cento e vinte pessoas ao seu serviço, assim repartidas: cem eunucos, dez niutze ou donzellas, dez mama, ou mulheres casadas fóra do palacio. Este numero, posto que varie para mais ou para menos, segundo as cathogorias, explica o numero de cinco mil eunucos ao serviço da cõrte e de quarenta e oito palacios edificados dentro do recinto imperial.

Só mui raramente é permittido ás mulheres do imperador o verem as pessoas da sua familia.

Perto de Si-tche-mène, porta noroeste da cidade tartara, ha um pagode, onde, com auctorisacão do imperador, as mulheres do seu palacio se encontram com as pessoas da sua familia. Os eunucos não estão junto d'ellas n'estas entrevistas, que são de pequenissima duração.

Ao sul do Tchou-sieou-Kong, no angulo noroeste do recinto imperial, encontram-se ainda, entre outros edificios notaveis:

1.º O palacio da *Bondade Preferida*, onde as imperatrizes recebem oficialmente as damas da cõrte.

2.º O Ine-hoa-tiène, um templo d'architectura tibetana. Vê-se aqui de notavel uma arvore esplendida trazida da India, o *Ficus religiosa*. Esta arvore plantada por uma imperatriz da dynastia dos Ming, tem hoje mais de dois seculos.

3.º O Koang-tchou-sse. É o principal armazem da corõa: aqui se depositam todos os objectos pertencentes aos seis depositos da intendencia da cõrte, a prata, as pelles, os estofos de seda, os vestuarios, o chá e a porcelana.

4.º O Nei-ou-fou, ou a intendencia da cõrte, é uma creação da actual dynastia. A sua administração é composta de descendentes dos escravos dos principes mandchoux, conquistadores da China: grandes personagens fazem parte d'esta administração; todavia por modo algum se podem ligar ás familias dos tartaros das oito bandeiras. O imperador escolhe d'entre as filhas d'estes as criadas do palacio.

A intendencia dos palacios está encarregada d'administração dos eunucos e de todas as minudencias internas do que convencionalmente se chama a cidade imperial.

5.º O Lao-kong-tchou, habitação dos eunucos. Estes estão dependentes da intendencia da cõrte. Entre os dez e os quinze annos entram em funcções. Muitos, tendo-se enriquecido, não se julgam incapazes de casar quando deixam o palacio. As suas superstições obrigam-os a fazerem-se enterrar o mais magnificamente possível, como toda a gente: é uma simples questão de dinheiro. Outros eunucos menos felizes, expulsos do palacio, morrem nas ruas.

Os eunucos são os unicos homens que, com o imperador, podem apparecer em presença das mulheres do palacio. O chefe usa o globulo de quinta classe (botão de crystal); obrigam o imperador a pagar um *franco* pelo ovo que a qualquer chinez custa um *sou*, e para dar uma ideia das despezas dos imperadores da China (que passam excellentemente sem lista civil), direi que no reinado precedente a despeza em objectos de pintura para o rosto, n'um anno, subiu á quantia de dez milhões de sapecas.

A instituição dos eunucos na China remonta á mais alta antiguidade; primeiro foram recrutados entre os criminosos. Pouco a pouco os

cuidados internos da casa foram-lhes entregues. Desde o anno de 184 de Christo que tiveram grande importancia junto do imperador Ling-ti, da dynastia Han. Conta-se que este principe estabelecera uma feira dentro do seu palacio. O seu divertimento era vêr as mulheres disputa-

rem o preço d'um eunuco e agatanharem-se e empurrarem-se para os possuirem.

Os eunucos, pouco a pouco, tornaram-se tão poderosos, que uma vez, tendo descoberto que os grandes conspiravam para os lançarem fóra do palacio, os massacraram. Foi d'este facto



DAMA CHINEZA NA SUA TOILETTE — Desenho de A. Maria, segundo uma photographia de M. Thomson

que nasceu a revolta dos «bonnés vermelhos». Em 784 revoltas contra os eunucos rebentaram por toda a parte; o imperador Tetzong, para ter bastantes tropas, teve de duplicar os impostos e lançal-os mesmo sobre o chá. Muitos imperadores foram desthronados ou assassinados pelos eunucos, ou então não collocavam no throno senão principes da sua escolha. Unicos auctorizados a approximarem-se do soberano a toda a

hora, eram elles os que lhes prodigalisavam as diversões; sabiam conquistar-lhes a confiança, dominar-lhes a fraqueza e adquirir immensas riquezas. Pelos tempos concorreram para a construcção de numerosos pagodes que cercam Peking e os seus tumulos sumptuosos testemunham o seu engradecimento; actualmente um dos mais formosos parques situados a oeste da cidade é ainda destinado para os funeraes dos eunucos.

Hoait-song, oitavo imperador da dynastia song, não attendendo ás lições que os seus predecessores tinham recebido, concedeu a certos eunucos soberanias unicamente reservadas para os principes de sangue. Mas o seu successor Hong-vou decretou que os eunucos não poderiam ter cargo algum, civil ou militar.

A actual dynastia tartara afastou-os mais rigorosamente que as precedentes dos negocios

publicos; todavia não os supprimiu. O recrutamento d'este corpo está confiado á intendencia do palacio: oito a dez *taëls*, isto é setenta a oitenta francos, resolvem as familias a entregar os filhos. Leis especiaes prohibem o emprego dos eunucos nas casas particulares e limitam o numero d'aquelles que os principes de sangue são auctorizados a possuir.

(Continúa.)

## UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITALIA

POR VIRIATO SILVA

(Continuação da folha 36—3.º anno)

**N**A MANHÃ do dia quatro, parti de Turim em direcção a Milão. O trajecto entre as duas capitães do Piemonte e Lombardia é bastante interessante.

A linha ferrea é uma das mais excellentemente construidas, e atravessa em grande parte um dos paizes mais fertéis e productores da Alta Italia:—o Piemonte, com as suas pequenas aldeias dispersas na planura;—a Lombardia, com os seus campos gloriosos, theatro de sangrentas batalhas.

Tem uma a vida, a paz e os trabalhos simples e innocentes do campo; a outra, a destruição, o ruido e a guerra. Uma nascida de povos agricultores; outra povoada desde os abysmos da historia por tribus aventureiras e bellicosas.

Entre Turim e Milão, n'este curto trajecto de tres horas, o viajante é testemunha das scenas mais estranhas do mundo. Nas provincias essencialmente agricolas do Piemonte, vê-se por toda a parte brotar luxuriante a vegetação, reinar nas aldeias uma constante alegria e correrem limpidos e serenos atravez da campina os fertéis mananciaes; na Lombardia, a terra é agreste, o povo, por não encontrar no solo a recompensa do trabalho, dedica-se de preferencia á industria, e apenas a curtos intervallos, se entrevêm as pestillentes aguas do canal Cavour ou as ribeiras do Pó.

A estação de Vercelli é como se disseramos a linha neutra que separa esses dous phenomenos geologicos, e o rio Tessino o limite que marca a zona da abundancia e a da esterilidade.

A dous passos encontrámo-nos em frente da arena em que se eclipsou a luminosa estrella de

Carlos Alberto, isto é, da cidade de Novara, tomada e retomada successivamente pelos austriacos e piemontezes, no famoso dia 23 de março de 1849, e finalmente entregue em ruinas a Radetzki. N'esta sangrenta lucta entre o despotismo de uma nação forte e poderosa contra um povo inerme, mas intelligente, é difficil assegurar quaes foram os vencidos e quaes os vencedores. Carlos Alberto depoz a corôa e foi morrer obscuramente na cidade portugueza do Porto, mas Radetzki só triumphou, ephemeramente, depois de calcar aos pés massas compactas de cadaveres dos valentes sardos.

Aqui, temos em frente um campo de destruição e um immenso cemiterio; mais adiante, vamos atravessar outro talvez ainda mais sangrento.

Estamos em pleno campo de Magenta: de um e outro lado não avistamos senão cruces toscas de madeira, negras erguidas talvez por filhos, esposas e paes, e que indicam os logares onde entes queridos dormem o somno eterno, e onde jazem os restos corroidos d'aquelles, que sacrificaram a sua vida, para satisfazer os doidos caprichos passageiros de alguns ambiciosos. Francezes, piemontezes, lombardos e sardos, confraternisam no solo da mãe commum, todos unidos, já que em vida os separou o destino. Parece que os homens, sedentos de sangue, como as feras, se sacrificaram em terrivel holocausto sómente por uma gloria passageira!

Dos milhares de victimas sacrificadas em Magenta, eis tudo quanto resta para attestar essa immensa hecatombe:—uma capella mortuaria, erguida sobre uma arida eminencia e um mon-

tão de cruces toscas, confusamente plantadas na immensa planura!

De noite, quando os habitantes descançam nas suas moradas da faina do dia inteiro, um silencio sepulchral reina n'aquelles contornos, e então o Tessino, com as suas cadenciosas e murmuradoras aguas, parece que chora a perda de tantos infelizes cujos tumulos banha!

A natureza não podia ser mais mesquinha com o solo de Lombardia; negou-lhe até os manciaes necessarios para o cultivo.

Este paiz conservar-se-hia esteril, a não ser um systema de canaes de irrigação, unico na Europa, denominado Cavour, e que se ramifica em todas as direcções pela planura, levando a abundancia a todas as partes, e fertelizando os prados nos quaes se apescentam numerosos rebanhos de gado lanigero. Este canal faz honra ao grande estadista, sob cujo ministerio se construiu.

Foi este terreno, durante as luctas da mais remota antiguidade, outr'ora sempre disputado pelos Etruscos e Romanos, pelos Godos e Hespanhoes, depois pelos austriacos, dos quaes o libertou a flamejante espada de Napoleão Bonaparte. Os sulcos fecundantes, que Napoleão abriu com as suas ideias n'esta região italiana, produziram em pouco tempo abundantissimos fructos, de que hoje a Italia, unida e confraternizada tira salutar proveito. Assim é que o Piemonte e a Lombardia formam uma unica barreira, bastante solida para oppôr-se ás ambições francezas e austriacas no coração da joven e livre Italia.

Iamos mentalmente fazendo estas ligeiras considerações, despertadas pela leitura do livro que tinhamos diante dos olhos, deixando correr velozmente o trem atravez dos campos mais ferteis da Lombardia, embevecidos pelo estudo dos factos historicos e completamente abstractos, quando ouvimos as tres pancadas da sineta da gare.—Estavamos em Milão.

\*  
\* \*

### MILÃO

Milão, como dizem os italianos, é o Pariz d'Italia; até certo ponto está graciosa comparação pôde ser applicada, porém não completamente.

Tres monumentos encerra esta cidade, os quaes não se encontram em parte alguma e só para admiral-os pôde um individuo sacrificar-se

às fadigas de uma penosa viagem:—o Duomo, a galeria Victor Emmanuel e o theatro da Scala.

O Duomo é a joia mais bella d'esse triumvirato artistico;—é a mais grandiosa obra que a moderna esculptura concebeu. A galeria representa o genio e o character persistente e emprehendedor dos milanezes. A Scala, o gigantesco theatro onde a arte musical e a coreographia estabeleceram o seu pantheon, rodeado das formosuras mais sublimes e deslumbrantes. Rossini, Verdi, Donizetti, Bellini, Paganini, Meyerbeer, Mendelsohn Shumann, Carlos Gomes e muitos outros maestros consumados ahí conquistaram os seus melhores triumphos e receberam das musas as suas mais gloriosas corôas.

As tres maravilhas milanezas, como dando-se as mãos, estão agrupadas em um pequenissimo espaço formando um conjuncto unico e maravilhoso. Não obstante, antes de penetrarmos n'esses monumentos consagrados á arte, á industria e ao commercio, façamos um ligeiro estudo da grande cidade lombarda, visitando as suas ruas (*vias*), repletas de transeuntes e folheemos a sua historia, composta dos mais variados acontecimentos.

Milão, ou Milano, como o denominam os italianos, é uma cidade antiga, situada em uma planura cortada pelo pequeno regato Olona e pelos canaes Naviglio Grande, Naviglio de Pavia, e Naviglio della Marterana, que se communicam com as avenidas do Tessino e do Pò e com os lagos di Como e Maggiore. As suas ruas são estreitas e tortuosas e na grande maioria pouco acciadas, terminando quasi todas ellas nas doze portas collocadas nas extremidades das arterias principaes.

A não ser o *corso* Victor Emmanuel que separa o bairro mais antigo e central da cidade em duas partes distinctas, aberto em toda a extensão por travessas relativamente espaçosas, as demais ruas do mesmo bairro são pessimamente construidas. O *corso* Victor Emmanuel termina no de Veneza e este segue até á porta do mesmo nome. Desde as primeiras horas da manhã até ás mais adiantadas da noite, o *corso* conserva um movimento constante de vae-vem, como se fôra um dos principaes boulevards parisienses. É alli onde os grandes principes tem os seus palacios e onde a arte e a industria ostentam os seus melhores estabelecimentos.

Milão pertenceu successivamente aos Romanos, em cuja época teve uma grandeza descomunal; aos hespanhoes, durante os seculos do

domínio de Carlos v e da sua dymnastia; aos austriacos que a cederam á republica Cisalpina da qual foi capital, e mais tarde ao reino da Italia. Milão tem atravessado todas as vicissitudes da guerra da independencia da Italia *irredenta*, tendo durado a sua prostração até ao anno de 1859, em que começou a tomar grande incremento. Napoleão dotou a capital de grandes edificios, os formosos jardins que ainda conserva, a praça d'armas com um magestoso amphitheatro e o arco triumphal do Simplon, são obras d'esse reinado. Não pode ainda assim modificar a cidade nas suas pesadas e irregulares construcções, nem substituir o monotono aspecto que apresentam todos os seus palacios exteriormente contemplados. Esse cunho de originalidade conserva-o em toda a sua pureza e só o decurso do tempo o poderá fazer desapparecer.

Fallemos das tres maravilhas milanezas, e comecemos pela cathedral, vulgarmente conhecida, assim como todas as cathedraes italianas pelo simples nome de *Duomo*.

Seguindo o concorridissimo *corso* Victor Emmanuel, chega-se a uma pequena praça moderna, na qual estão reunidos os principaes monumentos da Lombardia. Em frente de nós, perde-se a vista contemplando o conjuncto sumptuoso de porticos, columnatas, arcarias, tudo ornado de estatuas do mais branco marmore de Carrara, que compõe a cathedral. Á direita, o arco triumphal que dá ingresso á famosa galeria Victor Emmanuel, e em frente de nós a fachada do antigo palacio real.

A cathedral é indescriptivel: cada columna, cada florão, cada nicho, cada gargula, cada flecha, cada columnello, é uma obra d'arte, em que o homem soube revelar na pedra o seu talento artistico com um deslumbramento sem igual e erigir ao christianismo o mais precioso monumento da sua consagração.

Basta dizer que, depois de S. Pedro de Roma e da cathedral de Sevilha, é o maior edificio religioso da Europa; que se compõe de noventa e oito agulhas gothicas, de duas mil estatuas, e que tem 145 metros de comprimento e 57 de largura, com cinco naves. É uma gemma artistica que os olhos e a mente podem conceber, mas em que a penna mais fertil decahe ao querer descrever um conjuncto de tantas maravilhas. É um edificio, perante o qual nos extasiamos absortos, e no qual os nossos olhares não se cançam de observar novas e extraordinarias maravilhas. A

poucos passos, como dissemos, fica a galeria de Victor Emmanuel, a mais grandiosa e esplendida do Universo. N'ella está revelado o genio do grande architecto Mengori, que não teve a dita de vêr terminada a sua obra capital, porquanto uma desgraça o precipitou desastrosamente na sepultura.

A galeria representa um monumento debaixo do triplice aspecto da arte, da industria e da veneração do povo milanez pelos seus antepassados. Debaixo da grande rotunda, fechada por um immenso zimbório de cincoenta metros de elevação, estão artisticamente agrupados os bustos gigantescos de Arnaldo di Brescia, de J. B. Vico, de Cavour, de Manuel Filisberto, de Victor Pisano, de J. Galéas Visconti, de Romagnosi, de Capponi, de Machiavel, de Marco Polo, de Raphael, de Galileo, do Dante, de Miguel Angelo, de Volta, de Lauzoni, de Giovanni di Procida, de Beccaria, de Beno di Gozzadine, de Christovão Colombo, de Terrucio, de Monti, de Savonarola e de Hugo Foscolo.

Que portentosa reunião de genios! que conjuncto tão grandioso e sublime!

Á noite, quando a pequena locomotiva circula na elevada cupula, illuminando mysteriosamente os dois mil reverberos de gaz, a galeria apresenta um aspecto seductor. Parece-nos assistir a uma d'essas decantadas scenas dos contos orientaes das Mil e uma noites. O extremo da galeria dá em face para o theatro de Scala, fechado por occasião da minha visita, porém tive o cuidado de ir visital-o ainda que não fosse senão para presenciar um ensaio da opera *Guarany* do maestro brasileiro Carlos Gomes, cujo pessoal segundo me disseram compunha-se de mil executantes. O interior d'este famoso colyseu pouco ou nenhum interesse offerece, a não ser a sua extensão que é a maior de todos os theatros da Europa.

Em frente á Scala, e no centro da pequena praça do mesmo nome, eleva-se um singelo monumento que perpetua a memoria de um dos maiores genios, senão o mais sublime do seculo xvi, Leonardo de Vinci. A critica escolastica milaneza não deixou passar desapercibida a obra prima de Maggi; o estatuario intitolou-a sarcasticamente — *il candello*.

Visitamos tambem a galeria do palacio Brera (*palazzo delle Scienze e delle Arti*), que encerra uma grandiosa bibliotheca, muitos e antiquissimos manuscriptos e varias estatuas de homens celebres. A galeria de pintura contém numero-

sos quadros, entre os quaes vêm-se numerosos originaes de Raphael, de Leonardo de Vinci, de Rubens, de Tintoreto, de Ticiano, de Salvador Rosa e de muitos outros pintores estrangeiros de todas as escôlas.

Na igreja de Santa Maria delle Grazie, admiramos o celebrado fresco de Leonardo de Vinci, intitulado o *Cenaculo*, o qual apesar de achar-se bastante deteriorado passa ainda hoje como a obra prima do insigne mestre.

Depois de minuciosamente examinar e observar tantas e tão complexas maravilhas do genio e da sciencia, dispuz-me a continuar a minha viagem para leste da peninsula italiana.

Debaixo das mais gratas impressões, abando-

nei Milão n'uma das madrugadas mais suaves do inverno. Era um sonho realisado a visita á capital da Lombardia, e outro ainda irrealisado a contemplação da bella patria dos Doges. Durante todo o trajecto entre Milão e Veneza, os meus olhos não se cançavam de admirar as mais encantadoras paisagens que percorria no trajecto, e o meu espirito vagueava absorto n'um mar de profundas cogitações.

Foram gratissimas as impressões atravez de toda a extensão da linha ferrea até ao lago de Garda, onde um novo horisonte se abriu esplendido ante a minha vista, despertando-me as mais gratas reminiscencias.

(Continúa).

VIRIATO SILVA.

## GUERREIROS DA ÉPOCA DO FERRO

**P**OR MAIS distante que esteja dos seus antepassados da época do ferro, o homem moderno, graças á luz amplamente espalhada pela Sciencia em todo o caminho da humanidade, logrou seguir com interesse e sympathia todos os esforços d'esses precusores da civilização, na sua lucta incessante contra as forças que os ameaçavam.

Deixou de ser um mysterio, envolto em lendas phantasticas, a evolução da humanidade. A Sciencia reconstituiu passo a passo o longo caminho do homem sobre a terra, desde a época remotissima do grande urso e do mamouth. Nas trevas dos tempos quaternarios, vamos encontrar a grande familia humana, vivendo em cavernas, cobrindo-se com as pelles dos animaes e partindo a pedra para fazer as suas armas e utensilios. Vemol-os progredir continuamente, imprimindo á pedra uma preparação material, que é o germen da industria primitiva, para d'essa pedra polida fazerem novas armas e utensilios, mais apropriados para as luctas em que se empenhavam. Vem depois a conquista dos animaes uteis—o cão e o cavallo, auxiliares do seu rude trabalho, e companheiros fieis e dedicados; o carneiro, o boi e diversos herbivoros, que lhes asseguravam a alimentação.

As armas e instrumentos de pedra polida reúnem-se depois os dos ossos e chifres da renna e do veado, até que a conquista dos metaes, conquista preciosissima que abriu ás populações

primitivas uma nova esphera de actividade, assegurou de um modo completo o triumpho irrecusavel do homem sobre as forças que o combatiam.

Com os metaes entrou impetuosamente a civilização nas sociedades humana. O bronze forneceu a esses rudes luctadores armas para os combates, mas ao mesmo tempo ministrou-lhes instrumentos para o trabalho pacifico. O desenvolvimento dos recursos materiaes foi immediatamente seguido do desenvolvimento intellectual; de um lado, vemos o homem augmentar o seu imperio sobre a natureza; do outro, vemol-o proseguir entusiasticamente no aperfeiçoamento moral.

Depois de haver possuido o bronze e de realisar com o seu auxilio importantissimas conquistas, consegue ainda desentranhar o ferro das profundezas da terra. Conquista a um tempo benefica e terrivel, o ferro foi nas mãos do homem a arma que despedaça e mata, e o instrumento fecundante e vivificador. Se o ferro lhe custou sangue e lagrimas, rasgando o seio da terra, deu ás sociedades humanas o pão do corpo e o do espirito! Se dirimiu contendas cruéis, espalhando por toda a parte o terror, a devastação e a morte, foi tambem instrumento de paz e de riqueza, retirando do seio da terra obediente thesouros nunca imaginados!

Hoje que o imperio do homem está para sempre assegurado, que elle triumphou completamente n'essa enorme lucta travada ha milha-

res de seculos contra a natureza, é um estudo deveras interessante acompanhá-lo em todas as peripecias do combate, desde os tempos mais obscuros da sua historia. Um dos mais benemeritos vulgarisadores da sciencia, Louis Fi-

guier, no seu bello livro *O Homem Primitivo*, que a *Empreza Litteraria Luso-Brazileira* está publicando, traçou com mão de mestre essa epopeia immensa, começada desde as primeiras luctas obscuras do homem das cavernas até ás mais



GUERREIROS DA ÉPOCA DO FERRO

brilhantes conquistas do rei da criação. É a esse excellente livro, um dos mais uteis e curiosos ultimamente publicados em Portugal, que pertence a bella gravura que acompanha este artigo. Graças a um trabalho consciencioso e admiravel, estão alli fielmente reconstituídos os guerreiros da

*época do ferro*. As differentes peças de adorno do cavalleiro do guerreiro a pé, assim como do cavallo foram deduzidos dos objectos que figuram no Museu de Saint-Germain, e que proveem dos modêlos executados em Hallstad.

ASHAVERO.



CATRAIO DÁ AO MAJOR A CAIXA DOS CHRONOMETROS — Desenho de Y. Pranshnikoff, segundo o texto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 37 — 3.º anno)

### CAPITULO VI

NO TRANSVAAL

Rapido esboço da historia dos Boers — O que são os Boers — Suas emigrações e trabalhos — Adriano Pretorius — Pretorius — As minas de diamantes — Brand — Burgers — Juizo errado ácerca dos Boers — O que eu vi e que eu penso.

Estou em Pretoria, a capital do Transvaal, e antes de continuar a narrativa das minhas aventuras, vou dizer algumas palavras da historia d'este paiz e dos seus habitantes. Não se arreciem os meus leitores do caso. Ainda que um moderno historiador francez n'um bello livro

**F**IZ-LHE um primeiro curativo, e tratei de forçar as marchas, para alcançar Pretoria, onde elle podia ser cuidadosamente tratado. O Betjuana Farelán previne-me de que façamos provisão de lenha em uma matta no sopé da serra, porque d'alli a Pretoria só encontraríamos planicies desarborisadas.

Assim fizemos, continuando a jornada dia e noite, apenas com o descanso necessario para os bois.

Finalmente, no dia 12 de fevereiro, ás 8 da manhã, acampava uma milha a N. N. O. de Pretoria; deixando alli o wagon e os meus, entrava sósinho na capital do Transvaal.

escreveu a conceituosa phrase, «*L'histoire ne commence et ne finit nulle part,*» eu promettelhes que o rapido golpe de vista que vou lançar sobre a historia d'este povo será tão curto, como curta é ella.

Não sei quando acabará, se é que não findou já ou está a findar, mas o começo da vida Boer, desde que essa vida tomou a fórma de nacionalidade autonómica, é dos nossos tempos, é d'este seculo.

Bartholomeu Dias primeiro, e Vasco da Gama depois, os ousados portuguezes que affrontaram antes de ninguem as tempestades do Cabo, pensando só na India, como na terra da promessa, pouco ou nenhum caso fizeram da extrema Africa do Sul.

Foi só em 1650 que a Hollanda — não o governo hollandez, mas a companhia das Indias — alli fundou uma feitoria, para refrescar os seus galeões em viagem do mar Indico, feitoria estabelecida pelo dr. Van Riebeck.

Esta feitoria ergueu-se onde hoje assenta a formosa cidade do Cabo.

A companhia das Indias, que pouco se importava com a Africa, não pensou em fundar alli uma colonia, e antes pôz todos os estorvos á iniciativa particular, que tendia a cultivar a terra e a commerciar com o indigena.

Pelejavam-se então na Europa as guerras de religião, e com a revogação do Edito de Nantes e a perseguição dos protestantes em França, muitos emigraram, e entre elles alguns foram para a Hollanda. A companhia das Indias deu-lhes transporte para a Africa, e elles acceitando-o pressurosos, foram deixados no Cabo. Não chegava a duzentos o seu numero, e se attentarmos a que, segundo diz a historia, Van Riebeck não levou consigo mais de cem pessoas; e dando-se mesmo o caso de que essa população tivesse duplicado no tempo decorrido de 1650 á chegada dos emigrantes francezes, equilibravam em numero com a população hollandeza.

Faço notar esta circumstancia, porque sendo estes dois elementos que deram principio a essa raça hoje chamada Boers, quero concluir que n'esse povo, a respeito do qual se tem escripto tão pouco e tão errado, o sangue francez, se não domina, ao menos equilibra com o hollandez.

O governo hollandez, desde o estabelecimento dos emigrados francezes no Cabo, trabalhou para lhes cortar todas as relações com a mãe patria, e o primeiro golpe que n'elles deu, foi a prohibição do uso da lingua natal, já na cele-

bração do culto divino, já nas relações especiaes com o gverno, e nos actos officiaes.

Custa a comprehender como o obteve, mas é factó que lhe quebrou aquelle laço que nas futuras gerações os podia prender á França; e de tal modo, que quando o general Clarke, em 1795, chegou ao Cabo com o almirante Elphinstone, e se apossou da colonia em nome da Inglaterra, nem um só Boer fallava ou comprehendia o francez.

Muito antes da occupação ingleza, que se não tornou effectiva senão em 1806, epocha em que a Inglaterra se apossou definitivamente do Cabo pela força, desprezando as convenções da paz de Amiens, que restituia aquella colonia aos hollandezes, já muito antes os colonos fugiam aos vexames do governo da Hollanda, e internando-se no continente iam longe estabelecer-se onde encontravam bons terrenos para cultura e bons pastos para os gados, preferindo brigar com o gentio e prover á sua propria defeza, a estar em relações e sob a protecção de um governo que os tornava verdadeiros escravos.

D'ahi data o nome e a vida errante dos Boers, nome bem pouco em harmonia com tal vida, porque Boer quer dizer fazendeiro ou lavrador, o que dá uma ideia de estabilidade, que elles não tinham nem ainda hoje têm, sendo mais pastores e nomadas do que lavradores.

O primeiro que nos falla dos Boeres na sua vida quasi primitiva, reduzidos como foram a prover elles mesmos ás necessidades da vida absoluta, é Levaillant, que visitou o interior da Africa do Sul, antes da Revolução Franceza, isto é, 14 ou 15 annos antes da primeira occupação do Cabo por Clarke e Elphinstone. Levaillant diz muito mal d'elles nas suas relações com as tribus indigenas.

Trata-os de despotas e de abuso constante da força. Devemos dar credito ao que diz Levaillant, mas devemos tambem examinar sem paixão as circumstancias em que viviam aquelles homens, duas vezes emigrantes, e errando sem patria n'um paiz hostile. Accusam-nos n'esse tempo de abusar da força, quando a fraqueza estava do lado d'elles, como sempre esteve.

Tinham armas, é verdade, mas os Cafres tinham o numero, e eu sei quanto vale o numero sobre as armas, e sabe-o hoje a Europa, e sobretudo a Inglaterra.

Os Zulos, os Cafres, e os Basutas têm-lh'o ensinado.

Não devemos lançar á conta de espirito de

crueldade, represalias filhas da necessidade de impôr o respeito pelo terror a tribus indomáveis e ferozes. O que lançam em rosto aos Boers de roubarem e dividirem entre si os gados e as riquezas dos povos vencidos, é hoje admittido como direito da guerra, e a nação vencedora impõe á vencida um tributo, que não é mais do que o que faziam os emigrantes Franco-Hollandezes aos Cafres vencidos; que não era differente proceder do que tiveram os inglezes n'aquellas mesmas paragens no fim das guerras de 1834 e 1846.

Apesar de se terem internado no continente, os Boeres só em 1825 passaram o rio Orange, inclinando-se a N. E. para fugirem da esterilidade do deserto que se estende ao Norte e N. O. da confluencia do Vaal.

Foram obrigados a isso pela falta de chuvas que então houve no paiz que elles occupavam.

A abolição da escravatura depois da guerra de 1834 trazia os Boers descontentes, porque perdiam com ella os braços que os ajudavam.

Sem patria, sem historia, e por isso sem amor a nenhuma terra, elles começaram uma nova emigração em massa, e o numero dos fugitivos que passaram o Orange foi avaliado em oito mil.

Elegeram então um chefe, e recahiu a escolha em Pieter Retief, cujo primeiro passo foi expedir uma nota ao governo do Cabo, na qual lhe dizia que eram livres e livres iam escolher um paiz para habitar.

N'essa nota havia exarada a intenção em que estavam de viver em paz com o gentio, de não admittirem a escravatura, e de estabelecerem nitidamente quaes as relações que deviam existir entre amos e criados.

Receiando dos Cafres, os Boers, passado o Orange caminharam ao norte, mas foram, nos Zulos que occupavam a margem direita do Vaal, encontrar inimigos mais terriveis do que aquelles que evitavam.

O celebre Muzilicatezi, que depois se tornou conhecido como rei do Matebeli, tentou sustar a marcha dos emigrantes, e por isso elles tiveram de pelejar uma sangrenta batalha, em que levaram de vencida o valente chefe Zulo.

Então Pieter Retief dirigiu a caravana a leste, e tendo noticias de um paiz magnifico que se estendia para além da cordilheira do Drakensberg até ao mar, guiou para alli a sua horda de aventureiros.

Ao chegar ao paiz desejado um novo obstaculo lhe veio tolher o passo.

Uma tribu poderosa e guerreira procurou destruir aquelle punhado de valentes. Foram mortiferos os combates travados entre Retief e o chefe Cafre Dingam, e n'um d'elles a victoria dos Boers custou a vida do seu chefe Retief, e a Gert Maritz, seu immediato.

Senhores das terras de Natal, os Boers escolheram uma posição magnifica para fundar uma cidade, e elegeram um novo chefe. A cidade teve o nome de Pietermaritzburg, nome que foi um monumento immorredouro levantado á memoria dos dois primeiros chefes Boers.

O homem escolhido para novo chefe foi Adriano Pretorius, que tempo depois devia ser o primeiro presidente da republica Transvaaliana e cujo nome devia ser perpetuado como os de Retief e Maritz na futura capital dos Boeres.

De 1840 a 1842, os emigrantes viveram tranquilos, cultivando a terra e apacentando os gados na sua nova patria.

Pensavam mesmo já em firmarem a sua autonomia, constituindo-se em republica sob o protectorado de uma nação Europeia, quando Sir George Napier, por ordem do governo da Metropoli, mandou occupar a Natalia por forças inglezas, fazendo saber aos Boers que a Inglaterra não consentia que os seus subditos formassem estados independentes sobre as costas maritimas.

Pretorius recebeu muito mal o enviado de Sir George Napier, e foi junto a Pietermaritzburg que se tocaram as primeiras balas entre Boers e inglezes. Prevenido da resistencia dos Boers, o governador do Cabo reforçou as tropas de Natal e esmagou a insurreião. A pouca sympathia que os Boers votavam aos inglezes, desde esse dia converteu-se em aversão profunda.

Começou para os emigrantes uma nova epocha de ardua peregrinação, e abandonando a terra escolhida, foram novamente procurar um paiz além do Drakensberg, um paiz onde pudessem ser livres e senhores.

Ao passar a elevada cordilheira espalharam-se ao norte e ao sul do Vaal, estabelecendo as suas residencias no terreno comprehendido entre o Vaal e o Orange, e mesmo ao norte sobre a margem direita do Vaal, onde fundaram a cidade de Potchefstroom, em 1843.

Sabendo que o governo inglez considerava aquelle paiz como seu, e como seus subditos os habitantes, Pretorius persuadiu a muitos dos Boers o emigrar de novo, e com elles caminhou ao norte. Teve de bater-se com os Zulos, que,

vencidos n'uma ultima batalha no Pico Botes, foram rechaçados para além do Limpôpo, onde o seu chefe Muzilicatezi estabeleceu o reino do Matebeli.

Foi então que foram fundadas mais duas povoações, Lydenburg e Zoutpansberg.

É preciso notar que a cada nova emigração, muitos dos Boers se recusavam a seguir o entusiasmo pela liberdade que inflammava outros, e

conservavam-se nos paizes abandonados, tendo, por isso, de se sujeitar ao governo inglez.

Foi assim que muitos não deixaram as suas residencias entre o Orange e o Vaal, e cortaram por assim dizer, relações com aquelles que emigravam sempre. Esse nucleo que ficou, deu origem aos que hoje formam o Estado livre de Orange, e alli fundaram a cidade de Bloemfontein, sua capital.



PASSAGEM DO RIO NTOUANI—Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

Lord Grey, sendo Ministro das Colonias em Inglaterra, em 1852, entendeu que eram bastante grandes e ruinosos os dominios inglezes na Africa, e resolveu limital-os.

Querendo, ainda assim, fazer as cousas em grande e talhar por largo, deu ordem ao governador do Cabo para declarar o Vaal como fronteira norte dos dominios Britannicos, e para conceder os direitos de autonomia aos subditos inglezes que se estabelecessem além d'aquelle limite.

É d'esta data o tratado feito com os Boers, pelo qual a Grã-Bretanha os reconheceu livres e

lhes concedeu os direitos de autonomia; é d'esta data que teve um nome o paiz comprehendido entre o Vaal e o Limpôpo; é d'esta data que o governo do Transvaal se constituiu definitivamente; é n'esta data que Adriano Pretorius foi eleito presidente da nova republica.

Os Boers insurgentes, os teimosos em fugir ao jugo estranho, acabavam de constituir uma nação, de crear um paiz, e de estabelecer a sua liberdade; ao passo que os Boers fieis aos inglezes só em 1854, mais de um anno depois, foram livres e puderam constituir-se em nação, formando o Estado Livre de Orange.

É verdadeiramente admirável vêr estes grupos, onde não abundavam os recursos de instrução, porque o Boer só lê e só conhece a Biblia, vêr estas gentes ignorantes dos regimens governativos, a que fugiam havia um seculo, de repente constituirem-se em nações, formarem um systema governativo, elegerem assembleias nacionaes, e legislarem sensatamente!

Adriano Pretorius foi um homem a todos os respeitos notavel, e que teria feito um nome

mesmo entre povos menos rudes do que os Boers.

Inflammado pelo ardor da liberdade, sabia incutir o seu enthusiasmo no animo dos que o rodeavam, e pertinaz n'uma ideia grandiosa, viu coroados de exito os seus esforços, dando uma patria aos seus, e fixando n'um paiz riquissimo, todo um povo disperso.

Este grande homem apenas entreviu a sua obra, porque morreu ao concluil-a. O suffragio



VISITA AO ACAMPAMENTO DOS BOERS — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo um esboço

geral levou ao poder seu filho, do mesmo nome, criado nos mesmos enthusiasmos de seu pae.

O novo Pretorius procurou dar melhor organização aos serviços da nação, mas o mesmo desejo de liberdade que animava os Boers a fugirem ao dominio inglez, fazia que muitos procurassem escapar ao dominio do governo central da republica. Comtudo, encontravam-se sempre que era preciso ligar-se contra um inimigo estrangeiro, e as muitas guerras que sustentaram para acalmar os indigenas, sempre hostis, são d'isso prova.

Em 1859, os Boers do Eestado Livre de Orange acclamaram seu presidente a Pretorius, que, director supremo dos negocios das duas republicas, pensou logo em levar a effeito uma união vantajosa para os interesses communs.

O governo inglez andou de tal modo n'essa questão, que Pretorius nada pôde alcançar, e abandonando Bloemfontein, voltou ao Transvaal, onde tomou de novo a direcção dos negocios publicos.

D'ahi até 1867, aquelles dois povos, que apenas contavam um 15 outro 13 annos de existen-

cia autonómica, não foram perturbados no seu viver rude e pacífico, a não ser por pequenas questões com o gentio, logo acalmadas; mas em 1867, os Boers dos dois estados, Transvaal e Orange, foram surpreendidos por uma noticia que veio perturbar por um momento a sua vida tranquilla. Nas fronteiras oeste dos dois estados, tinham sido descobertas as suas ricas e prodigiosas minas de diamantes, e aquelle pedaço de terreno promettia uma riqueza inexgotavel ao seu possuidor.

Naturalmente, Boers do Transvaal e Boers de Orange, lançaram para elle as vistas cubiçosas.

A terra que de um momento a outro tomou tão grande importancia, e que, como o Brazil, a California e a Australia, chamou logo a si aventureiros de todas as nações, pertencia a uma tribu, os Gricuas, mestiços de origem Boer, que a esse tempo eram governados por um tal Waterboer, que não perdeu tempo em fazer valer os seus direitos ao terreno cubiçado.

Entre os aventureiros que o fulgor dos diamantes attrahia aquella nova Golgonda, abundavam inglezes, que excediam todos os outros em numero.

A vontade de se apossar do terreno diamantifero só foi manifestada claramente pelos Boers de Orange em 1870, anno em que o presidente Brand convidou Waterboer a uma conferencia, e procurou convencel-o de que era senhor, por direitos adquiridos, do cubiçado thesouro.

Waterboer não se deixou convencer, e retirou para o seu paiz, teimoso em querer continuar a ser senhor d'elle.

O presidente Brand, pela sua parte não cedeu tambem, e publicou uma proclamação, em que dizia ser dos estados de Orange a terra dos Gricuas, enviando logo alli um delegado da republica para se estabelecer como governador.

Os Boers do Transvaal a esse tempo procuravam de traçar nitidamente as fronteiras do seu paiz, e acabavam de referendar com Portugal o tratado da demarcação da sua fronteira de Este, negociado em julho de 1869, entre o proprio Pretorius e o visconde de Duprat, commissionado, para isso, pelo governo portuguez. O tratado de 1852 definia sufficientemente as suas fronteiras sul e sueste, mas as outras fronteiras eram demarcadas, a norte pela mosca zè-zè, junto ao Limpôpo, e a oeste, por cousa nenhuma.

Entendeu, pois, Pretorius, que tanto direito tinha o presidente Brand como elle á posse da terra Gricua, e mandou para alli um delegado

official da republica, como o Orange mandara o seu.

Havia tres annos que a primeira pedra d'esse carvão puro e scintillante, a que a vaidade humana deu um tão extraordinario valor, apparecera nos perdidos sertões da Africa do sul, e já nos terrenos saibrosos, onde as mãos ávidas de centenares de aventureiros escavavam os pequenos seixos, se levantava uma cidade opulenta, onde formigava a vida e a civilisação da Europa.

Era Kimberlei. Era uma maravilha edificada com diamantes, como S. Francisco da California foi edificada com ouro. Era um d'esses prodigios que brotam da terra, junto á mina que se explora, que crescem rapidos em grandeza e em civilisação, que tem um commercio novo e forte, que arroteia terreno virgem, que tem um cerebro novo e inventivo, e que nascido hoje, amanhã desenvolvido pelas forças novas que o avigoram, effectua agora em mezes e semanas, o que antes demandava seculos e annos.

A mina é o mais poderoso principio do desenvolvimento de uma terra virgem.

A mina é o mais poderoso incentivo da colonisação de uma terra agreste.

Scintille o diamante, fulgure a pepita do ouro, negreje o bloco de hulha, lance a mina do seu seio cavernoso, o cobre, o ferro e o chumbo, e alli no deserto julgado árido, em torno do chumbo, ferro, cobre, hulha, ouro e diamante, nasce a vida, cria-se a civilisação, e o progresso caminha rapido como os seus modernos elementos, o vapor e a electricidade.

Hontem as enxadas rudimentares dos indigenas esgravatavam uma polegada de terra, e hoje as locomobiles poderosas, lançando aos ares o grito da civilisação no sibilar do apito, vão movendo arados que revolvem fundo a terra, virgem desde a sua formação geologica, e vem trazer á superficie em glebas recurvadas o pedaço de solo que nunca cuidou ter outro movimento além do que as leis do Creador lhe marcaram no espaço infinito.

Alli, onde hontem um rio caudaloso apresentava barreira insuperavel aos passos do raro caminhante, hoje uma ponte construida de bocados de ferro ligados em harmonica architectura pelas leis sublimes da sciencia, dá facil passagem a uma população condensada, que nem sequer pensa nas aguas revoltas que lhe correm aos pés.

O pantano que hontem exhalava o miasma pestilento, está hoje convertido em parque ame-

no, cujas arvores modificam a atmospherã e o clima.

O ferro que, hontem elementarmente tirado da terra, apenas servia para a imperfeita ponta da azagaia barbara, corre hoje nas fórmas gigantescas, e resfriando em fórma de *rails*, vae estender-se n'essas arterias enormes onde pulsa o sangue das nações modernas.

Do trabalho e da creação material nascem novas ideias, o cerebro reforça-se, as faculdades creadoras do engenho humano desprendem-se mais e mais, e vòam longe, trazendo cada dia novos e poderosos elementos ao progresso e riqueza das nações.

Foi assim que a America em um seculo passou além da Europa, é assim que a Africa um dia irá além da America.

Na terra Gricua, onde, em 1867, apenas cabanas abrigavam uma população barbara, em 1870 eleva-se uma cidade europêa, ainda envolta no cahos das populações nascentes, mas sentindo em si todos os elementos de progresso rapido. N'estas condições, não podia admittir sequer a dominação de povos tão atrazados como Boers e Gricuas.

Muito occupada de si mesmo para se poder occupar de vizinhos importunos, apellou para a Inglaterra.

O diamante e o ouro tem o poder sobrenatural de fascinar o rei como fascina o proletario, e se Boers e Gricuas estavam offuscados pelo brilho dos diamantes africanos, a Inglaterra não deixou de se commover ás scintillações dos seixos preciosos, e decidiu logo no seu cerebro intelligente e cupido, que a terra Gricua era sua e não podia ser d'outrem.

À proclamação do presidente Brand seguiu-se uma proclamação do governador do Cabo, em que se dizia, pouco mais ou menos, que a terra pertencia aos Gricuas, e que os Gricuas pertenciam á Inglaterra.

Esta proclamação precedia o proprio governador, que entendeu dever ir ao logar do litigio.

A recepção que lhe foi feita pelos mineiros foi entusiastica e esplendida.

Os Gricuas, que se sentiam fracos em presença dos Boers, uniram-se naturalmente á Inglaterra.

Então o governador, forte com o apoio de mineiros e Gricuas, entrou abertamente em negociações com os Boers dos dois Estados, e facilmente chegou a convencer Pretorius á desistência dos seus direitos mais do que problema-

ticos. Não aconteceu porém o mesmo com o presidente Brand, que não só recusou a proposta de ser a questão decidida por uma arbitragem do governador da Natalia, pedindo que essa arbitragem fosse de um dos soberanos da Europa, e ainda mais, fazendo reunir uma força consideravel de Boers para empregar as armas como argumento supremo. O governador procurou e conseguiu prudentemente suster esta manifestação guerreira do Estado Livre, que teria sérias consequencias n'aquelles paizes.

Ao mesmo tempo, o governo inglez annexava ao Cabo o paiz diamantifero, sem se importar muito com o que alli se passava. Brand todavia não desistia dos seus direitos, como Pretorius.

Este, Boer, e tendo apenas a educação rudimentar dos Boers, aprendida nas paginas da Biblia, vivia e sustentava-se mais pelo nome herdado de seu pae, do que pelas suas qualidades pessoas. Fôra mais facil á Inglaterra tratar com elle do que com o presidente Brand, filho da Colonia, mas possuindo uma bella intelligencia, uma vasta erudição, e todas as tricas e chicanas de advogado que é.

Brand foi educado na Europa, é doutor pela Universidade de Leyde, tem carta de jurisculto nos tribunaes de Inglaterra, e foi professor na escola do Cabo. Um homem n'estas condições, e dotado de um caracter energico e forte, não se callava em presença das annexações da Inglaterra, e continuou a gritar e a provar que a terra Gricua era sua propriedade.

Em seis annos fez seiscentos protestos, até que um dia Lord Carnarvon, o estadista inglez, que melhor tem sabido comprehender os interesses coloniaes da Grã-Bretanha, o convidou a ir a Londres tratar directamente com elle a interminavel demanda.

Brand em Londres continuou a pugnar pelos interesses do seu paiz, e cedeu os direitos á terra Gricua mediante uma indemnisação pecuniaria de 105 mil libras.

Foi assim que lord Carnarvon cortou de uma vez para sempre as complicações entre os Boers do Estado Livre e as Colonias inglezas do Sul d' Africa.

Brand aproveitando a somma recebida em favor do seu paiz, tratou de lhe dar todo o desenvolvimento que uma pequena nação pôde ter, com uma pequena quantia como aquella.

Mas deixemos os Boers de Orange, dos quaes fallei apenas por se ligar a sua curta historia com a do Transvaal, e voltemos a este paiz.

Como disse, Pretorius transigiu logo com o governador do Cabo na questão da posse da terra Gricua, e isso foi o motivo para se desacreditar entre o seu povo.

A assembleia nacional (Volksraad) apresentou um voto de censura ao seu presidente, e preciso foi depô-lo, e escolher quem o substituisse.

Foi então eleito um hollandez, Francisco Burgers, o terceiro presidente da republica Transvaaliana.

Francisco Burgers, homem intelligente e ilustrado, ministro protestante da egreja reformada, pensou, logo que assumiu o poder, levantar o Transvaal ao nivel das nações adiantadas da Europa. Todas as ideias do ultimo presidente eram nobres e elevadas, mas não podemos deixar de admittir que elle commetteu erros manifestos de administração. Burgers não era homem pratico, e não conhecia sufficientemente o elemento que governava, para saber como lhe dar o feittio que elle lhe queria dar.

É sempre melindroso fallar de um alto personagem que vive, quando a critica tem de analysar os seus actos, e se eu não me posso eximir a fallar do dr. Burgers, porque á sua administração se ligam factos da maior importancia, não quero de modo algum impôr a minha opinião a respeito do governo do ultimo presidente do Transvaal.

Direi abertamente o que penso, e que formem os outros os juizos que quizerem.

Durante a minha estada no Transvaal, não deixei de indagar, por todos os modos ao meu alcance, os factos da ultima administração Boer, e sobre elles edifiquei a opinião que vou expôr.

O presidente Burgers, tomando conta do governo, quiz caminhar mais depressa do que devia n'um terreno tão pouco nivelado. As questões financeiras foram as que primeiro chamaram a sua attenção, e bem preciso era isso, porque no Transvaal não haviam finanças.

As despesas de administração eram pequenas, é verdade, mas as receitas geraes eram pequenissimas e mui irregularmente cobradas. Havia algum papel moeda e pouco dinheiro inglez.

Burgers cunhou moeda de ouro extrahido das minas de Lydenburg, e conseguiu em pouco tempo restabelecer o credito muito abalado, do seu paiz adoptivo. Para isso teve luctas ingentes e ignoradas, com um povo pouco subordinado, e disseminado n'um territorio enorme, onde as communicações eram e são ainda hoje difficéis, e onde ainda não foi possivel fazer um censo

aproximado. Outro assumpto importante que preocupava o presidente, era a questão da força publica. Elle percebia bem que o systema de defeza empregado até então pelos Boers, a que chamavam o *commando*, isto é, uma convocação geral para a guerra, era muito deficiente, e não podia continuar, n'um estado que elle queria elevar á altura dos paizes europeus.

A questão de regularisar um exercito entre os Boers apresentava grandes difficuldades, e encontrou uma séria opposição.

Um terceiro ponto de não menos importancia a tractar, e do qual se occupou logo o presidente, foi o da viação publica.

Burgers instituiu os primeiros juizes, e abriu as primeiras escolas publicas no Transvaal.

Isto era muito para um povo na infancia, e foi feito de repente. N'isso e só n'isso commetteu um erro o presidente da republica.

Uma especie de febre de progresso se apossou do dr. Burgers, que fez uma viagem á Europa, em 1875, com o duplo fim de arranjar dinheiro e um porto de mar ao seu paiz.

Para o dinheiro foi bater á porta dos banqueiros de Amsterdam, para obter um porto foi pedil-o ao governo de Lisboa.

Em Amsterdam como em Lisboa foi escutado, e ao passo que obtinha um credito na Hollanda, fazia um tratado em Portugal para uma ferrovia que ligasse Pretoria ao soberbo porto de Lourenço Marques.

Burgers voltava triumphante ao Transvaal, onde o esperavam as maiores decepções.

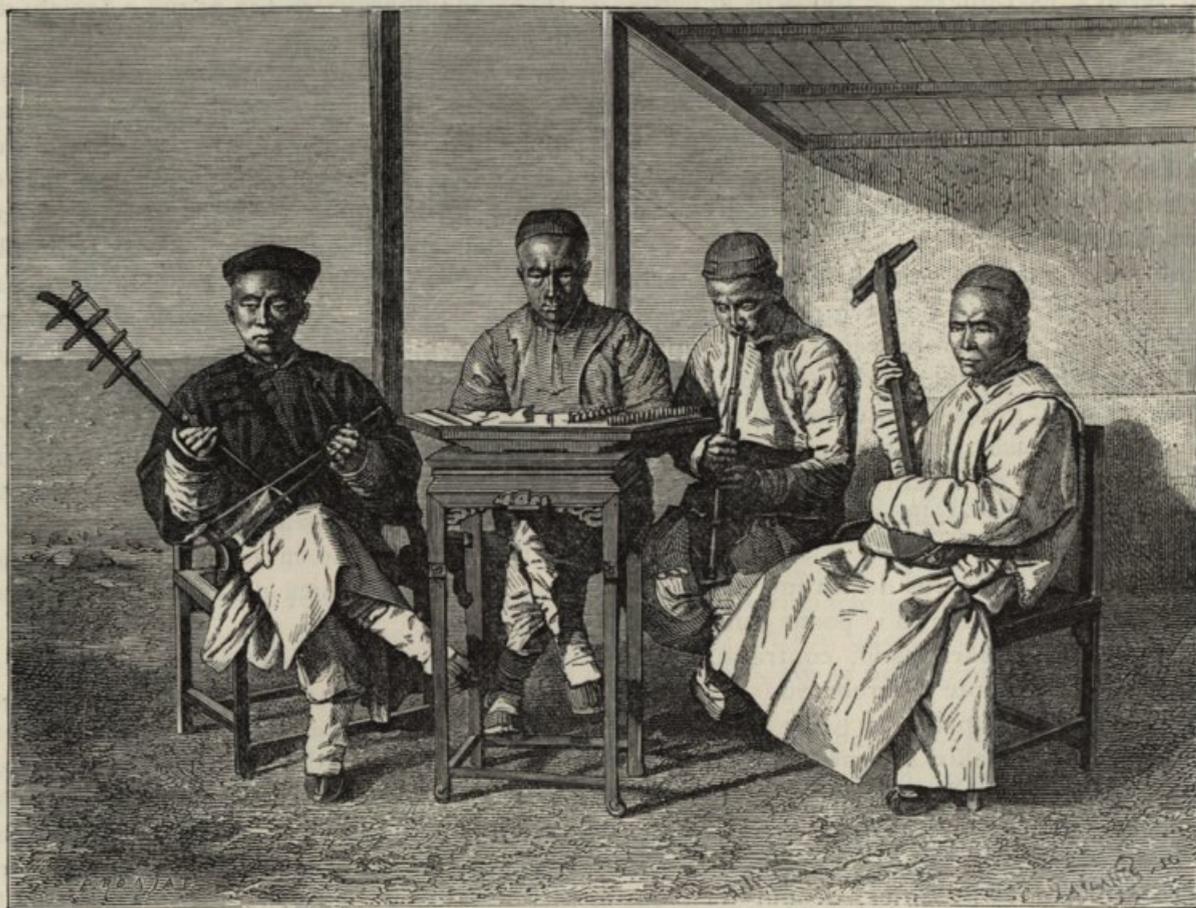
Durante a sua ausencia, havia-se renovado uma antiga pendencia com um regulo indigena, Secúcuni, ao qual era preciso fazer a guerra.

Burgers não hesitou, e fez convocar um *commando* ao qual adheriram uns dois mil Boers e outros tantos indigenas. Elle mesmo se pôz á frente do pequeno exercito e foi atacar o regulo sublevado.

Ou fosse que Burgers não nascera para general, ou fosse por uma d'essas outras causas difficéis de apreciar, que tantos desastres tem causado ás tropas regulares inglezas em Africa, o pequeno exercito, depois de uma curta guerra, em que poucas vantagens alcançou, teve de retirar.

A esse tempo chegava ao Natal Sir Theophilus Shepstone, que ia de Londres, onde Lord Carnarvon, sempre na ideia de fazer uma confederação dos estados da Africa do Sul, tinha feito reunir delegados das diversas provincias para discutir tal projecto.

(Continua.)



GRUPO DE MUSICOS — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia de M. Thomson

## PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 37 — 3.º anno)

O imperador reinante—A sua infancia—A sua adolescencia  
—Um decreto das duas imperatrizes—A noiva do imperador—Presente de nupcias—Ceremonias.

**S**E VISITANDO com o leitor o palacio de Pekin, não aproveitei a occasião para lhe fazer contemplar «os esplendores do astro imperial», foi, em primeiro logar, por não o querer desprevenidamente obrigar a ceremonias que consideraria como humilhantes, e, em segundo logar, por julgar dever dizer-lhe primeiro algumas palavras do joven soberano e da sua vida até ao casamento e à sua maioridade.

Se não me engano o imperador Tongtche nasceu em 1856. É filho unico do imperador S'Hiène-fong, que nos declarou a guerra em 1860, e que as forças alliadas da França e da Ingla-

terra obrigaram a abandonar o palacio d'inverno de Pekin para ir refugiar-se no palacio de verão de Yuane-migne-yuane, a duas leguas a oeste da capital.

O herdeiro do throno tinha então apenas quatro annos. Que recordações terá elle d'estes acontecimentos? Francezes e inglezes presos traiçoeiramente em Tong-tcheou, foram levados para Yuane-migne-yuane. O imperador S'Hiène-fong fel-os martyrisar na sua presença, e quem sabe se deante de seu filho. De repente, n'uma tarde, annunciou-se a chegada das avançadas francezas. Toda a còrte fugiu.

Saqueou-se o palacio de verão; foi incendiado. O imperador, a sua familia e a còrte não estavam de certo já tão distantes que não pudessem vêr as chammas que reduziam a cinzas o pala-

cio de verão e as riquezas de todos os generos que continha.

Sem duvida foi n'esta occasião que pela primeira vez o joven imperador Tongtche ouviu fallar os occidentaes. Levaram-o para longe dos combates e dos incendios, pelos desertos da Mongolia, entre uma enorme massa de individuos que fugiam amarellos de susto.

Chegou ao palacio arruinado de Ge-ho-eurl, onde a cõrte não tinha tido tempo de mandar fazer as mais urgentes reparações. Nos primeiros dias o palacio era apenas um acampamento.

Pouco depois, graças á intervenção do principe Kong, as coisas tomaram mais favoravel aspecto; o tratado de Pekin foi assignado. Socegados installaram-se melhor n'este palacio que se tornou o ponto de reunião dos mais fieis e mais intrigantes servidores do throno. O imperador S'Hiène-fong, abatido, posto que ainda novo n'esta fuga desordenada, contrahiu uma doença que rapidamente o arrebatou.

Emquanto que o principe Kong e seus irmãos estavam em Pekin em negociações com os representantes das potencias occidentaes, urdia-se uma conspiração em Ge-ho-eurl. Tratava-se, nada mais nada menos, d'arrancar a regencia aos principes ausentes, de pôr de lado as duas imperatrizes, esposas de S'Hiène-fong, e emfim d'usurpar a tutela do joven herdeiro do throno ao qual, por um decreto arrancado ás imperatrizes, os usurpadores já tinham dado como reinante o nome de Ki-siang.

O principe reuniu immediatamente os seus partidarios, e por um golpe de mão habil, o seu irmão mais novo Choune-kinne-ouang, commumente chamado Tsy-yé, prendeu todos os membros da conspiração, á frente dos quaes estava um certo principe Y, um chamado Souhoune, e o general Saï-tchang-nga. Os dois primeiros foram mortos, a pena do terceiro foi commutada. Outras condemnações feriram altos personagens.

Em 1862 deram-lhe preceptores; o principal d'estes era um conselheiro d'Estado. Este personagem, dizem, jurára substituir a pelle dos tambores do exercito chinez pelas pelles dos estrangeiros. Devemos estar persuadidos que este mestre não dispertou no seu augusto discipulo uma grande sympathia pelos Europeus.

Quando o joven imperador fez dezaseis annos o segundo decreto foi publicado na gazeta diaria de Pekin:

«Ao terceiro dia da segunda lua, undecimo anno do reinado de Tongtche (10 de março de

1872), as imperetrizes Tze-nague e Tze-shi decretaram o seguinte:

«Quando subiu ao throno, o imperador era mui joven, hoje tem dezaseis annos. É necessario que tenha uma companheira legitima, capaz de o a udar a praticar a virtude e a governar o imperio; por isso para ser imperatriz da China escolhemos a filha de Tchong-tsi, da tribu Mandchoux dos Ourates, doutor do Instituto imperial da Floresta dos Pinceis. É de bom genio, diligente, instruida e séria.

«Respeitae esta nossa ordem.»

O casamento foi fixado para 16 d'outubro seguinte. Logo que appareceu este decreto o imperador poz á disposição da sua noiva um palacio n'um dos grandes bairros de Pekin.

Durante os sete mezes que ahi viveu foi ensinada na pragmatica da cõrte por mestras de cerimoniaes.

A 11 d'outubro, o imperador designou dois principes de sangue para serem os seus media-neiros e suas testemunhas. Entregou-lhes um sceptro, como signal de delegação de poderes, e, fazendo-os acompanhar do seu cortejo de gala, enviou-os ao palacio da futura imperatriz a entregar o presente dos esponsaes, que se compunha de dez cavallos de luxo, dez armaduras completas, cem peças de setim e duzentas peças de panno.

A 12 d'outubro, o imperador fez igualmente prevenir o seu futuro sogro e sogra para confirmar os esponsaes: duzentas onças d'ouro, dez mil onças de prata, (oitenta mil francos), dois bules d'ouro, dois de prata, duas bacias de prata, mil peças de setim, vinte cavallos de sella ajaezados, quarenta cavallos ordinarios, vinte harnezes completos, tal foi o presente com que o genro brindou os sogros.

A 13 d'outubro, o imperador escolheu dois officiaes para annunciar o seu casamento ao Ceu e á Terra, no templo dos seus antepassados e no dos membros defuntos da familia imperial.

A 14 teve logar a entrega do livro e do sello d'investidura á futura imperatriz.

Este livro é feito de delgadas laminas d'ouro, os caracteres ahi gravados são esmaltados d'azul. O seu comprimento é de seis pollegadas; o sello tambem é d'ouro.

A noiva teve de se ajoelhar para os receber.

Elephantes enviados de Sião figuraram n'esta cerimonia; estavam ricamente ajaezados.

A 15 as almofadas bordadas do imperador foram preparadas por ordem do tribunal dos ri-

tos no palacio official das duas imperatrizes regentes; e ahi, junto do estrado onde ellas estavam sentadas no throno, o imperador, á ordem d'um arauto, ajoelhou tres vezes e tres vezes se prostou por terra pondo a fronte no chão.

Depois de prestada esta homenagem ás regentes o imperador foi para o palacio da Soberana Concordia. Os medianeiros vieram receber as suas ordens que um arauto lhes transmittiu. Deviam ás 11 da noite trazer ao palacio a futura imperatriz.

Quando chegaram ao seu palacio, quatro princezas de vestidos escarlates com pionias roseas bordadas deposeram no seu palanquim o character Song (Dragão) escripto pela propria mão do imperador e um par de sceptros de congratulação.

Este character Dragão é feito com tinta preta e com pincel n'uma larga folha de papel, que enrolada é posta no palanquim. Os dois sceptros, chamados *joui-i*, o que quer dizer «communi-  
dade de sentimentos» teem o comprimento d'um pé e cada um d'elles é feito d'um unico bocado de jade branca.

As princezas auxiliadas pelas mestras de ceremonias vestiram a imperatriz com o vestido de noivado, um vestido de seda escarlata, bordado de dragões e de phenix enlaçados, emblemas do imperador e da imperatriz. Os pregos da cabeça, pequenos sceptros, formavam tambem os caracteres Choang-shi (felicidades gemeas). O penteado consistia em duas tranças enroladas de cada lado da cabeça, presas por pequenos sceptros. O espesso veu vermelho, por debaixo do qual se tinham queimado perfumes do Tibet, escondia completamente a cabeça até aos hombros.

No momento de subir para o palanquim perfumado d'incenso puzeram na mão esquerda da imperatriz um sceptro de jade e na direita uma maçã, symbolo da felicidade constante.

O chefe dos eunuchos fez em seguida baixar as cortinas do palanquim e as mestras de ceremonias deram o signal da partida.

Para descrever com perfeita exactidão o desfilar solemne do cortejo da nova imperatriz da China apresento aqui a narrativa d'uma testemunha ocular.

Cortejo da nova imperatriz da China no dia  
do seu casamento

No dia 15 d'outubro, ás quatro horas da tarde, foram reforçados os postos de policia; os sol-

dados das oito bandeiras formavam alas nas ruas por onde devia passar a imperatriz e obrigavam a fechar as janellas e as portas das lojas ou casas.

Todas as pequenas ruas, que desembocavam nas grandes ruas que o sequito tinha a percorrer, tinham as embocaduras tapadas com lona pintada d'azul.

Das janellas de cada loja estavam dependuradas lanternas vermelhas, que, com as dispostas ao longo das ruas, illuminavam as vestes escarlates bordadas de branco dos funcionarios immoveis.

Perto das nove horas dois officiaes passaram a galope; um d'elles levava n'um grande estojo de seda amarella um bastão para entregar no posto de policia mais proximo, como primeiro aviso d'approximação do cortejo.

Estes avisos que se transmittiam de posto para posto, até ao palacio imperial, repetiram-se trez vezes.

Pouco depois appareceram a cavallo os dois medianeiros com o seu sequito, o principe Kong e S. Ex.<sup>a</sup> Pao-kinne, ministro das finanças. Precediam a imperatriz apenas d'alguns minutos.

Dentro em pouco vi chegar a musica imperial; marchava silenciosa e em massa compacta. Os musicos traziam vestidas longas tunicas de côr escura semeadas de florões claros; na cabeça tinham uma especie de touca encimada por uma penna amarella.

Atraz d'estes comprimiam-se sem ordem centenas de carregadores de palanquim com tunicas vermelhas de florões brancos; uns levavam suspensas das extremidades de longas varas lanternas redondas enfeitadas com desenhos vermelhos; outros, igualmente numerosos, levavam os symbolos da imperatriz e todos os objectos fazendo parte do seu trem official; tres enormes guardasoes de triple franja de seda amarella ornados com phenix bordadas a ouro, thuribulos, bacias d'ouro, cadeiras portateis, tres outros grandes guardasoes, dos quaes dois amarelos e um outro vermelho, de fórmula quadrada, dois grandes leques, dos quaes um de pennas de pavão, um sceptro d'ouro, dois grandes estandartes ornados com um dragão e uma phenix entrelaçados, uma grande quantidade de bandeiras de todas as especies.

Cavillos levados á mão cobertos com ricas gualdrapas amarellas seguim todos estes symbolos cujo desfilar offerecia uma vista das mais pittorescas e que seria imponente n'outro lugar.

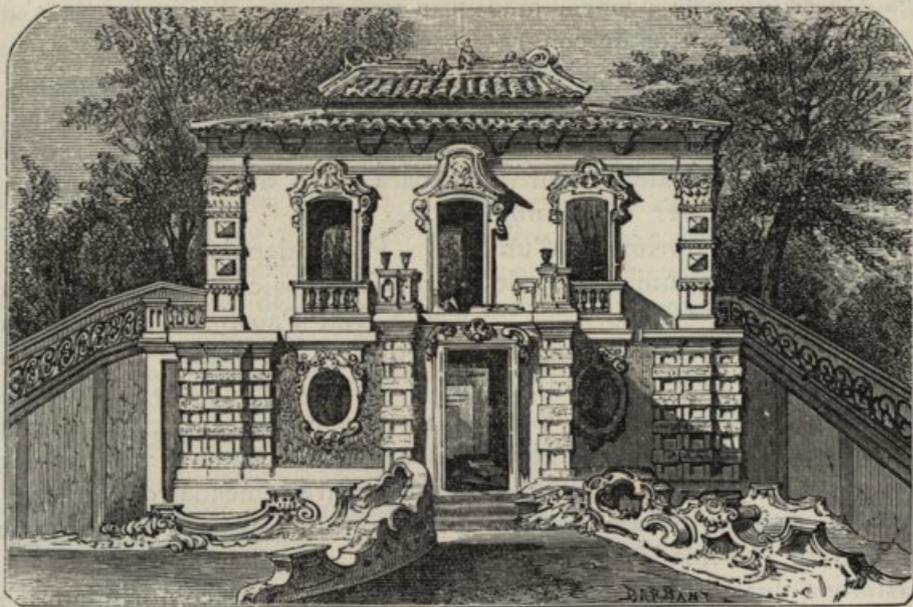
Em seguida numerosos officiaes a pé precediam e guardavam os cofres, onde iam o sello e o livro d'ouro da imperatriz.

Por fim appareceu um palanquim de grandes dimensões, igualmente amarello, com bordaduras a ouro; era o palanquim da imperatriz. Ia fechado e cercado por eunuchos vestidos com vestes amarellas ricamente bordadas, por officiaes a pé e a cavallo, cobertos com o seu amplo *pardessus* preto com placas d'ouro sobre o peito e nas costas e deixando vêr a extremidade do saial bordado.

Immediatamente após do palanquim seguiam

oito cavalleiros armados de lanças ornadas com caudas de leopardo; as vestes eram bordadas de florões d'ouro; emfim, atraz d'estes marchavam quatrocentas guardas do paço ou grandes da côrte, todos a cavallo e o uniforme de gala, albernoz preto com escudos d'ouro, saial de seda azul bordado, botas de setim preto; levavam na cabeça o chapéu d'inverno de abas levantadas, sobre a copa coberta de franja escarlata e encimadas pelo globo designativo do grau. Este cortejo de duas mil pessoas desfilou por entre um religioso silencio.

Conforme ia passando o cortejo, iam-se re-



VISTA D'UM DOS EDIFICIOS DO ESTYLO ITALIANO D O PALACIO DE YUANE-MIGNE-YUANE

abrindo as lojas e quando chegou ao palacio, a grande massa dos curiosos dispersou-se em todos os sentidos.

A cerimonia official das nupcias no palacio

A 16 de novembro, á meia noite, a grande porta sul do palacio, chamada porta da Grande Pureza, fechava-se sobre a imperatriz como a pedra d'um tumulo.

O seu palanquim parou na sala do throno do palacio que tem por nome—Palacio da Pureza Celeste. O joven imperador com os cabellos cahidos sobre as vestes ornadas com dragões de ouro esperava n'esta sala a noiva que os principes e os guardas do palacio tinham perfumado com encenso do Tibet.

Após a sua chegada o imperador escoltado por oito principes de sangue que levavam ricas

lanternas retirara-se para o palacio chamado do Elemento Terrestre, destinado para habitação da nova imperatriz.

Alli, no quarto de cama oriental, estava «o leito feliz do Dragão e da Phenix», aos quatro cantos do qual quatro princezas tinham collocado um sceptro, com o fim de que o feliz destino dos novos esposos se equilibrasse.

Logo que o palanquim da imperatriz foi posto no chão na sala do throno do palacio da Pureza Celeste, todo o cortejo se retirou e oito princezas lhe suplicaram que descesse.

Tiraram-lhe a maçã que trazia na mão direita substituindo-a por um frasco contendo amostras de todas as riquezas d'este mundo, isto é:

Duas perolas finas; dois pequenos sceptros d'ouro; duas barras de prata; dois rubis; dois sceptros de prata; duas moedas d'ouro; duas



TORRE FUNERARIA Á MEMORIA D'UM BONZO — Desenho de H. Catenacci, segundo uma photographia do doutor Morache

de prata; um punhado de arroz amarello; um punhado de arroz branco. Sempre coberta com o seu veu escarlate, amparada e seguida pelas princezas e mestras de cerimoniaes, foi guiada para o palacio, onde era esperada pelo real esposo.

À entrada da sua nova habitação a imperatriz teve de passar por cima d'uma sella de cavallaria. Uma maçã estava sobre a mesma sella.

Conformando-se com este costume tartaro a noiva declara-se prompta a montar a cavallo e a compartilhar com o esposo dos azares dos combates. A maçã é o emblema da paz, muitas vezes subordinada á guerra.

Quando a imperatriz chegou junto do imperador tiraram-lhe os objectos que ella trazia, para, junto com os que estavam no palanquim, serem dispostos sobre o leito nupcial.

Então o imperador, levantando o veu vermelho que cobria a cabeça da noiva viu-a pela primeira vez. Sentou-se em seguida sobre o leito conjugal, tendo ao seu lado esquerdo a imperatriz.

Entre os dois, em fórma de meza, as mestras de cerimoniaes collocaram uma bacia de cobre com o fundo para o ar. A sua fórma é a imagem «do que não tem fim»; sobre a bacia puzeram uma caixa «de pasteis de creanças». Os pasteis assim chamados representam pelo numero a prole que os dois conjuges um ao outro desejam. Depois da imperatriz ter comido deve mudar de penteado, isto é usar o das mulheres casadas, ornar-se com largos alfinetes, com pionias roseas artificiaes e pôr collar.

Depois d'esta transformação que consagra o casamento, as mestras de cerimoniaes approximaram do thalamo uma meza sobre a qual havia presunto, um quarto de carneiro, vinho d'arroz, agua-ardente de sorgho, arroz amarello, arroz branco e outras iguarias. É sentados um em frente do outro, sobre almofadas postas no chão junto do leito, que os novos esposos fizeram o banquete nupcial, durante o qual por detraz da parede, um guarda do corpo e sua mulher, uma camarista, recitaram em voz alta, respondendo um ao outro, o hymno em que ha as promessas que o imperador e imperatriz devem fazer um ou outro.

Declaração da maioridade do imperador—Abuso de guldices—Recepção do corpo diplomatico—Physionomia e vestuario do imperador.

Algum tempo depois do seu casamento, no inverno de 1872-1873, o joven imperador foi em-

fim declarado maior: tinha dezoito annos. Os regentes retiraram-se.

Como já disse o joven imperador tinha sido muito vigiado e reprimido. E por isso parece que o primeiro uso que fez da sua maioridade foi abusar de todas as goloseimas que pouco provára durante a menoridade.

Apesar da sua creancice foi-lhe depressa chamada a attenção para uma questão importante: a recepção em audiencia solemne do corpo diplomatico estrangeiro.—Havia quinze annos que o corpo diplomatico esperava. O governo já não tinha pretextos, nem argumentos; o caso embrulhava-se; abriram-se negociações diplomaticas.

O governo queria que se conformassem com a etiqueta chinesa, isto é que os representantes occidentaes ajoelhassem tres vezes e nove se prostrassem á entrada da sala do throno, que as suas credenciaes fossem entregues a altos funcionarios em vez de, em mão propria, serem entregues ao soberano, que os ministros entrassem sòs no palacio, sem espada, sem os seus secretarios, sem pessoa alguma do seu sequito, indigena ou estrangeiro.

Fizeram-se todas as concessões compativeis com a dignidade occidental. Recusaram terminantemente conformar-se com a saudação oriental, por nós considerada como acto de humildade.

Por fim o governo chinez acabou por ceder, concedendo-nos que fossemos recebidos em audiencia, de pé e com a espada ao lado. Era a maior difficuldade. Nós tivemos tambem de fazer concessões e por tanto não insistir em que os secretarios d'embaixada fossem admittidos. Igualmente tambem não se poude conseguir que cada ministro levasse o seu interprete. Sendo a audiencia collectiva para os cinco ministros (Inglaterra, Estados-Unidos, França, Hollanda, Russia) um unico interprete podia bastar.

A recepção foi finalmente marcada para 22 de junho de 1873 ás seis horas da manhã, no palacio que se chama Tzen-konang-ko (pavilhão da Luz rubra) situado na margem do lago, a oeste do recinto imperial.

É alli que o imperador dá as suas festas aos enviados da Coréa e d'outros povos considerados como tributarios. A parte posterior d'este palacio tem um andar onde ha uma sala contendo os retratos de cem generaes e officiaes que se distinguiram na campanha da Dzungaria e na do Turkestan em 1761.

(Continúa.)

# UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITALIA

POR VIRIATO SILVA

(Continuação da folha 38—3.º anno)

**P**OL entrava no seu occaso, n'uma d'essas tardes serenas e azuladas como só sabe apresentar o bello ceu de Italia; o lago tinha então uma superficie dormente, sobre a qual se reflectiam os ultimos raios rubicundos de Phebo, dando vida á preciosa paisagem, illuminando as vellas esguias das embarcações que sulcavam ligeiras, impellidas por uma suave brisa. Esta preciosa decoração da natureza, apresentada espontanea deante de nossos olhos, completava com o conjuncto das quebradas dos Alpes que se avistavam, ao longe, com as cristas coroadas de neve, um quadro maravilhoso, poetico, esplendidamente sublime, semelhante a muitas d'essas paisagens do pôr do sol, como só as soube conceber a fertil e inspirada palheta de Claudio de Lorena.

.....  
*L'Italie c'est le tombeau des Français!* Esta apostrophe, milhares de vezes repetida, está na mente de todos os pessimistas e nos labios dos italianos patriotas, desde que Francisco I perdeu tudo nos campos de Pavia... *hors l'honneur*: Se mais tarde não existiu durante o tempo da Convenção, do Directorio e do Consulado um novo sacrificio do povo gaulez, foi porque elle soube reunir á sua coragem uma tenacissima resistencia. Solferino, Rivoli, São Bonifacio, Caldiero, Arcole e Marengo são gloriosas epopeias traçadas pelas espadas dos filhos heroicos da republica. Em Marengo, o gigante da guerra, Napoleão, elevou o seu nome á celebridade, glorificando a França por ser a iniciadora da liberdade europêa. Desaix, o valente Desaix, foi uma das grandes victimas sacrificadas n'esse dia. Marengo representa na historia dos povos livres o grande altar da patria, em cuja ára sagrada se sacrificaram milhares de vidas á anciada liberdade.

É a arena em que o esforço pessoal glorifica a ideia. A não ser Marengo, não existiriam os grandes fructos da Revolução, os direitos do homem, decretados pela Convenção e pelo Directorio. O Imperio teve outro campo: — é filho da intriga e dos interesses pessoaes.

São sete horas da tarde. O crepusculo vespertino começa a cobrir com o seu manto opaco

as lagunas do Adriatico. A casta diva estende as suas franjas de prata sobre as aguas azuladas; um grupo informe de casarias brancas confunde-se com as luzes que se reflectem vacillantes na superficie do mar.

O trem avança rapidamente pelo extenso viaducto <sup>1</sup> que conduz do continente ás ilhas do Adriatico, e o cadenciado murmurio das ondas que se quebram contra as arestas dos pilares ecôa, melancolico, aos nossos ouvidos. D'um a outro lado, não vemos mais do que a superficie ondulada das aguas que se agitam voluptuosamente, prateadas pelo luar, quando o nosso desejo era descobrir promptamente o rendilhado alcazar dos Doges, a fatal ponte dos Suspiros, a Piazzeta, a bysantina basilica de S. Marcos, a Campanilha e tantos outros monumentos repletos de recordações e que começaram a despertar a nossa ardente imaginação, desde que os vimos na nossa juventude, mostrados nos panoramas, nas collecções artisticas da pintura, e nos appendices dos atlas geographicos.

Com estas reflexões, ouve-se o apito da locomotiva que lentamente amortece a sua força herculea, e em seguida o toque da campainha da estação; estavam no coração da formosa Veneza.

## VENEZA

Os *barcajuolos*, disputando-me entre si como presa da sua desmesurada ambição monetaria, atropellam-me violentamente, offerecendo-me por gestos e palavras as suas gondolas; os innumeraveis *commissionarios* fatigam-me os ouvidos, relatando-me n'um côro unisono e em todos os idiomas conhecidos as vantagens e excellencias dos seus hoteis, e os *facchini* interrompem-me os passos pedindo-me impudentemente a usual *mancia*. Esta primeira entrada em Veneza é cruel, é uma repetição moderna das scenas babilonicas.

Descendo as amplas escadas da estação, que

<sup>1</sup> Este viaducto, que une a estação do Mestra com a de Veneza, tem 3:603 metros de comprimento e é formado por 222 arcos de granito, que descançam sobre 80:000 estacas. É a maior ponte conhecida.

conduzem até à margem oriental do grande canal ou *Canallazzo*, installei-me com a maior commodidade em uma especie do espaçoso esquife, pois outro nome não é mais adequado, no *felze* da gondola, e navegando tranquillamente pelo extenso canal, penetrava d'ahi a pouco em uma especie de pequenos bécos, procurando o caminho mais curto para chegar ao grande hotel New-York, situado no *Canalazzo*, em frente da formosa igreja de Santa Maria della Salute.

A gondola em Veneza é o unico vehiculo de conducção, e só por si representa uma raridade entre as muitas que encerra a rainha do Adriatico. Além d'isso, grandes ou pequenas, modestas ou luxuosas, todas conservam o mesmo feitio, e todas apresentam a mesma apparencia triste e sombria.

Imagine o leitor um athaude fluctuante, terminando em duas extremidades ponteagudas, e terá a gondola veneziana. As alabardas de ferro polido que terminam as extremidades, servem para suster em equilibrio a fragil embarcação, e, segundo a nossa opinião, para que o reflexo da luz solar ou o pallido lampejo da lua, produza sobre ellas um aspecto sobrenatural e grutesco.

No centro, está armado o *felze*, forrado interior e exteriormente de baieta preta, com dois coxins para quatro pessoas e coberto por um forte panno da mesma côr. Para maior originalidade, os gondoleiros (*barcajuolos* ou *poppi*) remam de pé e para diante, dando com o remo um impulso cadenciado que produz um movimento suave e langoroso.

Que vaporosas phantasias nos assaltam e que doces sonhos nos adormecem, ao atravessar n'uma noite serena o *Canallazzo* ou a Giudecca!

Que o digam as poesias sentimentaes de Byron, as mysteriosas narrações da Schiller, os romances de George Sand, — *Consuelo* e *Leone Leoni* — primores de imaginação e de estylo, e as arrebatadoras estrophes de Alfredo de Musset.

Iamos no mais recondito retraimento fazendo estas conjecturas, enlevados pelas scenas seductoras que nos rodeavam, quando ouvimos o murmurio das ondas que se quebravam espadando contra um escadorio. Tinhamos chegado á porta do nosso escolhido hotel, installado modernamente nos dois antigos palacios Ferro e Fini, quasi em frente áquelle em que Lucrecia Borgia celebrou as suas pomposas orgias e d'onde precipitava ás turvas aguas do *Canalazzo* os seus amantes desgraçados.

Na mesma noite da minha chegada, uma força irresistivel e um ardente desejo de abranger tudo n'um só golpe de vista, obrigou-me a dar os primeiros passos pelo centro da patria de Dandolo e de Marino Faliero.

Mandei preparar o trem, isto é, a negra e sombria gondola que me devia conduzir atravez da cidade. Era meia noite. A lua illuminava em cheio todo o conjuncto da formosa Veneza e, como que occultando-se por entre os palacios, ia reflectir-se poetica e sublime, nas aguas dormentes dos canaes. Conseguimos obter um gondoleiro conhecedor dos usos e costumes da localidade, o qual assentado á prôa da embarcação ia cantando canções d'amor, acompanhando as barcarolas com os rithmos melancolicos desferidos da sua guitarra.

Veneza quasi que pôde comparar-se a uma mão, que intenta serrar em intimo contacto as extremidades da outra. O espaço que medeia e separa as duas é o *Canalazzo*; entre este e a ilha da Giudecca fica um segundo canal mais espaçoso. Esta reunião de tres grupos de edificios está dividida por 147 canaes interiores menores, que a seu turno separam 117 pequenas ilhas, unidas reciprocamente umas ás outras por 378 pontes de marmore. A sua área occupa uma superficie de 10 kilometros e conta para cima de 130:000 habitantes.<sup>1</sup>

Apesar da grande decadencia de Veneza, levantam-se ainda em seu circuito para cima de 10:000 palacios, d'entre os quaes uma terça parte, pelo menos, são riquissimos.

A gondola navega pelo *Canalazzo* em direcção á Piazzeta. Em frente de nós, abre-se um amplo canal, circundado pelas ilhas de S. Giorgio Maggiore e pela da Giudecca assemelhando-se a um placido lago da Suissa, enquadrado pela encosta dos Alpes. Á esquerda ficam as ponteagudas janelas e as arcadas do palacio Real, á direita a alfandega, e junto a esta a branca basilica de Santa Maria de la Salute com a sua immensa cupula e com a sua magnifica fachada repleta de columnas e de estatuas.

<sup>1</sup> A *communa* de Veneza tem 132:826 habitantes *Almanach de Gotha*, para 1883.



CREANÇAS BOERS COMENDO HERVA — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

### A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 39 — 3.º anno)

**P**ARECE que Sir Theophilus Shepstone levava instrucções do governo inglez a respeito do Transvaal, porque, logo que chegou a Durban, seguiu para Pretoria.

Não quero de modo algum entrar n'uma obra do character d'esta, em apreciações sobre o facto da annexação, e por isso limitar-me-hei a narrar os factos com a verdade que até hoje não tem sido dita. Para bem se comprehenderem esses factos, é preciso mostrar o que era o Transvaal á epocha da chegada de Sir Theophilus a Pretoria.

A população Boer, difficil de avaliar, mas que os calculos mais approximados faziam montar a 21 mil almas, estava espalhada n'um territorio immenso, igual em superficie á Inglaterra e Escocia reunidas.

N'esse grande paiz tres cidades apenas eram nucleos de uma população mais condensada, e

algumas aldeias, separadas por distancias enormes, augmentadas ainda pela difficuldade das communicações, reuniam pequenos grupos de habitantes.

As tres cidades, Potchefstroom, Pretoria e Lydenburg, continham populações, que eram tudo menos Boers. As minas do ouro haviam attrahido a Lydenburg aventureiros de todas as nacionalidades, predominando o elemento inglez importado da Australia.

Pretoria era uma cidade nascente em que predominava o elemento hollandez, mas não Boer. <sup>1</sup>

Potchefstroom era de todas aquella que era habitada por maior numero de Boers, mas ainda

<sup>1</sup> Sempre que o auctor falla em hollandezes, entende por isso os filhos da Hollanda, e não os Boers de qualquer dos Estados.

assim, elles estavam em minoria em presença dos holandezes e inglezes.

As aldeias, das quaes as mais importantes eram Rustenburg, Marico e Heidelberg, já tinham a população Boer misturada com inglezes e holandezes. A grande população Boer estava disseminada em casaes, e fugia naturalmente das cidades onde não podia fazer pastar os seus gados.

Se era difficil fazer um recenseamento da população branca do Transvaal, mais difficil era ainda avaliar a população indigena. Tenho visto calculos que a estimam de 200 a 900 mil almas.

O paiz estava coberto de missões de tres ou quatro differentes sociedades de Inglaterra, de algumas allemãs e outras holandezas. Estes missionarios exerciam a sua acção sobre o indigena, porque os holandezes tinham os seus pastores nas parochias, e os Boers que sabem tanto de biblia como os parochos, até d'elles prescindiam.

A séde do governo estava em Pretoria, a mais pequena das tres cidades do Transvaal, mas aquella que melhor se acha collocada.

Os homens que tinham a direcção principal dos negociós publicos eram holandezes.

Esta era a posição da população heterogenea do Transvaal em principios d'abril de 1876.

Vejamos agora rapidamente qual era a posição moral, verdadeira ou apparente dos Boers.

Primeiro examinemos qual o juizo que fóra d'África se fazia dos franco-holandezes da republica africana. Era elle de certo pessimo.

O Boer era um selvagem branco, possuindo todos os maus instinctos do selvagem, avido de rapina, devastando e incendiando as aldeias do indigena pobre, martyr da brutalidade e rapacidade de tão extraordinario malvado.

Foi assim que elle nos foi apresentado por alguns missionarios, os unicos que na Europa nos davam noticias dos antigos emigrantes do cabo.

Forte contra o fraco, o Boer era cobarde e fraco em presença do forte.

O que havia de verdade n'este juizo eu o di-rei ao diante.

Então estavam elles moralmente desconceituados para com aquelles que apenas os conheciam por informações, e tinham perdido um pouco o prestigio entre o gentio pelo revés soffrido com Secúcúni. Fallavam mesmo, e entre elles discutia-se a questão, de depôr o presidente Burgers, elegendo para seu chefe um Boer, P. Kru-

ger, que estava disposto a tirar a desforra do indigena Secúcúni.

N'estas circumstancias a annexação era facil, e Sir T. Shepstone soube aproveitá-la. As cidades que não tinham nada de Boers, eram por elle, e n'ellas se obtiveram facilmente petições, que, digamos a verdade, eram dirigidas por inglezes.

Tambem se disse que os pretos queriam ser inglezes, e então Sir T. Shepstone, por uma proclamação de 12 de abril de 1876, declarou que o Transvaal era uma provincia ingleza. Sir Theophilus Shepstone quando fez a proclamação estava escoltado por 25 homens apenas, que estavam acampados em barracas no jardim da casa que elle habitava.

Assim, pois, a annexação do Transvaal foi pacifica, e não interveio n'ella a força armada, que elle mesmo não tinha, porque o regimento 80 de infantaria, que, debaixo do commando do major Tyler, depois entrou no Transvaal, estava a esse tempo acampado na fronteira do Natal, além do Drakensberg. A annexação foi pacifica, mas os Boers só souberam d'ella depois de annexados.

Sir Theophilus Shepstone, o homem que melhor conhece e melhor sabe viver com o indigena d'aquellas paragens, soube o que fez.

Os Boers, espantados de se acharem inglezes de um dia para o outro, tiveram o seu movimento instinctivo e hereditario de emigrarem de novo.

Uma parte d'elles tomaram a vanguarda n'esse movimento que se devia effectuar em massa, e já narrei no capitulo anterior como foram, pela maior parte, destruidos pela seccura do deserto.

Aquella immensa catastrophe susteve os que lhe deviam seguir os passos, e perfeitamente apertados n'um circulo de mosca zê-zê, que lhes era barreira insuperavel, tiveram que curvar a cabeça de novo ao jugo da Inglaterra.

Acabara aqui a historia do Transvaal como paiz autonomico?

Quem o sabe?

É preciso ter vivido entre os Boers para se avaliar quão forte é n'elles o desejo da liberdade, quão profundo o odio que votam aos que chamam seus oppressores.

Deixemos por aqui este rapido golpe de vista lançado sobre a curta historia do Transvaal, mas antes de reatar o fio da minha narrativa de viagem, quero ainda dizer duas palavras sobre os Boers.

Vivi entre elles, perscrutei a sua vida intima, desci a exacerbar-lhes as paixões. Vi-os ao trabalho, cavalguei junto d'elles por brenhas e florestas, e apreciei a sua destreza como caçadores, a sua coragem em face do perigo.

Não me preoccupa a paixão; se recebi d'elles as mais affectuosas provas de amizade, já por mais de uma vez n'este livro tenho patenteado a minha gratidão a favores maiores recebidos de inglezes.

Fallo, pois, com a consciencia de que as minhas palavras são a mais rigorosa expressão da verdade, sem que no meu espirito haja ao ditadas a menor influencia apaixonada.

Digo isto, porque mais uma vez tenho de fallar dos missionarios, fallando dos Boers, e não desejo que nem de leve se pense, que actua no meu animo um acinte formado contra tão uteis instituições, que eu sou o primeiro a proteger e a approvar, mas cujas chagas ulcerosas precisam do córte fundo do escalpello da critica, do cauterio ardente da censura verdadeira, para cicatrizarem de uma vez para sempre.

O Transvaal não é uma nação que se possa avaliar pelas nações da Europa.

Alli ha uma só classe social—o povo. Não ha distincções, e todos são iguaes em absoluto. Sem escolas, todos são ignorantes; trabalhadores, todos são abastados; religiosos, e bebendo na biblia, unico livro que conhecem, as leis da moral, todos são honestos.

O principio que estabeleceu, na idade media, as distincções na Europa, a coragem pessoal, difficil é ter cabida entre os Boeres, porque todos são valorosos. Como entre todos os povos que vivem uma vida elementar, só toma ascendente sobre os outros, aquelle que tem o dom da palavra.

A vida do Boer é regulada pelos preceitos biblicos, e é verdadeiramente patriarchal. Entre os Boeres não ha a mentira; o adulterio é desconhecido.

O Boer casa cedo, e, ou fica vivendo em casa de seus paes, ou dos paes de sua mulher, ou unido a outro vae perto arrotear novos terrenos, e começar uma vida nova. A unica distincção entre os Boers é a idade, e o mais novo escuta sempre o mais velho. A mulher trabalha e ajuda o casal n'um labutar incessante. O Boer tem necessidades muito limitadas, e pôde satisfazelas.

Os emigrantes francezes da revogação do Edito de Nantes eram, muitos d'elles, artifices, e

transmittiram até á geração actual a arte de trabalhar a madeira e o ferro. Nas casas do Transvaal é facil vêr a um canto um tórno, e um Boer torneando os pés das suas mobílias singelas.

Fôra, n'um alpendre, em atanaria rudimentar, curtem-se os coiros, de que elles mesmos fazem o seu calçado.

As outras necessidades da vida são facilmente satisfeitas por gentes que não têm outra ambição além da liberdade, e que ha um seculo a buscam quasi em vão.

Como, pois, sendo os Boers taes como eu os descrevo, se diz d'elles tanto mal?

A explicação do facto está em pouco para quem viveu no Transvaal entre elles, e isento da paixão de raça que pôde perturbar o espirito mais justo e sisudo. Quem tem desacreditado os Boers são os missionarios. Digo-o e sustento-o. Depois que os Boers, occupando o Transvaal, e pacificando pela força as aguerridas tribus que lhes disputaram a posse, deram uma certa segurança ao paiz; dezenas de missionarios correram a estabelecer-se alli.

D'estes, uns eram bons, muitos maus. Preciso dizer aqui o que é o bom e o que é o mau missionario.

Bons são aquelles que, intelligentes e illustrados, possuindo as qualidades que se requerem nos ministros de Deus, caminham para o seu fim desassombradamente, edificando com paciencia, com paciencia soffrendo o revês de hoje na esperança do triumpho de amanhã; ensinando a moral com o exemplo e com a palavra; indo de vagar, sem a agitação da paixão que cega, possuidos da responsabilidade da sua missão augusta.

Bons são aquelles que á intelligencia e illustração reúnem aquellas *flôres d'alma*, de que fallei.

Estes existem, mas infelizmente são em pequeno numero.

Maus são os missionarios que, pouco intelligentes e quasi ignaros, pensando que a sciencia da vida consiste em saber mal e interpretar peor algumas passagens dos livros santos, empregam todos os meios, mais ou menos dignos, para alcançar um fim ficticio; e corroidos do veneno da vaidade, ou movidos pelo interesse pessoal, querem apresentar ás sociedades que os enviam, resultados extraordinarios, alcançados por meios que não se avaliam na Europa, e que são a causa principal da prolongação da lucta travada em Africa entre a civilisação e a barbaria.

Para estes, o fim principal é insinuar-se no

animo do indigena, e na falta de qualidades que lhe ensinam o caminho a seguir, usam um meio facil para obter o seu fim, meio que lhes dá sempre bom resultado.

É elle o de prègar a revolta.

Para os ouvidos do indigena é sempre musica harmoniosa a phrase que o ensina a revoltar-se contra o branco.

Os missionarios que tem pouco saber e pouca intelligencia começam por gritar-lhe, a cada hora, a cada momento, no pulpito sagrado, que só deve ouvir a linguagem da verdade, que elles são iguaes ao branco, são iguaes ao homem civilisado; quando só lhes deveriam dizer o contrario, quando só lhes deveriam dizer:—«Entre ti e o europeu ha uma differença enorme, e eu venho ensinar-te a vencel-a.»

«Regenera-te, deixa os teus habitos de indolencia, e trabalha; deixa o crime, e pratica a virtude que eu te ensinar; aprende e deixa a ignorancia; e então, e só então, poderás alcançar um lugar junto do branco; poderás ser seu igual.»

Esta é a verdade que lhes ensinam os missionarios bons, esta é a verdade que lhe não sabem dizer os maus.

Dizer ao selvagem ignaro, que elle é igual ao homem civilisado, é mentir, é commetter um crime, é faltar a todos os deveres que lhe impòz aquelle que o mandou à Africa, é atraiçoar a sua missão sagrada.

Dizer ao selvagem ignaro, que elle é igual ao homem civilisado, é abrir a jaula á fera deante do povo descuidoso, que tranquillo está confiado em que a chave está em mão segura.

Não! o indigena, tal como o missionario o encontra n'África, não é igual ao homem civilisado, está muito longe d'isso.

N'elle estão adormecidos os instinctos bons, para só se revelarem os maus.

N'elle ha a indolencia e o horror ao trabalho; n'elle ha a ignorancia absoluta: e bastam estas qualidades más, além de outras, para cavarem um abysmo entre elle e o branco.

O systema seguido pelos missionarios maus é o estabelecimento da desordem; é a maior barreira levantada ao progresso da Africa Austral.

Os Boers, tendo conquistado um paiz de ha pouco, em breve perceberam que, se alguns missionarios eram auxilio poderoso á sua dominação, outros lhe criavam conflictos e obstaculos.

Começaram, pois, a fazer guerra a estes, que procuravam logo desconceitual-os aos olhos da Europa.

D'ahi nasce o exagero da má fama dos Boers. Esta é uma verdade que eu tenho a coragem de dizer n'um livro d'estes, e que ninguem ainda disse antes de mim.

Vivi entre os Boers, ouvi a muitos exaltar as qualidades de tal ou tal missionario, e deprimir os actos de outros e outros. Vivi em Pretoria, e alli, n'um meio muito superior, ouvi a mesma cousa, de hollandezes e inglezes. Vivi com missionarios, e encontrei n'elles mesmos as verdades que affirmo.

Não teem d'isso culpa as bem-intencionadas sociedades que os subsidiam; não teem d'isso culpa as auctoridades que os apoiam, e que são d'elles muitas vezes as primeiras victimas.

O missionario deve ser um dos primeiros elementos da futura civilisação, e d'elles devemos esperar muito; mas, taes como muitos são, só dão resultados contra-producentes.

O mau missionario pregou a revolta, e o Boer foi atacado. Houve guerra cruenta, e para a Europa foram relatados os factos horrorosos praticados pelos Boers, contra os bons, innocentes e pacificos indigenas!!



O SUSTO DE CHRISTOVÃO — Desenho de Y. Pr. 11. 11. 11., segundo o texto

Não nos ceguemos, nos nossos bem intencionados sentimentos, a ponto de admittirmos absurdos, de sonharmos chimeras.

Eu já li em alguma parte, que o Boer era muito inferior ao negro!!

Outra asserção que já ouvi afirmar tambem, foi, que o Boer era refractario ao progresso!

Outro absurdo, outra aleivosia, sahida da mesma fonte!

Não é o missionario o homem que hade le-

var o adiantamento ao Boer, e a razão d'isso é o meu principal argumento contra a obra de muitas missões, contra o caminho errado que se-guem em Africa. Já tive occasião de fallar em missionarios bem intencionados, mas que erravam na sua missão, querendo ensinar as abstracções da theologia aos pretos. Esta verdade revela-se no nada que elles obtem junto aos Boers.

O Boer sabe tanta theologia como o missionario, se não sabe mais do que muitos, bebida



CAFRES E BOERS DOS ARREDORES DE PRETORIA — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo um esboço

na biblia, unico livro que elle lê e estuda. O missionario que julga o seu trabalho ser ensinar a biblia, nada tem que ensinar ao Boer, e deixa-o no estado em que o encontrou.

Depois grita que o Boer é refractario ao progresso! Sim! elle não adiantou um passo, porque o não souberam fazer avançar. A culpa não está no discipulo, está no mestre.

Outra aleivosia levantada contra os fazendeiros do Transvaal, é o ferrete de cobardes que lhes querem imprimir na fronte altiva.

Eu tive occasião de avaliar a coragem dos

Boers; mas, se a não tivesse, bastava-me a historia das guerras vencidas por elles contra Zulus, Cafres e Basutos, para os suppôr bravos.

Deus queira que elles não mostrem ainda o seu valor, de modo a fazer callar os aleivosos.

Hoje que escrevo estas linhas, chegam á Europa rumores de uma tentativa de sublevação Boer; será ella uma calamidade á Africa Austral, que toda a Europa deve lastimar; será esmagada, como ninguem o pôde duvidar, mas virá trazer um desmentido formal áquelles que chamam cobardes aos Boers.

## CAPITULO VII

NO TRANSVAAL

(continuação)

M. Swart — Difficuldades — Dr. Risseck — Eu gastronomo! — Sir Bartle Frere e o consul portuguez Mr. Carvalho — O secretario colonial Mr. Osborn — Jantares e saraus — O missionario Rev. Gruneberger — Mr. Fred. Jeppe — O jantar do 8o de infantaria — Major Tyler e capitão Saunders — Insubordinação — Mr. Selous — Monseigneur Jolivet — O que era Pretoria — Uma photographia de pretas — Episodio burlesco da guerra tragica dos Zulos.

Era em Pretoria, já cidade ingleza, e capital da provincia Transvaaliana, que eu entrava na manhã de 12 de fevereiro de 1879.

Encontrei logo o thesoureiro do governo, Mr. Swart, que me fez os mais cordeaes offerecimentos, mas que me disse, não me convidar para seu hospede, porque não tinha na pequena casa que habitava um quarto a offerecer-me.

Fomos aos hoteis. Nem um quarto nem uma cama!

Voluntarios, que de todas as partes corriam a alistar-se nos corpos que se organisavam alli, attrahidos por uma paga de cinco xelins por dia, enchiam tudo, e criavam-me um embaraço enorme. Eu, que até alli tinha tido cama, desde Benguella, comecei, na primeira cidade civilisada que encontrava, a não ter onde me deitar!

Emfim, depois de muitas buscas e de me terem provado que as conveniencias sociaes (eu já me tinha esquecido das conveniencias sociaes) me não permittiam dormir na praça publica, onde eu ficaria optimamente nas minhas pelles de leopardo, pude obter um canto, no café Europeu, onde me metti, com a promessa de um quarto em poucos dias. Estava arrumado, mas começaram novas difficuldades para accomodar a minha gente.

Mandei chamar o Boer Low, que precisava de tratar a mão esmagada pelo wagon, mas preveni Verissimo que se deixasse ficar acampado fóra da cidade até nova ordem.

O portador voltou com Low e Verissimo, que me veio dizer que a minha gente tinha fome, e era preciso dinheiro para lhe dar de comer.

Fiquei espantado ao ouvir aquillo. Eu já me havia esquecido de que o dinheiro era absolutamente necessario em paiz civilisado; e não tinha nenhum.

Comtudo comprehendí que era preciso haver-o, e fui pedil-o ao meu hospedeiro Mr. Tur-

ner, que logo m'o promptificou. Mandei Low a um medico, e eu dirigi-me a casa de Mr. Swart, que me convidara a jantar.

Mr. Swart tinha feito convites e programma. Eu que soube isso, fiz tambem grande *toilet*. Os meus calções, que da fazenda primitiva já pouco tinham, e onde os remendos deitados por mim (que nunca tive grande geito para alfaiate) se sobrepunham, foram cuidadosamente escovados do pó e da lama de vinte differentes paizes. Achei um par de meias, que tinham sido repassadas com grande pericia por Madame Coillard, e que faziam vista. As minhas botas ferradas, essa obra prima de Tissier, de Paris, foram pela primeira vez engraxadas, e não tinham má apparencia. O casaco dava-me mais cuidados, porque tinha uns bolços de couro, que haviam sido outr'ora pretos, mas que então haviam tomado uma cor exquisita. Lembrei-me do tinteiro de Mr. Turner, e com uma penna de gallinha procedi á pintura d'elles, que tomaram um preto baço, talvez ainda peor do que a cor que tinham.

Depois de bem penteada a longa barba e os mais longos cabellos, fui para casa do thesoureiro do Transvaal.

Ao passar os umbraes da porta do salão fiquei deslumbrado.

As damas em *toilet*, os homens de casaca, os leques, as vistosas e brilhantes côres das sedas, os tapetes, os espelhos, tudo aquillo que eu já tinha esquecido em tantos mezes de vida rude e selvagem, produziram-me uma impressão que não pôde ser avaliada.

Deve sentir cousa semelhante o cego, a quem o bisturi ligeiro do medico levantou a catarata que o tinha sepultado nas trevas, e que depois de muitos mezes de escuridão vê a luz.

Eu estava perturbado, e sobre tudo as mãos incommodavam-me muito.

Não sabia que fazer d'ellas, e buscava de balde em que as occupar.

Faltava-me o peso da carabina, que eu procurava instinctivamente, em vão.

Fomos para a mesa. Eu conduzi pelo braço a dona da casa, e ao chegar os meus andrajos ás sedas que a cobriam, comecei a perceber que estava muito mal vestido.

À mesa experimentei novas surpresas. Os cristaes, as porcelanas, os vinhos rutilando nas jarras lapidadas, confundiam-me, e sobre tudo o *menu* exquisito, escripto em elegantes cartões, intrigava-me.

Cometti de certo desatinos, mas não posso bem avaliar toda a extensão dos meus disparates, tão inconsciente estava.

Terminado o jantar, voltamos á sala, onde continuava a minha confusão, até que uma dama se sentou ao piano.

Os seus dedos correram ligeiros sobre as teclas, fazendo vibrar nas cordas em harmonioso concerto, um dos *Nocturnos* de Chopin.

A impressão que me causou aquella musica, aquelle piano, cujos sons me penetravam na alma como uma sensação nova, acabaram de perturbar o meu espirito, fraco para poder resistir a tantos abalos. Foi quasi em delirio que voltei ao café Europeu, onde n'um canto de uma sala me haviam improvisado um leito, leito que tinha colchões, travesseiros e lençoes.

La para me deitar como de costume, quando percebi que me deveria despir para isso.

Passei uma noute de insomnia, produzida pelas impressões do dia e pelos lençoes da cama.

Ao amanhecer eu estava a pé e vestido, porque na sala, em que podia ter dormido, começou um labutar de criadagem. Comecei a pensar no modo de accommodar a minha gente, o que não me parecia facil, e vi que sobre tudo precisava de obter dinheiro.

Estava fazendo os meus planos, quando me chamaram para o almoço,

Fui para a mesa. Um criado indio, um d'esses *culis* que já chegaram até Pretoria, collocou diante de mim um prato de espigas de milho, cuidadosamente assadas, e um pires de manteiga. Ao encarar com o milho assado, lancei ao pobre criado um olhar tão feroz, que elle recuou espavorido.

Milho a mim! a mim que só matava a fome com milho havia um anno! Ah! que vontade que tive de empalar aquelle indio, o cosinheiro e o dono da casa!

Fiz um gesto tão expressivo e energico, que as espigas desapareceram da mesa, levadas pelo veloz criado.

Pouco depois chegava-se solícito a mim Mr. Turner, a perguntar-me o que eu queria para almoçar.

O que eu queria para almoçar? Mas eu queria tudo, queria perdizes com trufas, queria *foie gras*, queria gelados, queria vinhos das melhores colheitas de Borgonha, queria, queria... nem eu sei o que queria.

O dono do café Europeu julgou que lhe havia cahido em casa um d'esses gastrónomos fa-

mosos, que pensam sempre em elevar uma estatua ao celebre Brillat-Savarin, e que se ainda a não erigiram foi por não acharem materia prima apropriada ao monumento, que fosse, á semilhança da columna Vendome, construida com os bronzes dos canhões conquistados, uma recordação permanente do homem que ensinou á humanidade que no mundo não se come só para viver. Effectivamente, pela primeira vez na minha vida, eu era gastrónomo.

Pela primeira vez na minha vida comecei a pensar que o paladar era um sentido como os outros, e que se Mozart, Rossini, Meyerbeer, Verdi e Gounod, o chilrear das aves e sussurar do arroio, foram creados para nos deliciar o ouvido; se Raphael, Rubens, Van-Dyck, Velasquez e Murillo, as paisagens e as bellezas, nasceram para nos recrear a vista; se Atkinson, Rimmel, Lubin, Piesse, e as flores existem para nos deleitar o olfato; tambem Brillat-Savarin, Vatel, as trufas e os cogumelos não vieram ao mundo sem uma missão especial.

Comecei a comprehender isto, tendo chegado a Pretoria depois de um anno de milho, mas-sango, e carne assada sem sal. Creio que todos os paizes do orbe comprehenderam que eu devesse ser gastrónomo ao chegar a Pretoria, excepto a Inglaterra porque essa, infelizmente para ella, nunca comprehendeu nem comprehenderá Brillat-Savarin.

Felizmente para mim, eu estava n'uma terra ingleza, mas ingleza de fresco, onde o *roast bœef* e o *plum pudding* não haviam tomado um ascendente notavel sobre a cozinha dos paizes meridionaes.

Mr. Turner não me deu um almoço como m'o daria o Matta, o Central, o Silva ou o Augusto, em Lisboa, o Ledoyen ou o Café Riche, em Paris; mas deu-me cousa muito soffrivel. Não quero dizer boa, porque começava a ser muito difficil em gastronomia.

Depois do almoço, em uma larga conversa que tive com Mr. Turner, fiquei desenganado de que não tinha onde accommodar a minha gente na cidade.

Isto preocupava-me, porque não podia reter por muito tempo o wagon que elles habitavam. Eu estava sendo uma especie de urso que todos queriam vêr, e a curiosidade dos importunos começava a desgostar-me. Sobre tudo uma cousa que aborrecia era vêr os espantos que se faziam da minha pequena estatura e da minha apparencia debil.

Este facto repetiu-se na Europa e em Lisboa, Paris e Londres; ouvi por vezes expressar aos que me viam a desillusão que experimentavam, por me julgarem um brutamontes, um golias de talhe hippopotamico.

Mas se nas circumstancias em que eu estava em Pretoria, muitos eram importunos e me torturavam, muitos outros procuravam por todos os modos servir-me e obsequiar-me.

No numero dos ultimos, contei n'esse dia quatro, que foram o major Tyler <sup>1</sup>, capitão Saunders, do 8o, Mr. Fred. Jeppe e dr. Risseck, e recebi dois convites, um para jantar, de Mr. Osborn, secretario colonial e governador interino do Transvaal, e outro do dr. Risseck, para um sarau; mas nada d'isto me adiantava sobre a maneira de arrumar os meus pretos.

Pegando na minha carteira para procurar um resto de bilhetes de visita, encontrei n'ella uma carta de Mr. Coillard dirigida ao missionario hollandez Mr. Gruneberger. Aproveitei o ensejo que me offerecia aquella carta para fugir aos massadores, e fui entregal-a.

Mandei apparelhar *Fly* e parti.

A casa de Mr. Gruneberger é em Pretoria, mas um pouco afastada do centro da cidade. Chegado que fui, encontrei o missionario, homem muito novo, que me recebeu muito bem. Apresentei-lhe a carta de Mr. Coillard, e logo que elle a leu, offereceu-me o seu prestimo.

Fallei-lhe no embaraço em que estava para accommodar a minha gente, e elle promptificou-se a resolvel-o, offerecendo-me o quintal da sua casa, e a sala da escola, para elles dormirem á noite.

Acceitei pressuroso, e voltei ao café Europeu para mandar ordem ao Verissimo de ir com o wagon a casa do missionario.

Acceitando o offerecimento do Rev. Mr. Gruneberger, fiz-lhe instantes recommendações sobre o modo de tratar os meus pretos, pedindo-lhe sobre tudo, que os não tratasse de igual para igual, por que lhe fiz vêr que elles eram um pouco selvagens, e isso poderia trazer consequencias graves. Elle riu-se muito das minhas recommendações, e disse-me modestamente que o seu mister era tratar com tal gente, e por isso sabia do seu officio.

N'essa noite já os pretos dormiram na sala

da escola, e o wagon descarregado ficou livre para voltar ao Marico logo que a ferida de Low lhe permittisse pôr-se a caminho.

Fui ao jantar do secretario colonial, e ao sarau do dr. Risseck, e se da casa de Mr. Osborn sahia penhoradissimo das suas atenções, e muito contente por ter resolvido um dos maiores embaraços da occasião, a questão financeira, porque o governo interino do Transvaal, em nome do governo inglez, pôz á minha disposição o dinheiro de que eu carecesse; em casa do distincto medico hollandez não me esperavam momentos menos apreciaveis, porque passei alli uma das melhores noites que tenho passado em sociedade.

É verdade que o dr., recebendo em sua casa, apresenta aos convivas uma maravilha, que os thesouros dos nababos e o poder dos autocratas não podem apresentar. É mademoiselle Risseck, é sua filha, deliciosa criança, que acabava de deixar os trajés da infancia, e na qual o espirito e educação esmerada disputam primazias a uma belleza sem igual.

O dr. hollandez redobrou de instancias comigo para que fosse ser seu hospede, e eu de certo teria accettato hospitalidade tão franca e cordialmente offerecida, se não tivera uma promessa de Mr. Turner, de ter um quarto para mim no dia immediato.

N'esse dia, 14 de fevereiro, e terceiro de estada em Pretoria, acabavam de se resolver as minhas difficuldades.

O telegrapho tinha levado longe a noticia da minha chegada áquella cidade, e o telegrapho tinha trazido ordens, de Sir Bartle Frere, de Sir Theophilus Shepstone e do consul portuguez no Cabo, Mr. Carvalho, a meu respeito. Tinha a maior assistencia do governo inglez, e o portuguez, representado pelo consul do Cabo, ia além do estrangeiro.

A minha gente disse-me estar optimamente em casa do Rev. Gruneberger, e Mr. Turner dava-me um quarto. Verdadeiramente não era um quarto, era uma casa toda e independente, proximo do café Europeu.

Comecei a respirar e a achar-me á vontade, mas tinha ainda um ponto negro, um pesadello que me perseguia sempre, e era não saber o que fazer das mãos.

Andava sempre a procurar a carabina, e tamera a força do habito, que mais de uma vez cheguei a sahir á rua com ella, com grande espanto dos transeuntes.

(Continua.)

<sup>1</sup> Hoje coronel Tyler, que vive no seu palacio de Lyns-ead, em Sittingbourne (Kent).



VASOS DE PORCELANA DA DYNASTIA DOS MINGS — Desenhos de B. Ponnafox, segundo photographias de M. Thomsom

## PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 39 — 3.º anno)

Foi em 1776 que os mais habéis pintores d'entre os missionarios foram encarregados pelo imperador Kiène-long de fazer esta galeria de retratos, a que tambem se juntaram alguns quadros de batalhas.

Dias antes de 29 de junho tinha-se feito um ensaio geral do ceremonial da recepção n'um salão do ministerio dos negocios estrangeiros em presença de S. A. I., o principe Kong, presidente do conselho e tio paterno do soberano.

A 29 de junho, ás cinco horas e meia da manhã, reuniu-se o corpo diplomatico estrangeiro no bispado catholico, contiguo aos jardins que cercam o Tzen-konang-ko, no recinto imperial. Destacamentos de tropas pertencentes ás bandeiras tartaras estavam postados á entrada das ruas e ás portas, pelas quaes deviam passar os ministros plenipotenciarios estrangeiros.

«As seis horas, conta um membro do corpo diplomatico, s. ex.º Tchou-heou, antigo embaixador da China em Paris, veiu dar o signal da partida. Foi o primeiro a entrar como decano

do corpo diplomatico o ministro da Russia, o general Vlangali; os outros seguiram por ordem d'antiguidade e todos nos seus palanquins seguidos das respectivas escoltas de cavalleiros europeus e chinezes. S. ex.º Tchong-heou, secretario interprete da legação d'Allemanha e o da legação da França fechavam o prestito. A uma certa distancia do palacio a circulação tinha sido impedida. A policia armada de chicotes punha em ordem a massa de curiosos. Por fim a grande porta vermelha do palacio abriu-se; tres membros do conselho dos negocios estrangeiros receberam-nos no limiar, tendo ficado cá fóra a escolta. Tinhamos na nossa frente uma avenida ladeada d'arvores; obliquamos á direita e, depois d'algumas centenas de passos, chegamos em frente d'um pagode chamado Che-ine-kong. Depois de termos atravessado tres pateos fomos introduzidos n'um pequeno edificio dividido em dois compartimentos: é allí que o imperador se veste e descança quando vem fazer as suas orações. Em cada um dos compartimentos sobre mezas havia

doces, vinho e chá. O serviço era de porcelana vulgar.

«As paredes estavam cobertas com papel branco; alguns quadros eram os únicos ornatos. Fizeram-nos notar que estes quadros, em vez d'estarem dependurados, estavam colados á parede. É este o costume no interior do palacio. Todas estas pinturas eram mediocres e apenas valiam alguns mil reis. Estavam cercadas d'inscrições banaes, cuja calligraphia valia tanto como ellas.

«Quando chegamos encontramos o embaixador japonês, mr. Soyessima, esperando como nós por S. M. Tinha vestido o uniforme occidental bordado no peito e nas costas, calças de case-mira branca bordada a ouro e o espadim ao lado. Os dois interpretes andavam d'um lado para o outro, sustentando a conversação entre os ministros e os membros do conselho dos negocios estrangeiros.

«O chá era delicioso, o vinho bom; os doces nada tinham d'extraordinario. Fizeram-nos notar que algumas d'estas gulodices tinham sido feitas nas cozinhas imperiaes. Depois de tal recommendação, sendo-se delicado, não se podia deixar de comer algumas.

«Não deviamos esperar mais do que meia hora, mas só passada hora e meia nos vieram annunciar que o imperador ia para a sala d'audiencia do Tzen-koang-lo. Sua Magestade no caminho tinha recebido noticias que lhe annuciavam a victoria das suas tropas no Turkestan.

«Ás sete horas e meia deixamos o templo de Che-ine-kong e, voltando á grande avenida, fomos até junto d'um grande edificio, onde uma tenda de panno azul estava armada para nos receber. Quanto mais nos approximavamos d'esta tenda maior era a multidão dos officiaes de todas as cathogorias.

«O principe Kong, tio do soberano, estava alli com muitos membros do conselho dos negocios estrangeiros para receber o corpo diplomatico.

«Passados tres quartos d'hora d'espera annunciou-se a chegada do imperador.

«Todos os funcionarios chinezes se levantaram, abaixaram os braços e esperaram em pé fóra da tenda n'uma attitude respeitosa. Pareciam um pouco inquietos; talvez pensassem que a curiosidade dos estrangeiros se manifestaria d'uma maneira inconveniente.

«O principe Kong afastou-se e um membro do conselho privado veio buscar o embaixador japonês. Seis a sete minutos depois os cinco mi-

nistros estrangeiros collocaram-se por ordem d'antiguidades e, sahindo assim da tenda, cruzaram-se com s. ex.<sup>a</sup> Soyessima, cuja audiencia particular terminara.

«A escada da sala da audiencia estava a dois passos; os ministros subiram seguidos do seu interprete e cada um acompanhado de dois altos funcionarios que, posto que a escada de nove degraus de marmore branco fosse muito larga, iam tão juntos de cada ministro que os apertavam; receavam, affirmaram-me, que a commoção os fizesse desmaiar; iam assim promptos a segural-os.

«Esta escada lateral dá accesso a um vasto terraço que corria a todo o comprimento do palacio. A immensa sala do throno tinha as suas cinco grandes portas abertas sobre o terraço do lado do sul. Assim, logo que se chegava ao terraço, e ainda que não fosse de frente, abraçava-se n'um relancear d'olhos toda a sala do throno.

«No meio do terraço, em face da porta central, estava uma ala de dez guardas nobres armados com uma lança, da qual pendia uma cauda de leopardo. Entre esta porta central e o pata-mar da escada havia duas outras grandes portas.

«Vimos immediatamente, no fundo da sala, o imperador no throno. Tiramos o chapéu ao passar pela porta mais proxima da abertura central. Quando fizemos a terceira saudação estavam em frente d'uma espaçosa meza coberta com um panno de setim amarello. Esta meza, cujas extremidades estavam guardadas, a da direita pelo princippe Kong, a da esquerda por s. ex.<sup>a</sup> Ouene-siang, impedia que nos approximássemos do throno, que estava a alguns passos de nós, sobre um estrado, a que se subia por uma escada de tres degraus. Logo que o decano do corpo diplomatico leu o discurso de felicitação collectiva dos ministros, o secretario interprete, M. Bismarck, traduziu-o e os ministros depozeram sobre a meza as credenciaes dos seus respectivos soberanos. O imperador n'este momento fez uma leve inclinação com o corpo. De cada lado do estrado do throno partia obliquamente uma fila de guardas de corpo de sabre em punho.

«O imperador estava sentado com as pernas cruzadas. Parecia ter menos de dezoito annos. A physionomia era intelligente. A cabeça magra e pallida recordava o typo dos Valois; estava vestido muito simplesmente, sem bordado algum.

«O throno era de madeira dourada com almofadas amarellas; á esquerda do throno, d'uma especie de cavallette estava suspenso um sabre, velho emblema do regimen tartaro, agora abastardado pela sua transacção com o pincel dos lettrados chinezes.

«Na sua immobilidade o imperador parecia curioso e embaraçado. Para elle, talvez, os occidetaes tinham sido sempre seres phantasticos que lhe eram representados como selvagens.

«Por traz do throno estava uma pedra preta coberta d'inscripções; na frente estavam vasos esmaltados, onde se queimavam perfumes. Era isto, com algumas lanternas, os unicos ornamentos da sala onde tinhamos sido recebidos.

«O principe Kong, tio do imperador, subiu ao estrado e ajoelhou-se junto do throno para receber a resposta imperial. Eu não ouvi a voz do imperador. O principe Kong levantou-se, desceu a escada do lado direito e veio reproduzir as palavras do soberano.

«Em seguida, recuando e fazendo tres novas medidas, sahimos.

«Terminára a cerimonia.

«A audiencia collectiva durára sete ou oito minutos. Fomos reconduzidos ao pagode Che-inekong, onde já estava o embaixador do Japão e onde tambem veio ter connosco o ministro de França, M. de Geoffroy, a quem tinha sido concedida uma audiencia particular. Conversou-se um pouco, trocaram-se as primeiras impressões e depois de nos termos despedido, os membros do conselho dos negocios externos conduziram-nos até á porta em que nos tinham recebido.

«Até ao fim da cerimonia todos os funcionarios chinezes, exceptuando talvez s. ex.\* Tchongheou, mais ao corrente dos nossos costumes e do nosso character, recebiam evidentemente que faltassemos á etiqueta. É pelo menos o que se póde concluir d'alegria que mostraram quando tudo terminou.»

O pagode dos marceneiros—O sacerdote—A nossa refeição  
—O buddhismo—Dois cantores

O pagode em que devia passar a noite no regresso da collina d'Onane-cheou-chane não é digno d'uma longa descripção. Como disse é consagrado ao patrono dos marceneiros.

Approximamos-nos. Uma pequena porta baixa dá accesso para um socalco fendido pelas aguas da chuva que dias antes se revolviam tumultuosamente nas estreitas ruas de Hai-tiene.

Junto do muro um velho bonzo acorçado,

parece esperar a morte na beatitude extatica do Nirvanah. Está encostado a uma especie de nicho, onde ha um pequeno idolo arruinado pelo tempo.

O pagode é composto de tres pateos.

Para o primeiro, comprehendido entre quatro muros, dão as tres portas do segundo. A do meio é para serviço do santo patrono do templo e só para elle se abre, isto é nunca.

No segundo pateo a oeste ha um pequeno edificio, onde se amontoam á noite os artistas vindos da cidade para trabalhar no campo ou no palacio de Suane-migne-yuane.

No centro um edificio maior contém os idolos e as provisões do templo; a éste ha um edificio semelhante ao do oeste, isto é, composto de dois pequenos compartimentos, dos quaes um é a cosinha e o outro o quarto de dormir do bonzo sacerdote do templo.

O bonzo estava arrançando os legumes que haviam de servir no seu parco jantar. Posto que só vivesse de plantas, como todos os sacerdotes buddhistas, era um rapagão de notavel rotundidade. A sua grande cabeça calva parecia uma lua cheia e o aspecto do seu tronco lusidio, que elle tinha posto a nu para assim estar mais fresco, não tinha nada de classico.

Demos-lhe uns bons dias amigaveis e passando para o terceiro pateo entramos na habitação que elle tinha tido a amabilidade d'alugar aos nossos amigos a razão de sessenta francos por mez e que se compunha d'um pequeno quarto tendo ao lado um outro um pouco maior, d'um quarto para os criados, d'uma cosinha e d'um alpendre servindo de cavalharice; a sala de jantar era n'este dia á sombra d'uma immensa nogueira, o principal ornato do terceiro pateo.

Em quanto jantavamos os meus olhos fixaram-se em duas inscripções que ressaltavam das paredes do templo. Na primeira lia-se: «A roda do mundo gira sempre sobre si mesma» e a outra: «em quanto que o esplendor do astro de Fo vae sempre augmentando.»

Tchang (era o nome do bonzo) veio, em quanto jantavamos, visitar-nos; offereceu-se-lhe uma cadeira; gostava que se lhe fallasse na sua saude, pois que se lhe dava azo a que se dissesse muito doente e a que bebesse alguns copos de vinho. Era comtudo preciso dar-lhe o vinho com certas formalidades. Abria-se uma garrafa expressamente para elle, afiançando-lhe que era uma garrafa de remedio. Então bebia com confiança e estendia repetidas vezes o copo, sempre

fazendo repetir que era um medicamento; em breve uma suave melancolia se apoderava d'elle; não se lhe podia sem grave offensa dizer-lhe que estava embriagado; o vinho era-lhe prohibido, mas fallava de boa vontade na transmigração da alma e em Nirvanah.

N'esta tarde fallou-se-lhe tambem na visinha que batia no marido, um mestre escola. Ordinariamente discursava n'este assumpto; contava com unção as exortações que fazia á mulher e os conselhos philosophicos que dava ao marido. As insinuações que se lhe faziam relativamente á sua mediação suspeita no casal, faziam-no sorrir e tornavam-o communicativo; mas n'esta tarde nada se conseguia; estava com uma grande inquietação que não sabia como communicar-a.

A estrada imperial distava do pagode menos de meio kilometro. Nós eramos sete occidentaes turbulentos e capazes de tudo. O imperador devia passar no dia seguinte pela manhã na estrada e a imaginação do bonzo já nos via, caçando para estes lados, sermos presos pelos guardas do soberano e accusados d'uma tentativa de regecidio e elle atrozmente comprometido por ter dado no seu templo guardada a sete conspiradores.

Estava pallido, o medo fazia-o gaguejar. Só voltou a si quando lhe affirmamos que cançados como estavamos só desejavamos dormir. Ouvindo esta declaração levou o seu enternecimento até querer-me ceder o seu quarto de cama.

Todos sabem que o buddhismo acceitou do brahmismo o dogma da transmigração das almas que se tornou a base da sua doutrina. Buddha, nascido na India no anno 622, antes de Christo, comparava o mundo a uma roda sem fim girando sempre sobre si mesma. O homem encontrava-se umas vezes em cima, outras vezes em baixo, segundo o seu estado de pureza e os erros commettidos durante as suas existencias anteriores e successivas. Esta doutrina da expiação fatal dá aos buddhistas o sentimento da compaixão absoluta para comtudo que elles julgam viver para morrer e só morrer para renascer; por isso este sentimento vae nos sacerdotes buddhistas até ao ponto de conservarem os mais immundos parasitas.

A ideia de passar a noite com almas peccadoras, ás dôres das quaes entre nós teria posto fim o insecticida Vicat, não tinha nada de convidativo. Tchang posto que supportasse companhia tão asquerosa disse-me todavia que nunca taes companheiros tinham sido do seu agrado.

As mordedelas inspiravam-lhe os pensamentos mais elevados sobre a existencia do homem, que apenas é um circulo indefinido de males e dôres; e o que elle mais temia ainda do que as mordedelas d'estes parasitas, era de mais tarde soffrer a sua propria sorte. Para escapar a tal fatalidade só um caminho tinha: evitar a transmigração attingindo o nada, o aniquilamento, n'uma palavra, o Nirvanah, pelo conhecimento das quatro sublimes verdades, *aryani satyani* e pela pratica dos oito grandes deveres.

As quatro verdades são: 1.º a existencia da dôr; 2.º a producção da dôr pelas paixões, pelos desejos e erros; 3.º aniquilamento da dôr pela destruição dos desejos e das aspirações e pela indifferença nas alegrias e soffrimentos; 4.º meio de chegar ao aniquilamento da dôr.

Os oito grandes deveres são: 1.º a fê; 2.º a justiça; 3.º absoluta verdade; 4.º a boa intenção; 5.º a devoção; 6.º a obediencia; 7.º a memoria; 8.º a meditação.

Todo este systema se baralhava no meu espirito ao mesmo tempo que a imagem pouco elegante do rotundo sacerdote me apparecia e crescia na minha somnolencia. Comtudo conservei bastante presença d'espirito para comprehender que elle me queria ensinar a encontrar na physionomia das pessoas os indicios dos animaes para que podiam transmigrar.

Esta lição de phrenologia de novo genero foi interrompida pelo toque d'um tam-tam e d'uma campainha. Tive de fazer um esforço para me convencer que este barulho pertencia ao mundo real. Era meia noite. O sacerdote Tchang levantava-se regularmente a esta hora para vir rezar a Buddha e queimar-lhe incenso.

Tudo acabou depressa. Adormeci; mas tinha de ser por pouco tempo.

As almas pranteadas e protegidas por Tchang espicaçavam-me e para cumulo d'horror, para qualquer lado que me voltasse ouvia em surdina o côro dos conspiradores da *Filha da sr.ª Angot*. Buddha d'um lado, Lecocq do outro, era impossivel!

O desespero fez-me abrir os olhos, e qual não foi o meu espanto ao vêr, á luz d'uma lua esplendida, dois dos meus companheiros em pé junto de mim! Os cantores tinham, tanto como eu, podido conciliar o somno e, já fatigados de perseguir a bicharia, vinham-me recordar que se dissera que o imperador passaria n'essa manhã. Queriam absolutamente vê-lo. Julguei conveniente mostrar-lhes os perigos reaes de tal em-

preza. Era preciso primeiro sahir do pagode sem despertar o bonzo e os seus receios; depois mister era escondermos-nos n'uma casa á beira da estrada imperial e a porta do templo estava fechada á chave.

Mr. Tchang roncava aos pés de Buddha; mas tirar-lhe a chave sem que elle o presentisse não era cousa facil e além d'isso nós não conheciamos ninguem que morasse na estrada e não era a uma hora da manhã que poderíamos ir bater a qualquer porta sem nos tornarmos suspeitos.

Admittido mesmo que conseguissemos o ser

recebidos em qualquer habitação, podíamos ser surpreendidos pelos guardas que logo ao amanhecer percorriam a estrada; nem tão pouco sabíamos se as casas seriam revistadas antes da passagem do imperador. Sendo surpreendidos passaríamos maus bocados, e tanto mais que uma circular do governo chinéz desde a vespera convidara, segundo o costume, todos os membros do corpo diplomatico e os seus compatriotas a não assistirem á passagem do cortejo. Toda a minha eloquencia se perdeu; tive de ceder ao capricho dos meus amigos; tudo quanto lhe dis-



VASOS DE PORCELANA DA DYNASTIA DOS TSINGS — Desenhos de B. Bonnafoux, segundo photographias de M. Thomson

sera só teve por fim juntar ao desejo de ver o filho do ceu, o de experimentarem as commoções sentidas pelos conspiradores.

Accordei os nossos criados de Pekin; por felicidade um d'elles tinha um primo que habitava uma casa á beira da estrada imperial. Saltamos em seguida por cima do muro do pagode e isto por consideração com o Nirvanah do sacerdote Tchang.

No caminho — Uma miseravel habitação — A musica dos pombos — A passagem do imperador — Projecto de reconstrução do palácio de Yuane-migne-yuane.

Como já disse a noite estava esplendida; deante de nós, illuminada pelo luar, erguia-se

uma torre buddhica. Estas torres erguem-se junto dos tumulos dos sacerdotes buddhicos, que morrem em cheiro de santidade, e algumas são construidas á custa das promessas dos fieis. Depois de meia hora de caminho pelo campo o nosso guia deixou-nos para ir parlamentar com o seu parente; nós tinhamos ficado sentados a cinquenta passos da casa, uma pequena cabana coberta de sorgho.

Os muros da choça de terra amarella tinham á altura d'um homem pequenas fendas discretas. Era aquillo de que precisavamos. Os cães que ladravam, começaram a ganir. Sem duvida tentavam calal-os á bordoadá. Preparavam-se pois para nos receber. O nosso guia em breve nos

introduziu n'um antro sordido illuminado vagamente por uma candeia de luz frouxa.

A esta claridade bruxuleante depois de muitos esforços distinguimos uma fôrma humana deitada n'uma enxerga; acabamos por reconhecer n'esse vulto uma mulher octagenaria, um medonho typo de feiticeira de dedos aduncos; a perspectiva do ganho dava-lhe ainda forças para invectivar o genro, um homem de quarenta annos. Descompunha-o por não ter exigido de nós, antes de entrarmos, avultada somma de dinheiro. O nosso guia tentava socegal-a dizendo-lhe que eramos por habito generosos. Pareceu-nos que não conseguiram convencel-a, pois que os dois homens como se fossem movidos por uma mola pegaram na velha e levaram-na não sei para onde. Depois nada mais se ouvira. Decididamente nada faltava á nossa aventura, nem mesmo o *mise-en-scene*, nem os comparsas. Eram quasi tres horas. Que fazer até ao nascer do dia? Esquecemos primeiro o logar em que estavamos; era o melhor que tinhamos a fazer. Tentamos dormir, fumamos muito, conversamos sobre a hypothese de sermos descobertos pelos guardas de serviço. Uma coisa nos tranquillizava algum tanto, era o sabermos bem a lingua chineza. N'isto tinhamos uma pequena garantia que, melhor ou peor, sempre sahiriamos das difficuldades.

Em breve a natureza despertou. Primeiro foram milhares de corvos que passavam por cima das nossas cabeças; depois os gallos saudaram o sol nascente; os guardas encarregados da policia da estrada chegavam de todos os lados; algumas vezes passavam quasi junto a nós; n'estes momentos retinhamos a respiração; as aberturas que a choça tinha para a estrada tinham uma especie de transparentes de grosseiro panno que impediam os insectos de lhe inundarem o interior. Esses transparentes occultavam-nos as cabeças. Bandos de pombos sahiam das habitações visinhas. Os instrumentos que os chinezes atam á cauda d'estas aves para assustar as aves de rapina dão no ar uma prolongada nota sonora.

Eram sete horas da manhã. Os guardas occupavam-se em encher com fina areia amarella as cavidades da estrada. De repente dois d'elles destacaram d'um grupo estendendo a mão para o nosso lado e dirigiram-se para a cabana. Fítamos-nos uns aos outros. Nenhum de nós tinha vontade de rir. Felizmente o que lhes tinha chamado a attenção era uma grande pedra junto da parede e na qual commodamente se podiam

sentar. Dentro em pouco cavalleiros passaram a galope.

Dois batedores precedem sempre o cortejo imperial. O primeiro sahe do palacio um quarto d'hora antes do soberano; o segundo caminha duzentos metros na sua frente. Uns outros formam um pelotão que vae na frente do cortejo. Quando passou o segundo batedor todos os guardas da estrada estavam perfilados de vinte em vinte passos. Já se avistava ao longe por entre uma nuvem de poeira um grande guarda-sol amarello. Uns vinte cavalleiros marchavam em vedetas ao longo da estrada; todos levam ao tiracol um pau mettido n'uma bolsa de coiro. São estes que em caso de necessidade são enviados com ordens; aquelle bastão é o signal porque são reconhecidos. A curta distancia d'estes iam quatro officiaes dos quaes um levava um guarda-sol amarello, emblema imperial. Quasi immediatamente atraz vinha o imperador com os principes e altos funcionarios que lhe compunham o sequito; marchavam em massa. Conversavam uns com os outros e distinguir-se o imperador dos que o rodeavam era impossivel. Ia montado n'um pequeno cavallo baio tostado, arreado com seda amarella como aquelles em que iam os principes de sangue; outros cavallos iam arreados com seda violeta o que indica um grau de nobreza menos elevado.

O imperador e todo o sequito iam n'uma especie de passo travado, andar favorito dos chinezes. Atraz d'este grupo ia o palanquim imperial levado por dezaseis homens com librè amarella e vermelha. O palanquim ia coberto com farta manta amarella e prompto a receber o imperador, se este se sentisse fatigado.

O sequito do imperador não leva, pelo menos aparentemente, especie alguma d'armas. Seria mesmo impossivel attentar contra a vida do imperador, visto que muitas horas antes da sua passagem fica a viação prohibida.

Só começamos a sentir-nos tranquilllos quando vimos os guardas que guarneciam a estrada ir, pouco a pouco, desaparecendo. Quando estavamos para nos virmos embora trouxeram novamente a velha feiticeira. Por mais generosos que fomos a velha não nos agradeceu e continuou resmungando. — Onde teria ella passado a noite?

Como já disse, o imperador ia ao palacio Yuane-migne-yuane. O joven soberano desde que se tornara maior mostrara desejos de tornar a vêr este palacio que não avistava havia uns quin-

ze annos. Quando chegou um funcionario intrigante tinha-lhe subornado os eunucos, guardas do palacio. Tinha trazido para o grande lago do palacio um barco que devia ser para o imperador, que até alli não tinha posto o pé

dentro de embarcação alguma, objecto de grandes tentações. Effectivamente só teve elogios para quem tão agradável surpresa lhe fizera.

(Continúa.)

## UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITALIA

POR VIRIATO SILVA

(Continuação da folha 40—3.º anno)

EM vÃO procuramos encontrar entre as duas columnas que marcam a entrada da Piazzetta, coroada uma pelo leão alado, actual patrono da cidade, e a outra encimada pela estatua do seu antigo patrono S. Theodoro, o sitio onde foram decapitados Marino Faliero e Carmagnola, e onde, por tantas vezes, embarcaram os heroes venezianos que foram á conquista da Moreia, da ilha de Candia e das Jonicas, e que avassalaram com as suas galeras Genova, Piza, a Sardenha e a Turquia;—o silencio que agora reinava era apenas interrompido pelo monotonico canto de um ou outro gondoleiro, que atravessava o canal, e me fazia parecer que tudo havia sido um sonho.

Onde estão os palacios illuminados com cambiantes luzes e cobertos de colgaduras, e as resplandecentes gondolas coroadas de pequenos pharoes que se viam nas noites das festas solemnes, como as da alliança do Doge com o Adriatico?

O palacio ducal jaz no mais sepulchral silencio, e, em vez do deslumbramento e do bulicio das festas, vê-se a lua com a sua luz melancolica coada atravez das arcadas, deixando transparecer o variado estylo dos arcos das galerias, as volutas cheias de arabescos, as amêas rendilhadas e os columnellos finos e transparentes.

A *janella do escrutinio*, esse balcão d'onde ruidosamente foram proclamados Dandolo Moncenigo, Foscari e tantos outros nobres monarchas do Mediterraneo, está agora deserto e silencioso.

Já não é a Veneza dos primeiros seculos, — poderosa e nobre. Essa alma valente que a alentou durante um longo periodo fugiu, deixando um cadaver conservado pelo capricho do tempo e pelo respeito dos homens.

Não é aquella republica rica e orgulhosa á

qual iam render tributo todas as nações do Occidente; não é aquella rainha dos mares que era por todos admirada e respeitada; é a republica escarnecida pelos triumphos das armas da Turquia, submettida mais tarde por Napoleão, escravizada pelos austriacos e ultimamente incorporada á unidade italiana.

\* \* \*

O dia seguinte amanheceu claro, esplendido, mais proprio da risonha primavera do que do rigoroso inverno. O sol estendia a sua ruiva cabelleira pelo amplo e azulado canal, formado pelas tranquillias aguas do Canalazzo, fazendo resplender em formosos cambiantes as marmoreas paredes dos palacios que se erguem nas margens. A cidade inteira emergia da superficie das lagunas, alva e fresca, como que sahindo do salso banho matinal.

Uma excursão pelo Canalazzo é sempre um passeio de orientação que ninguem deixa de dar, ao menos uma vez como preliminar e ponto de partida para o interior da cidade. O Canalazzo é equivalente aos *boulevards* de Paris, ao Regent Street de Londres, ao Prado de Madrid, e fallando no idioma de Camões, ao Chiado de Lisboa. Excede entretanto a todos aquelles logares privilegiados pela sua grande extensão (3 kilometros de comprimento por 60 metros de largura), belleza artistica, e principalmente pelas ua rara originalidade veneziana que não se encontra em parte alguma. É ainda notavel por ter sido este canal o predilecto da antiga nobreza, inscripta no *livro de ouro*:—os Castellani, para a edificação de seus palacios, os quaes se agglomeravam na margem esquerda, em contraposição aos dos ricos democratas, os Nicoletti, que habitavam a margem direita.

Hoje, é a via essencialmente commercial, é a arteria principal d'onde se derivam os canaes para o interior da cidade.

Embarquei na gondola, e depois de chegar á extremidade inferior do Canalazzo, mandei remar em sentido opposto, afim de percorrer em toda a sua magestosa grandeza a principal via maritima de Veneza.

O gondoleiro, que vae remando de pé á pòpa junto ao *felze* em que vou assentado, vae gesticulando e nomeando os mais ricos palacios e monumentos:—á direita, os jardins do palacio real, debruçados sobre o canal e seguidamente os palacios *Giustiniani*, de estylo ogival; *Emo Treves*, encerrando as duas ultimas obras primas de Canova—*Heitor e Ajax*; *Zuchelo*; *Contarini Tazan*, restaurado n'estes ultimos annos; *Cornier*, construido por *Sansovino*; *Barbaro*, que data do seculo xiv; *Fini*, hoje *Grande Hotel New-York*; *Cavalli*, magnifica residencia do pretendente conde de Chambord. Á esquerda a *Doga-na di Mare* (alfandega); a egreja de *Santa Maria della Salute*, e os palacios *Dario Angarini*, de estylo lombardo; *Mula*, de estylo ogival; e *Manzoni*, o unico que gozava de feudo na republica.

Atravessamos a ponte de ferro, conhecida pelos venezianos por ponte *Serra della Canita*, abraçando com um só arco toda a largura do Canalazzo.

De um e outro lado, por mais que estendamos as nossas vistas para o extremo do canal, não vemos mais do que soberbos palacios em frente de cujas fachadas a gondola vae deslizando tranquillamente e dando apenas o tempo necessario para lançar os nossos ávidos olhares, á direita, para o palacio *Solin*, pertencente á duquesa de Parma; *Malipiero*, estylo da Renascença; *Grasi*, portentosa habitação do opulento banqueiro austriaco Sina, a quem a Grecia deve uma grande parte dos seus melhoramentos; *Contarini delle figure*, estylo da Renascença e adornado com uma profusão de escudos e trophes; *Mocenigo*, residencia predilecta de lord Byron. As paredes d'este palacio devem ainda repetir as fementidas promessas do joven lord, dotado das tres mais irresistiveis seducções—talento, formosura e riqueza, e ante quem as mais peregrinas formosuras se rendiam submissas; *Spineli*, de estylo lombardo; *Grimani*, obra prima de Sanmicheli; *Dandolo*, estylo veneziano do seculo xii, adornado segundo o estylo bysantino; *Loredan*, antiga residencia do desthronado rei de Chypre; *Dandolo*, de estylo gothico (aqui

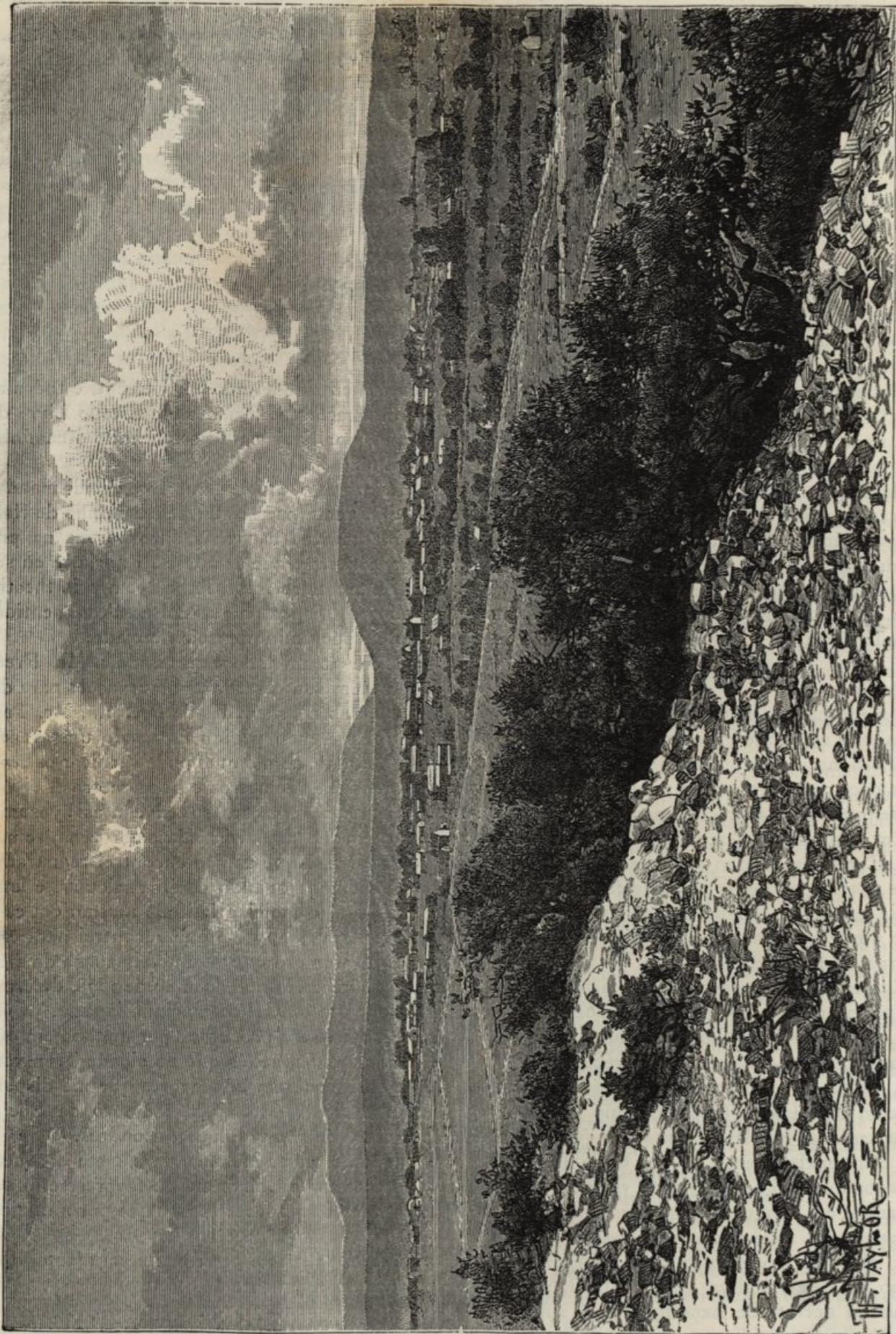
habitou o celebre doge Henrique Dandolo); *Manin*, cuja fachada é de Sansovino. Foi aqui onde fez a sua abdicação o ultimo doge, Luiz Manin, em 4 de maio de 1797, á approximação das aguias francezas. É d'esta época que data a perda do prestigio de Veneza.

Passemos, n'este trajecto, revista á margem esquerda do Canalazzo, especificando as suas bellezas.

Comecemos pela Academia das Bellas Artes, da qual nos occuparemos em outra parte com alguma minuciosidade, e os palacios: *Serigni*, construido por Scamozzi; *Rezzonico*, denominado pelos gondoleiros *dei due Ambasciatore*; <sup>1</sup> *Giusticiani*, de estylo ogival; *Foscari*, do mesmo estylo, pertencente ao seculo xv e hoje escola superior do commercio; *Balbi*, construido por Alexandre Vittorio na melhor época da Renascença; *Grimani a S. Paolo*, da primeira época da Renascença; *Persico*; *Tiepolo*, do começo do seculo xvi; *Pisani*, do estylo ogival do seculo xiv; *Barbarigo della Terrazza*; *Sturuser*, no estylo da Renascença, e *Pisani Moretta*, de estylo ogival.

Estavamos em frente da celebre ponte do Rialto, construida em fins do seculo xvi, e apesar da sua vetustez é ainda hoje a ponte mais bella e elegante de Veneza. O seu atrevido arco de marmore branco, abraçando as duas margens do canal, as galerias que a guarnecem lateralmente occupadas por um sem numero de lojinhas onde se vendem os mais variados brinquedos, mosaicos baratos, chromos e estampas, representando as vistas originaes da cidade com os seus palacios aquaticos e os seus canaes repletos de gondolas empavezadas, e principalmente pelo continuo movimento de peões que a percorrem, n'um vai-vem constante em razão da sua situação no coração da cidade, e por se acharem nas suas extremidades os mercados de peixe, dos legumes e fructas, fazem do Rialto o ponto mais alegremente pittoresco de Veneza. Desde que o sol nasce, até que se põe para além das aguas tranquilladas do Lido, intervallo apenas em que andam fóra os filhos do paiz, e desde o pôr do sol até ao amanhecer, hora que os estrangeiros escolhem de preferencia para recrear-se nas bellezas da rainha do Adriatico, o Rialto é o sitio mais bulhoso de quantos se possam imaginar.

<sup>1</sup> Em allusão ás duas estatuas que ornamentam a fachada.



VISTA DE PRETORIA — Desenho de Taylor, segundo uma gravura do *Graphic*

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

## A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 42—3.º anno)

NESSE dia remunerarei Low e o endiabrado Christophe, que resolveram partir no dia immediato, apesar de a mão de Low não apresentar sensiveis melhoras.

Mandei por Low uns pequenos presentes a a sua avó, a velha megera do acampamento Boer, e as suas irmãs, as duas bonitas raparigas que cosinhavam cebolas.

Retribui e despedi tambem o Betjuana Farrelan, que tão bons serviços me tinha prestado de Sol's Port a Pretoria, e por elle escrevi a Mr. Gonin, o bom missionario francez do Piland's Berg.

Fui em seguida ao *Cape Colonial Bank*, onde deposei a somma do meu débito a Mr. Taylor de Shoshong, que, continuando as suas delicadezas para commigo, ainda a esse tempo não tinha feito apresentar a lettra para o accite.

Em seguida a estes passos, fui para minha casa, d'onde escrevi ao governador de Moçambique, participando-lhe a minha chegada a Pretoria, e pedindo-lhe para mandar expedir de Aden um telegramma que lhe enviei, dirigido ao governo de Portugal.

Continuavam os favores que não cessavam de dispensar-me as principaes pessoas de Pretoria, e eu quasi não tinha occasião para comer no café europeu, tantos convites recebia.

A 15 de fevereiro tive uma larga conversação com Mr. Fred. Jeppe, o sabio geographo Transvaaliano, e pelas informações que elle me deu, combinadas com o que me havia dito o governador interino e Mr. Swart, vi que a guerra dos zulos era um embaraço á continuação da minha viagem. Era-me quasi impossivel ir a Lourenço Marques, como eu queria, e mesmo o caminho da costa ingleza estava difficil, porque depois da derrota de Isandhlwana, os zulos estavam apenas contidos por o bravo coronel E.

Wood, <sup>1</sup> entrincheirado em Utrecht, e todas as communicações se faziam pelo Estado Livre de Orange, por Harrismith, triplicando o caminho e as difficuldades.

Logo que estudei a questão, decidi mandar a minha gente para Natal pelo caminho de Harrismith com as bagagens, incorporada na primeira caravana que largasse Pretoria, e eu sósinho e escoteiro ir em linha recta pelo theatro da guerra. Dispuz pois as coisas n'esse sentido, e fiquei esperando o ensejo desejado.

O dia 16 foi todo consagrado a Mr. Fred. Jeppe e em sua casa fiz as observações para determinar as coordenadas de Pretoria. Mr. Turner tinha a meu pedido fabricado um grande bloco de gêlo, com o qual pude verificar os zeros dos meus thermometros e hypsometros.

D'essas observações só existem as hypsometricas, porque as astronomicas perderam-se não sei como. Sei que as não encontrei registradas em Maritzburg quando as quiz calcular, e lembra-me que calculei a latitude mesmo em casa de Mr. Fred. Jeppe, e que encontrei para ella o mesmo numero que vem no almanach do mesmo senhor, creio que do anno de 1878, determinada por um official da marinha ingleza.

Fui n'esse dia procurado por um homem que se devia unir áquelles que na cidade Transvaaliana se excederam nos favores que me dispensaram. Foi elle Mr. Kish, membro da Sociedade Real de Geographia de Londres.

Madame Kish, Madame Imink e a baroneza Van-Levetzow enchiam-me de favores, e nunca lhes poderei agradecer tudo o que por mim fizeram.

No dia 19 recebi um convite para jantar dos officiaes do regimento 80.

<sup>1</sup> Hoje general Sir Evelyn Wood, K. C. B.

Não posso deixar de narrar um episodio d'este jantar, que me commoveu em extremo. Eu continuava a usar os mesmos trages, e apenas tinha feito uma absoluta reforma de roupa branca. Eu não possuia dinheiro meu, e aquelle que saquei sobre o governo era destinado ás despesas necessarias da expedição, e não ás minhas necessidades particulares; por isso não comprava roupa por não ter com que a comprar, e só o fiz em Durban quando encontrei quem me emprestasse dinheiro a mim como particular. Por esta razão os meus andrajos continuavam a cobrir-me, e n'aquelle jantar destoavam completamente dos brilhantes e esplendidos uniformes que vestiam os officiaes do 8o e os convidados. O jantar correu alegre como entre officiaes que estão em campanha. Devia ser.

Eu estava de excellente humor, e ria de uma ou outra anedota picante, quando umas duzias de estalos vieram mostrar que os criados faziam saltar as rolhas do espumante champagne. Encheram-se os copos, esses pires de crystal sustentados por um problematico pé perfurado, d'onde sobe sem cessar uma fervura gelada, tão grata á vista como é grato ao paladar o liquido dourado em que ella se fórma.

O major Tyler, que presidia á meza, levantou-se, e tomando o copo, pronunciou essa palavra, que, nos mais ruidosos jantares inglezes, impõe o mais profundo silencio. Major Tyler, disse com a sua voz forte e sonora:

«Gentlemen!»

«Gentlemen, a sua magestade el-rei de Portugal.»

Nós, todos de pé, iamos corresponder á saude, quando a musica do regimento rompeu o hymno d'el-rei D. Luiz, que foi escutado de pé no meio do maior silencio.

Não é possivel pintar as sensações que experimentei ao ouvir aquella musica, aquelle hymno patriótico tocado em terra estranha, aquella homenagem prestada ao meu paiz na pessoa do seu soberano.

Se devi muitos favores e muita amizade ao major Tyler, agradeço-lhe acima de tudo a surpresa que me deu n'aquelle momento.

A afinidade de vida levava-me todos os dias ao acampamento das tropas inglezas, onde eu, se não jantava, almoçava, prendendo-me verdadeira amizade a muitos dos officiaes, um dos quaes se tornou meu inseparavel.

Era elle o bravo capitão Allan Saunders. Da mesma idade e encontrando um no outro iden-

ticas inclinações e gostos, o tempo que eu não passava com Saunders passava-o elle commigo. Todas as tardes ás 4 horas nos encontravamos em casa da baroneza Van-Levetzow, onde apparecia tambem ás vezes o major Tyler, e onde se reunia uma distincta sociedade de elegantes e formosas damas.

A baroneza dava-nos um optimo e exquisito café, que era servido por sua filha, uma encantadora criança loura e azougada.

Sabendo-se da minha ligação com Saunders, já eu não recebia convite sem que elle fosse convidado tambem, e assim passamos muitas horas deliciosas em casa de Madame Kish e de Madame Imink e outras. Aquillo era um ceu aberto, e emquanto eu não tinha mais que fazer do que esperar os acontecimentos, só pensava em passar o tempo o mais agradavelmente que podia.

Se eu tinha trabalhado e soffrido tanto!!

Fui avisado de que um comboio de vagonos deveria partir para a cidade de Durban no dia 22, e tratei de contratar com os conductores o transporte da minha gente e bagagens. Este comboio devia gastar de 35 a 40 dias no caminho, e por isso deixava-me largas para me demorar ainda em Pretoria algumas semanas, porque eu calculava gastar apenas seis dias para alcançar o mar.

No dia 21 estava eu preparando umas caixas em que deviam ir uns passaros, que eu trouxera, e que tinham sido cuidadosamente arranjados por Mr. Turner, em que deviam ser acondicionadas as pelles, despojos das minhas caçadas, e uns insectos que pude aproveitar, porque dos muitos que apanhei ao sul do Zambeze só chegaram a Pretoria pernas, cabeças e corpos separados, sendo impossivel ao mais versado entomologico dizer a que cabeças pertenciam aquelles corpos e a que corpos pertenciam aquellas pernas. Estava eu arranjando aquillo, estupefacto com o preço que me custava cada bocadinho de tabua, que é o genero mais caro que encontrei em Pretoria, onde tudo é caro, quando me vieram chamar a toda a pressa, dizendo-me que tudo em casa do rev. Gruneberger andava n'uma poeira com a minha gente, que já havia mortos e feridos e não sei que horrores mais.

Corri a casa do missionario.

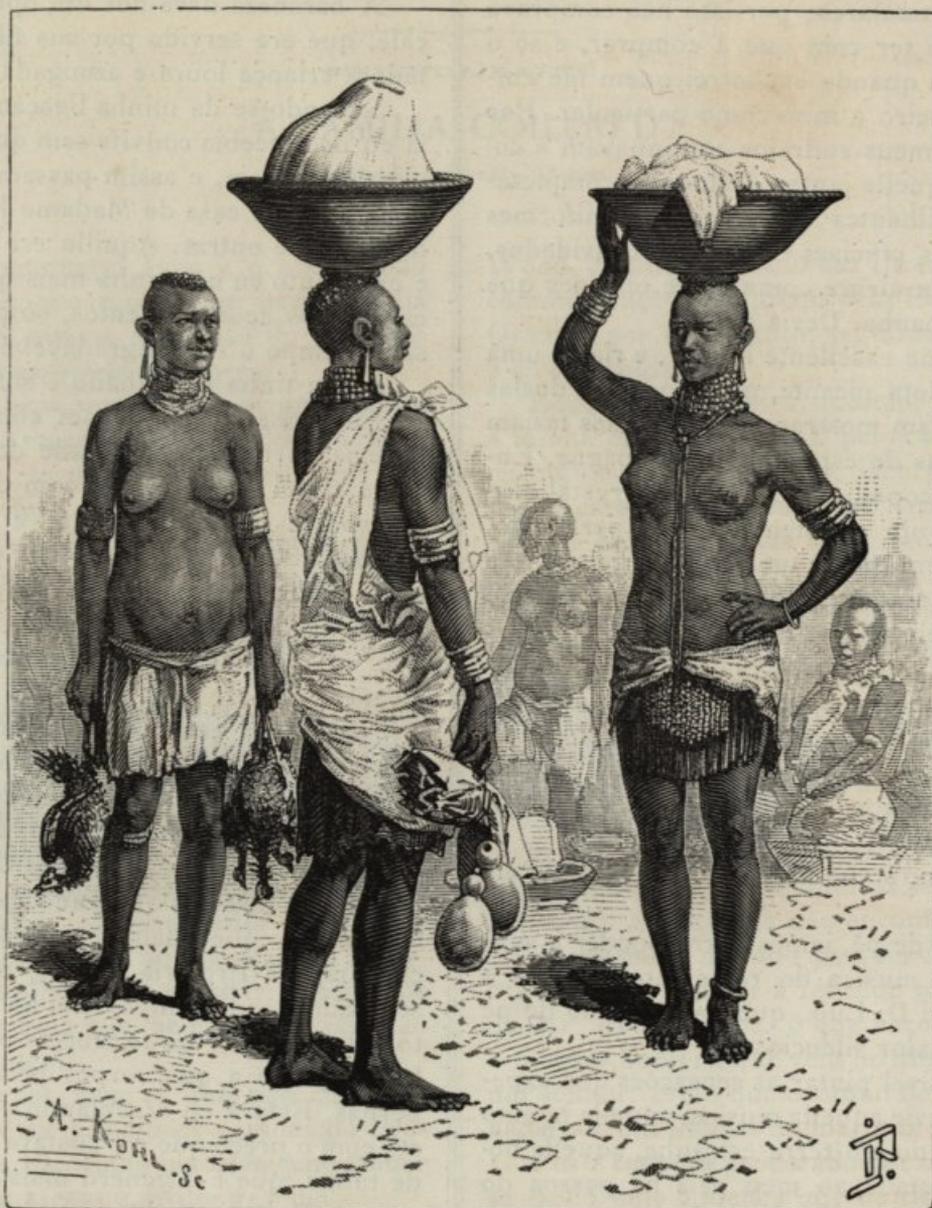
Houvera e havia um caso grave de insubordinação contra o dono da casa, que eu reprimi n'um momento, mas desgraças creio que apenas os queixos de um criado partidos com um bofetão de Augusto.

Eu tinha sempre tido um presentimento que alguma cousa aconteceria, se se dêsse a confiança que se deu a pretos d'aquelles.

Mr. Gruneberger mostrou-me que era inconveniente continuarem em sua casa, e muita razão tinha elle n'isso, depois dos disturbios que

elles alli fizeram. Como deveriam partir no dia immediato, pouco cuidado me deu este incidente, mas desgostou-me em extremo, pelo que elles fizeram n'uma casa em que tinham sido tão bem acolhidos.

No dia immediato soube que os vagon's só



MULHERES INDIGENAS DAS CERCANIAS DE PRETORIA — Desenho de Y. Pranishn'koff, segundo um esboço

partiam no dia 26, e por isso accomodei os pretos o melhor que pude na casa que habitava.

Mr. Swart, o thesoureiro do Transvaal, continuava a obsequiar-me e eu ia repetidas vezes a sua casa, onde sentia um prazer immenso em brincar com as suas filhas, duas formosas crianças.

Eu nunca gostei muito de pequenos. Sempre

os achei importunos e pouco interessantes, mas depois da minha viagem, comecei a sentir uma verdadeira paixão por crianças loiras e bonitas, e em Pretoria eu passava horas com as filhas de Mr. Swart, ou com as de Mr. Kist.

Talvez a lembrança de uma filha de quem eu estava separado produzisse em mim aquelle gosto de brincar com as innocentes creaturas. Talvez

a vida rude e severa que eu tive n'uma tão fadigosa jornada, precisasse de uma antithese, que eu encontrava nas caricias da pequenada.

Ia assim passando a vida em Pretoria, quando um dia fui procurado por um homem que trazia uma carta para mim.

Recebi o desconhecido, que tinha ares de sertanejo inglez.

Era um rapaz ainda novo, de mediana estatura, sympathico e de physionomia energica, vestido com uma camisa grosseira, e umas calças presas com um forte cinto de couro.

Dirigiu-me a palavra em francez, d'aquelle

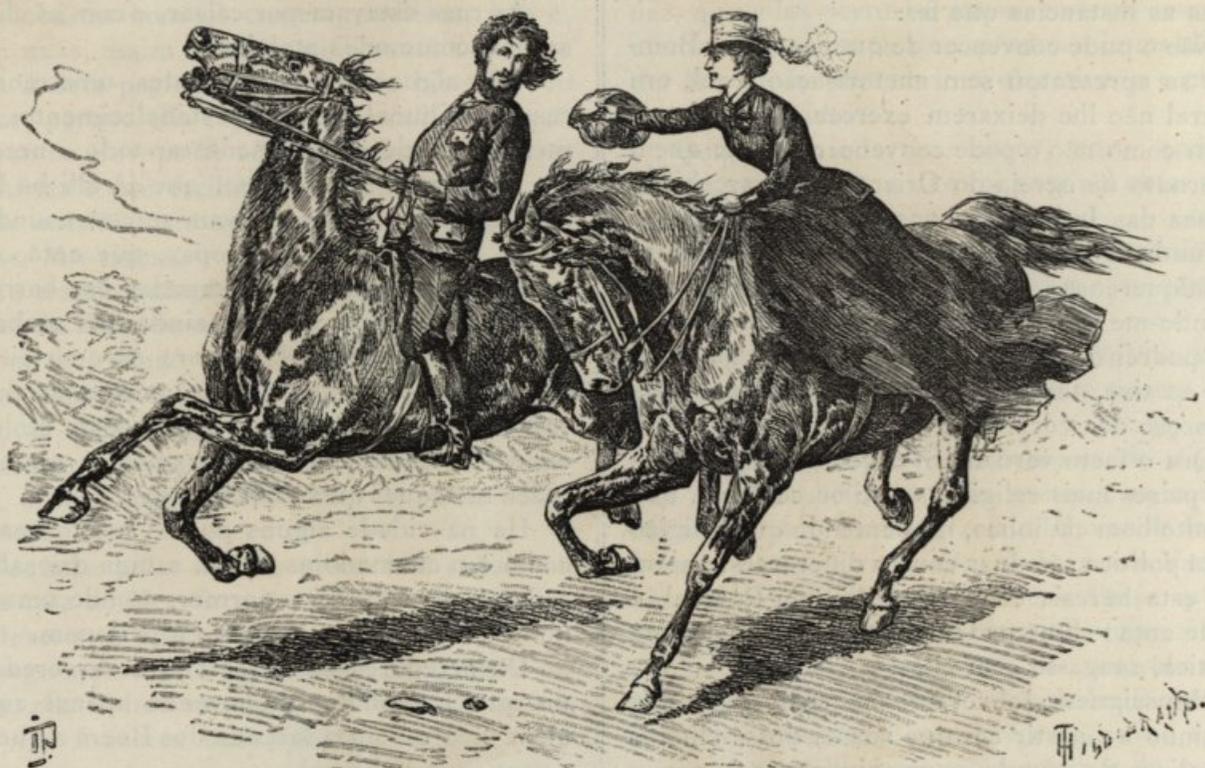
que se falla no *boulevard* dos italianos, e apresentou-me a carta. Conheci pela letra do sobricripto que era de Mr. Coillard.

Abri-a pressuroso, e vi que era carta de apresentação do portador.

Não era preciso a recommendação de Mr. Coillard para eu cortejar com respeito e estender a mão com sympathia áquelle homem. O seu nome, bem conhecido nos sertões da Africa do Sul, era recommendação bastante.

Era Mr. Selous, o atrevido viajante e ousado caçador inglez.

Mr. Selous esteve tres dias em Pretoria, e



O MAJOR E A FORMOSA AMAZONA — Composição de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

conversamos muito sobre a Africa. Elle havia entrado ao norte do Zambeze em uma direcção parallela ao Cafuque, e a leste d'elle, e fez-me d'esse paiz as mais interessantes descripções.

Alli encontrou muitos portuguezes, entrados por Quilimane, e entre outros citou-me um Joaquim Mendonça, que tinha como seus empregados tres antigos soldados do batalhão da Zambezia, chamados Manoel Diogo, Joaquim da Costa e Antonio Simões. Pelo que elle me disse, e combinando as datas, penso que seriam estes os *Muzungos* de que tanto se fallava no Barôze durante a minha estada em Lialui.

Mr. Selous deu-me um esboço grosseiro da

sua viagem ao norte do Zambeze, de que eu me não servi na minha carta de Africa Tropical Austral, por não me julgar auctorizado a isso sem a sua previa licença, que me olvidei de pedir.

Eu dei-lhe as indicações que elle desejava para uma nova expedição venatoria nos arredores de Liniente, e fiquei de lhe mandar um esboço do paiz, que depois lhe enviei para Shoshong.

No dia 23 fui almoçar com Monseigneur Jolivet, o illustrado bispo de Natal, que então se achava em Pretoria, dirigindo as construcções do importante estabelecimento catholico que alli

se ergueu depois da dominação ingleza, que é de certo a mais importante escola de educação do Transvaal, e onde muitos protestantes, Mr. Swart por exemplo, e outros, enviam as suas filhas. Monseigneur Jolivet, homem sabio e de respeitabilissimo character, conversou muito commigo, e percebi que não era muito affecto aos portuguezes.

Pensa elle que nós não somos muito bons catholicos. Procurei demonstrar-lhe o contrario, mas creio que o fiz debalde, porque Monseigneur vinha sempre com a historia de um padre, o rev. Bompert, que tendo ido a Lourenço Marques não lhe foi permittido alli celebrar, apesar de todas as instancias que fez.

Não o pude convencer de que, se o rev. Bompert se apresentou sem auctorisação legal, era natural não lhe deixarem exercer o seu mister, assim como não o pude convencer de que quem governava na igreja do Oriente era o arcebispo primaz das Indias. O honesto bispo, tinha tão profundamente arraigadas no espirito opiniões e malquerenças contra nós, que ficou na sua, dizendo-me sempre que nós somos os peiores dos pedreiros livres do mundo. Uma tia velha que eu tive, tambem dizia o mesmo depois da extincção das corporações religiosas.

Ora o facto verdadeiro é que Portugal é um dos paizes mais religiosos que eu conheço, que é muito bom catholico, mas entende que religião e alta politica são duas cousas differentes, aprendeu esta heresia com o marquez de Pombal, e desde então se os padres misturam religião com politica, zanga-se com elles.

Monseigneur Jolivet que me perdoe, se ainda continuo a insistir em que somos dos melhores catholicos do mundo, e que ainda o seriamos se nos levantassemos forte e energicamente contra os ministros da nossa religião, que trahindo os deveres sacrosantos da sua missão nobre e sagrada, fossem fazer propaganda politica em detrimento nosso e em favor de estrangeiros na terra da patria, que terra da patria é toda a terra onde se hastêa a bandeira de Ourique, seja qual fôr o ponto do globo em que ella tremule.

É tempo de dizer duas palavras de Pretoria, tal como eu a vi em fevereiro e março de 1879. Começarei por descrever a cidade pelo seu lado material.

Pretoria era uma cidade nascente, á qual a dominação ingleza não tinha imprimido ainda o seu cunho nacional.

As ruas largas e espaçosas dão accesso ás

casas, pela maior parte terreas, mas bem construidas e elegantes. Abundam alli os jardins, e em algumas ruas as casas elevam-se no meio d'elles.

A cidade assenta sobre um plano inclinado que na parte mais elevada tem abundantes nascentes de agua que a banham. Esta agua, ao tempo que alli vivi, corria nas ruas em valetas lateraes profundas e descobertas, que a escuridão da noite convertia em verdadeiros precipicios. Recordo-me de mais de uma vez ter cahido n'ellas, chegando a casa completamente molhado.

Em alguns quintaes e jardins ha arvores muito grandes e frondosas.

As ruas estavam por calçar, e com as chuvas eram incommodos atoleiros.

Tem alguns templos decentes, uma modesta casa de tribunal, e muitos estabelecimentos commerciaes onde é facil encontrar todo o necessario, e mesmo o superfluo, que já alli ha luxo.

Na parte elevada estavam-se construindo os vastos quartéis para as tropas, que então estavam em grande parte acampadas em barracas, em torno de tres casernas ainda mal acabadas.

O caminho da cidade para os quartéis era medonho e perigoso de noite, porque as chuvas cavavam regos profundos e produziam atoleiros enormes, onde nos enterravamos, e onde por vezes arrisquei quebrar as pernas.

Ha na cidade alguns pontos muito bonitos, como é o chamado as *fontes*, e uma das sahidas coberta por chorões enormes, e onde uma azenha dá um cunho pittoresco á paizagem.

Os arredores são despídos de arvoredos, e um pouco monotonos, havendo apenas aqui e além uma ou outra fazenda dos Boers a quebrar a monotonia natural.

Pretoria deve ser um dia uma das mais bellas cidades da Africa do Sul, e tal como eu a vi já apresentava um aspecto geral agradável e bulicoso.

Como em todas as terras, de novo occupadas pela Inglaterra, Pretoria estava cheia de gente nova, que vinha procurar fortuna, e que não a encontrando facil, se alistava nos regimentos de voluntarios, onde como soldados tinham uma paga de cinco xelins diarios.

O meu amigo Allan Saunders era o chefe da secretaria dos corpos voluntarios, e não lhe sobejava o tempo para fazer alistamentos.

Os negociantes são hollandezes ou inglezes, e como a cidade em si mesma já tem necessidades, não é só o trafico com o interior e com o

indigena que alli representa uma parte importante no movimento commercial.

Disse-me o dr. Risseck que o clima é bom, ainda que em certas épocas do anno não é isento de febres de character benigno. Sendo os arredores de Pretoria abundantes em forragens, é facil ter alli cavallos, e quasi todos os moradores tem um *dog-cart* ou uma *victoria*, em que passeiam ou vão tratar os seus negocios.

Tal era Pretoria quando lá passei algumas semanas em 1879.

Um facto que me produziu uma certa impressão foi vêr que muitas mulheres gentias dos arredores vinham á cidade vender os seus generos, cobertas com os trages gentilicos, isto é, quasi nuas, assim como as representa a gravura junta a esta pagina, gravura cuja historia vou contar, porque ella representa uma lição áquelles que na Europa se afiguram ser facil realisar em Africa coizas facilimas no velho mundo.

Ha em Pretoria um magnifico photographo suiso, Mr. Gross.

Eu travei conhecimento e tinha em breve relações de amizade com elle.

Um dia, vendo um grupo de mulhures que vinham vender capata, chamei-as e propuz-lhes comprar toda a capata que ellas traziam se se deixassem photographar. As mulheres hesitaram, e eu comecei a fazer-lhes as mais bellas offertas.

Tentadas pelas minhas promessas seguiram-me a casa de Mr. Gross.

Dexei-as á porta e entrei.

Logo que expuz ao photographo o meu intento, elle fechou as mãos na cabeça e disse-me que não faziamos nada, porque muitas vezes tentara em vão a mesma coisa. Insisti, e Mr. Gross para condescender commigo, pôz mãos á obra.

Introduzi as mulheres no *atelier*, não sem gastar n'isso boa meia hora, porque, chegado o momento de entrarem em casa do photographo augmentou a sua hesitação.

Ahi estão ellas no *atelier*, mas recrescem as difficuldades ao collocal-as em posição defronte da machina. Estão em foco, e quando o photographo vae introduzir na corrediça a chapa sensibilizada, duas ou tres fogem espavoridas e outras deitam-se de cara no chão. Novo trabalho de paciência e outra meia hora perdida e uma chapa inutilizada. A mesma scena ainda se repete, até que em fim se pôde obter um negativo, em que todas mexeram tanto, que nos

deixa em duvida se são macacos ou bonzos as imagens reveladas. Outras tentativas tem o mesmo resultado, e perdido o dia e gasta a paciência, ellas vão-se.

Eu, apesar d'isso, sempre teimoso em querer a photographia das pretas, cumpri o contracto, indo além das promessas feitas. Ellas tambem me prometteram voltarem, e d'ahi a dois dias estavam á minha porta.

Lá vamos para casa de Mr. Gross, que já tremia de me vêr com as pretas. Eu lembrei-me de me pôr ao lado da machina e de lhes dizer que olhassem para mim, ellas assim fizeram, e eu encarei-as tão fito, com um olhar tão pertinaz, que ellas perturbaram-se, tiveram esse momento de fascinação que produz a immobilidade, Mr. Gross descobriu a objectiva, e o grupo estava apanhado.

Quizemos ainda tirar outro, mas o encanto tinha-se quebrado, e não foi possivel obter mais nada d'ellas.

Assim, essa photographia custou-nos dois dias de trabalho, uma avultada quantia, e uma incalculavel paciência.

No grupo, as mulheres que teem uma franja por tanga, são solteiras; aquellas que teem uma pelle, casadas.

No dia 25 de fevereiro, vespera do dia em que deviam partir os meus pretos e as minhas bagagens, para Durban, seriam 4 horas da tarde, quando eu me dirigi a casa da baroneza Van-Letvzew, a pedir-lhe uma chavena d'esse optimo café que ella tão delicadamente offerecia aos seus amigos, quando em caminho me surpreendeu um movimento desusado na cidade. Perguntei a um transeunte o que havia de novo? e elle respondeu-me que os zulus estavam ás portas de Pretoria, e que dentro em pouco a cidade seria saqueada. Corri ás informações, e para ir a boa fonte, fui a casa do governo.

Alli soube que, de facto, os zulus não estavam ainda em Pretoria, mas muito perto, e a cidade seria atacada dentro de poucas horas. As informações eram officiaes e certas. Indaguei em que ponto elles estavam e voltei a casa. Mande logo Verissimo, Augusto e Camutombo á descoberta. Fiquei a pensar no caso, e, com o meu conhecimento de Africa e de pretos, conclui que tudo aquillo era um absurdo disparate.

Sahi a visitar varias pessoas, e se algumas encontrei possuidas do panico geral, outras estavam descançadas e não acreditavam como eu no ataque dos zulus. Algumas damas tinham-se

ido refugiar no acampamento das tropas. Eu fui prevenir Mr. Jolivet do caso, dizendo-lhe o que havia, que não acreditava, mas que ás vezes as cousas mais absurdas aconteciam, e por isso era bom estar prevenido para pôr a salvo as irmãs de caridade.

Voltei a casa, e ao cahir da noite chegavam, com pequenos intervallos, os meus tres enviados, affiançando-me que no logar designado não havia um só zulo, nem d'elles havia noticia no Transvaal. Eu, que me fiava mais nas informações de Verissimo, Augusto e Camutombo do que em todos os relatorios officiaes, deixei os pretos em casa, e fui vêr o que faziam os meus amigos major Tyler e capitão Saunders.

Ao chegar ao acompanhamento, um terrivel e desusado «Quem vem lá?» de uma sentinella, provou-me que alli estavam em pé de guerra. Respondi: «Amigo», e pude entrar. No campo havia grande reboliço. Fortificavam-se e entrincheiravam-se com os vagons.

Não me foi difficil encontrar o commandante militar de Pretoria, o major Tyler. Vestido com o esmero e luxo que sempre usa, as mãos calçadas em apuradas luvas brancas sem a menor sombra, o pé mettido em elegante botina, tal, enfim, como entra nas salas, em que é tão querido, o bravo commandante do regimento 80 estava com toda a placidez e socego, dando acertadas ordens, e pondo o campo em estado de defeza formidavel. Cheguei-me a elle e disse-lhe que o ataque esperado era uma verdadeira comedia. Elle respondeu-me que sempre assim o

havia pensado, mas que, tendo recebido communições officiaes, não podia deixar de fazer o que estava fazendo, e que além d'isso, não desgostava d'aquelle rebate, para avaliar o que eram os seus homens, e saber com o que poderia contar n'um caso serio.

Dei razão ao elegante official, e fui-me em busca do seu immediato, o meu amigo Saunders. Andava elle de outro lado dirigindo as manobras, rindo sempre, sempre contente. Saunders pareceu-me acreditar nos zulos, o que lhe não tirava nada do seu bom humor habitual. Foi-me logo mostrar duas metralhadoras, para as quaes estava a olhar pasmado um alferes qualquer a quem as haviam entregado. Depois d'isto disse-me elle, que estavam muitas damas recolhidas no campo, e convidou-me a ir vê-las.

Fomos passar uma minuciosa revista, e vimos que o major Tyler, como melhor relacionado com o bello sexo, tinha cedido o seu quarto pelo menos a duzia e meia. O quarto de Saunders tambem não estava vazio, mas deve dizer-se, em abono da verdade, que aquelles eram os dois unicos quartos do quartel, vivendo o resto dos officiaes em barracas.

Saunders lembrou que em tempo de guerra era bom beber qualquer cousa, e fomos á sala dos officiaes.

Na sala estava só um homem. Fardado e armado, estava sentado n'uma poltrona com toda a commodidade, tendo diante de si um copo de brandy e soda.

(Continua.)

## PEKIN E O NORTE DA CHINA

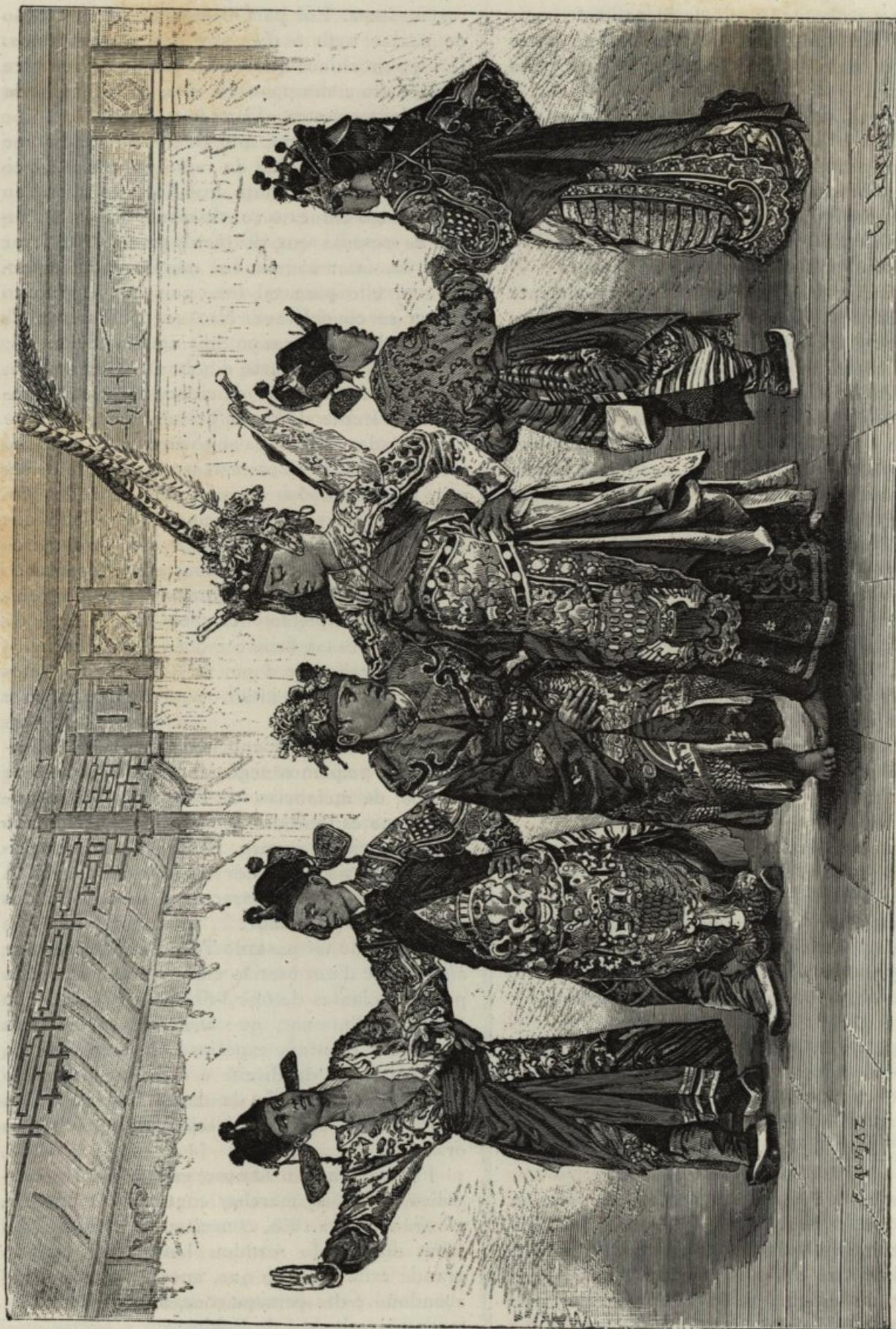
POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 41 — 3.º anno)

**F**ESTE homem era um prefeito; os eunuchos tripularam a barca e foi assim que fizeram vêr ao soberano os mais formosos sitios d'esta residencia de verão. Uns fingiam pezar de vêr tudo em ruinas; outros, a meia voz, avaliavam a despeza a fazer para a reconstrucção do palacio queimado em 1860. O proprio imperador acabou por entrar n'esta discussão e um eunucho tirou de sob a roupa o orçamento que lhe tinha sido entregue pelo prefeito. A recons-

trucção foi logo alli decidida. O imperador approvara o orçamento; o prefeito intrigante fez visar este orçamento no ministerio das finanças por uns empregados subalternos e immediatamente encarregou negociantes francezes de fazerem vir da Conchina e Singapura as madeiras precisas. Nem um real se adiantou. N'este entretanto os dois ministros das finanças foram accusados pelo conselho privado e pelo grão secretario do imperio.



TRAGICOS DE PEKIN — Desenhos de E. Bonjat, segundo photographias de M. Thomsson

Faziam-os responsaveis da illegalidade commettida tornando executorio um decreto antes de ter recebido a approvação dos dois grandes conselhos.

O imperador quiz sustentar o que havia feito e de que finalmente elle era o unico responsavel. Além d'isso os eunuchos, sempre influentes, não renunciavam voluntariamente aos lucros de trabalhos tão importantes.

Os ministros das finanças foram demittidos. O imperador foi alvo dos raios da censura.

O principe Kóng estigmatizou verbalmente o procedimento do monarcha; além do ataque que fizera á constituição, o imperador merecia tambem censuras pelo seu procedimento leviano. Cançado da sua existencia entre os quatro muros do seu palacio urbano e não podendo ir procurar o desenfado n'uma vivenda *extra-muros*, o imperador sahia, dizem, incognito e ia pela cidade procurar os prazeres a que se entregavam os mais humildes dos seus subditos.

Em seguida, o principe Kong foi pelo imperador privado da hereditariedade dos seus titulos de nobreza. A imperatriz viuva interveio. Como explicação o soberano disse-lhe que, devendo-lhe o principe Kong os seus titulos, elle julgára conveniente o tirar-lh'os. A imperatriz fez-lhe notar que ella tambem para com elle podia proceder d'igual modo, pois que a ella devia tambem elle o throno. Estas palavras tiveram effeito salutar. O principe Kong tornou a haver os seus titulos e os ministros das finanças foram reintegrados.

A primeira partida de madeiras trazida por um navio francez, foi paga pelo governo chinez, depois de extraordinarias difficuldades. Um outro decreto, em que o imperador decretava a suspensão dos trabalhos da reconstrução, foi publicado, e assim terminou este pueril incidente, que ia produzindo uma revolta de serralho.

A cidade chineza — Uma estação de trens — Pequenos negociantes — A consulta dos oraculos — A ponte dos Mendigos — Bazares — Um restaurante; a cosinha do templo da Felicidade celeste — Apresentação; fórmulas d'informações — O almoço — O serviço — A cosinha na China — Manjares mais procurados em Pekin — A musica.

Até aqui mui pouco tenho fallado da parte de Pekin a que os europeus chamam cidade chineza e os chinezes Vaï-tcheng, ou cidade exterior, cujas tres portas do lado do norte estão abertas no muro do sul da cidade tartara. É portanto o bairro dos divertimentos, dos theatros e dos

restaurantes. Foi por Tiène-mène, com tenção de passar todo o dia, que nós ahi entramos. Um amigo chinez que eu na vespera encontrára tinha dado como ponto de reunião o templo da Felicidade celeste: «Tiène-hou-tang.»

Este titulo pomposo é simplesmente o nome do Bribant da capital do reino das flôres. A civilidade chineza, muito humilde, impozera ao meu amigo chinez o convidar-me, a mim e a todas as pessoas que do meu agrado fosse levar para me fazer companhia, não devendo contar-se com elle para tal fim, pois que em muito pouco se considerava. Não se podia ser mais amavel. Levei commigo dois amigos meus.

Depois d'um quarto d'hora de caminho a pé, ao longo da muralha da cidade tartara, chegamos em frente da porta Tciène-mène, defronte da entrada sul do palacio imperial. Aqui ha uma estação de trens; estão muito longe de serem tão commodos como o mais duro dos *fiacres* parisienses e de terem a velocidade dos *cab* inglezes. Estes vehiculos são verdadeiros instrumentos de tortura, mas em compensação os cocheiros são mui delicados. Quando o vehiculo está completamente cheio, isto é, quando leva uma pessoa dentro e duas fóra, o cocheiro de bom grado vae a pé. O preço d'um d'estes trens por um dia inteiro regula entre cinco e seis francos.

Esta porta de Tciène-mène está sempre apinhada de pequenos negociantes de legumes, de fructos, de melancias, de chá e de *souane-meitang*, uma especie de xarope gelado, perfumado com essencia de jasmin. Esta bebida, muito acida, na occasião do calor é muito agradável. A venda d'este nectar parece ser monopolio dos musulmanos da cidade.

Depois de ter passado Tciène-mène, chega-se ao interior d'um bastião em meia lua, occupado por negociantes de *bric-à-brac*, de homens que mostram dioramas, que lêem signas, e outros charlatães d'outras especies; de cada lado ha um templo; o da direita é o mais celebre, é o Koan-ti-miao, templo da deusa Koanine. Está sempre cheio de gente desejosa de consultar os oraculos.

Foi aqui que o famoso generalissimo mongolico, antes de marchar contra o exercito anglo-francez em 1860, consultou os oraculos. Ao sahir do templo mandou lançar por terra a grande cruz de ferro que, apesar do tempo, do abandono e das perseguições, ainda estava hasteada na cathedral de Pekin.

O bastião em meia lua de Tciène-mène tem tres portas: a do centro só se abre para o imperador; as duas outras estão abertas para o publico; fomos pela da esquerda para depois nos inclinarmos para a direita e encontrarmos no grande *boulevard* por detraz da porta central do bastião.

Ahi ha um canal no qual estão lançadas tres pontes iguaes; pela do centro, conhecida pelo nome de «ponte dos Mendigos», de que já demos uma descripção fiel, ninguem, a não ser o imperador e o seu cortejo, passa de carroagem, de palanquim ou a cavallo. Por isso a ponte central é o refugio de todos os miseraveis; alli se reúnem os mendigos para dormir ou jogar o producto das esmolas.

Perto d'aqui ha o mercado, onde se vendem os pequenos boccados de tecidos de que os mendigos fazem o seu vestuario, quando a temperatura se torna mais exigente do que os seus sentimentos de pudor.

De cada lado de Tciène-mène devo dizer que ha pequenas *passagens* cobertas, especie de bazares onde se vendem joias falsas, todo o genero de brinquedos, lindas bolsas e estojos bordados, especialidades de Pekin. As lojas d'estes bazares são de inexcedivel limpeza e a passagem que as separa está coberta com toldos que as protegem do pó e do sol.

Depois de, durante dez minutos, termos seguido o *boulevard* de Tciène-mène viramos á esquerda, sendo então chamados pelos criados do restaurante que nos esperavam á porta e faziam signal ao cocheiro para que parasse.

Cosinheiros, moços de cosinha e criados estão no verão vestidos do mesmo modo, tronco nu até á cinta e guardanapo no braço. A sua physionomia parece esforçar-se por ser agradável. Penetrando n'um restaurante em Pekin nunca pude deixar d'admirar a excellente ideia que tiveram os chinezes em collocar as cosinhas junto da porta da rua. Não será um progresso relativamente a nós que escondemos as nossas cosinhas em subterraneos, como se quizessemos occultar horrores de negregadas conspirações contra os estomagos?

Na China os restaurantes são preferidos uns aos outros unicamente pela bondade da cosinha. Muitas vezes o restaurante que tem mais numerosa clientela, não é aquelle em que ha mais luxo.

A cosinha d'este templo da Felicidade ce-leste estava á nossa vista. Tinha ao mostrar-se

a apparencia d'um innocente em face d'um juiz. Ninhos d'andorinhas, patos, figados d'aves, peixes, tudo estava exposto ou era remechido nas numerosas cassarolas que cobriam o fogão. Por isso, com o sorriso d'um homem, de consciencia tranquilla e cuja habilidade está certa dos resultados, o dono do restaurante disse-nos que era no segundo pateo, no edificio central, salão da esquerda que eramos esperados.

Apenas tinhamos atravessado o primeiro pateo vimos vir ao nosso encontro o meu amigo Ouang-tsoune-sine.

Ouang-laoyè, ou por outra o sr. Ouang, recebeu-nos com a natural expansão oriental, sempre excessiva. Apresentei-lhe os meus amigos, o que deu logar a cumprimentos sem fim. Havia tambem dois outros chinezes, amigos do sr. Ouang. Logo que se concluíram as apresentações dirigiram a série de perguntas sacramentales que é d'uso fazerem-se entre pessoas que se vêem pela primeira vez.

«Como se chama? qual é o seu apellido? que idade tem? onde nasceu? em que se emprega? onde mora? etc.»

Tudo perguntas a que se deve responder com humildade:— a minha humilde casa; o meu insignificante nome e assim o resto.

Relativamente aos filhos é do melhor bom tom exprimir assim o seu numero: «Tenho tantos cachorros.» Se vos perguntam se tendes mulher, é conveniente, no caso d'affirmativa, responder que se tem «um velho estafermo.»

São apenas fórmulas já sem sentido pela força do uso. O mesmo succede com a nossa fórmula nos fins das nossas cartas: «o seu humilde e obediente servo» quando nos dirigimos a pessoas que apenas conhecemos ou que até desprezamos.

Sobre a meza do nosso gabinete tinham posto chá e doces. Isto era para entreter o tempo. O calor era muito intenso e o sr. Ouang convidou-nos a pormos-nos á vontade. Elle e os seus dois compatriotas dentro em pouco só ficaram sobre o tronco apenas com uma rede em que cada malha passava atravez d'um pequeno canudo de bambu. Esta rede tem por fim impedir que os vestuarios estejam immediatamente em contacto com a transpiração da pelle.

Algum tempo depois levantaram o chá e trouxeram o *leung'-rhouné* ou comidas frias compostas pouco mais ou menos de tudo o que entre nós compõem os *hors-d'œuvre*. Peixes salgados, amendoas, uvas passas, ovos de conserva.

Não havia nada que nos impedisse de comermos a almoçar. A meza era redonda; eramos seis e havia tres tamboretas, duas cadeiras e um pequeno banco junto da porta. Este pequeno banco, collocado no peor lugar, é sempre para o amphitryão, em quanto que as cadeiras são para os dois convidados mais distinctos; como geralmente ha mais de dois convidados nunca o amphitryão se auctorisarà a designar quaes sejam os dois mais distinctos; convidam unicamente a sentarem-se como melhor lhes convier. Algumas vezes ha uma lucta de ceremonias; todos recusam a honra da cadeira.

Não me deterei agora a fazer um elogio pomposo da cosinha chinesa. Simplesmente direi que é aceiada e gostosa. Evidentemente devem ter primeiro do que nós sido cosinheiros, pois que a sua cosinha é muito mais variada do que a nossa. O chinês é innatamente cosinheiro; por isso é facil, debaixo da direcção d'um cosinheiro francez, o ensinar-lhes a cosinhar manjares que não seriam repudiados pelos nossos *cordons bleus*.

Terminado o almoço o meu amigo Ouang contou-me os seus imfortunios. Apesar da lei unira-se com uma segunda mulher, com uma *nicou*, religiosa buddhista que sua legitima esposa fizera morrer de pezares: tinha sido obrigado para não descobrir a infracção da lei e para não despertar as atenções da policia, a enterrar-a clandestinamente; mas a defunta tinha um irmão que, depois de ter apanhado grossas quantias ao meu amigo Ouang, o tinha chamado aos tribunaes. O meu amigo Ouang sabia que se livraria do processo, mas suppunha que toda a sua fortuna seria devorada pelo poder judicial.

Chinezes e estrangeiros separamos-nos com a promessa de nos tornarmos a vêr no dia seguinte; nunca ninguem se separa na China d'outro modo, mas isso a nada compromette.

À porta do restaurante encontrei o nosso vehiculo, deante do qual estavam sentados cinco cegos mais ou menos authenticos a que tivemos de dar esmolos.

A rua Ta-cha-la-curl—O celebre negociante de curiosidades Kiu-ho-tcheng—Esmaltes—Mau comprador—A rua Leao-li-tchang—Pintores.

Em poucos minutos o vehiculo que nos transportava atravessou o *boulevard Tciène-mène* e alcançou a rua Ta-cha-la-curl, onde se encontram os armazens de curiosidades de todas as especies. É indubitavelmente a parte da cidade

de Pekin mais populosa; aqui as ruas são muito estreitas, as taboetas com letras de diversas côres parecem confundir-se; além do nome escripto por cima da porta, cada loja tem escripto perpendicularmente na parede, junto ás portas, os artigos que cada uma vende.

N'esta rua abundam as vendedoras de frutas, os grandes armazens de chá, os negociantes de generos importados do estrangeiro e os pharmaceuticos, cujos estabelecimentos se distinguem pelas taboetas enormes. A rua em quasi todo o seu comprimento está abrigada do sol; apesar d'isto o calor é intenso e os donos dos estabelecimentos e os caixeiros não resistem a estar nus até á cinta.

Não pude resistir a lançar uma vista d'olhos para os armazens de Kiu-ho-tcheng, um dos mais vastos depositos de curiosidades antigas e modernas da capital.

Logo que entramos fomos objecto das atenções de todos os caixeiros; espiam os nossos mais insignificantes olhares para adivinhar qual será o objecto de que nos terão de dizer o preço.

As velhas porcellanas da dynastia dos Mings e as contemporaneas de Kang-shi são o que ha de mais bello como especimen da arte chinesa. Parece que actualmente se esqueceram dos processos de fabricar e ornar de tal modo. Como unico progresso ha a notar o emprego de novas côres vermelhas, quasi roseas, pelo que se reconhecem os productos de fabrico recente. No reinado de Kien-long, nos fins do decimo oitavo seculo, o fabrico da porcellana teve um novo impulso, mas desde então para cá não tornaram a haver creações dignas das suas antecessoras. É n'este mesmo armazem de Kiu-ho-tcheng que se fabricam as mais formosas peças d'esmalte da China.

Emquanto que eu estava examinando todas estas maravilhas, entrou um individuo elegantemente vestido. Era ruidoso, com ares de grande senhor. Apreçou varias cousas em voz alta, e disse umas graças de mau gosto; os empregados não correram a servir-o.

Quando sahiu encolheram os hombros desdenhosamente e disseram-me que era o principe X..., descendente d'um dos oito chefes das clans tartaricas que tinham collocado no throno a actual dynastia. Este joven tinha um pae pouco prodigo e quando precisava de dinheiro comprava preciosidades a credito n'uma parte para as ir vender com grande abatimento a outra. N'este negocio ia perdendo a fama d'honrado.

Por parte do pae este cavalheiro herdou um palacio que causou inveja às embaixadas estrangeiras, quando em 1860 ellas se installaram na capital.

Não longe d'esta rua ha uma outra não menos curiosa, a rua Leao-li-tchang ou rua da fabrica de vidro. Hoje encontram-se n'esta rua um grande numero de lojas de pinturas, d'aguarellas e livrarias. Em certas occasiões ha aqui feiras; no inverno, por occasião da festa das Lanternas, junta-se aqui muita gente para vêr as lanternas de todas as fôrmas que ahi abundam. São de papel e tem as fôrmas d'animaes e de insectos phantasticos. Ninguem vae ao Loco-li-tchang

sem entrar na confeitaria Sinyuane, celebre pelos seus magnificos doces, pelos seus fructos sêcos e pelo xarope d'ameixas.

O theatro chinez em Pekin—A companhia do meu amigo Cane-sa-eurl—A sala d'espectaculo—O publico—Uma comedia contemporanea.

Fallando aqui da capital chinesa não tenho a pretensão d'esgotar tão interessante assumpto, comtudo não devo deixar de fallar dos theatros que todos os dias se enchem, do meio dia às cinco, com um publico composto dos habitantes do sexo masculino das tres cidades que formam Pekin. Ao certo não sei o numero dos



KIOSQUE NO PATEO DA MESQUITA DE NIEOU-KIÉ, EM PEKIN—Desenhos de H. Catenacci, segundo uma photographia do doutor Morache

theatros da capital. Talvez haja uma duzia; é claro que n'este numero não conto aquelles que fazem parte dos palacios dos grandes senhores, nem os das grandes associações provinciaes que os negociantes ricos mandaram construir para se reunirem. Em Pekin os theatros não tem maior reputação uns do que os outros; nenhum d'elles tem artistas especiaes; as differentes companhias representam alternativamente em qualquer d'elles e estas companhias tem todas reportorios diversos. O theatro a que hoje levo o leitor, tem por artistas a companhia de Cane-sa-eurl, um dos primeiros comicos da capital. Prefiro este theatro por dois motivos: primeiro por que Cane-sa-eurl é um antigo amigo meu, que nunca se esquece, quando do palco me vê na plateia, d'improvisar nò dialogo alguma graça amavel a meu respeito. O publico volta-se então

para o logar em que estou, um pouco invejoso da amabilidade, mas no fundo considerando como amigo aquelle a quem Cane-sa-eurl, o homem mais popular de Pekin concedeu tal honra. Cane-sa-eurl é terrivel nas modificações que faz nos seus papeis e nos dos demais actores. As alluções politicas são-lhe habituaes e sabé com infinita graça, ridicularisar, criticar, tal ou tal individuo, seja acto espontaneo seu ou pago por qualquer interessado. O que tambem me faz preferir a companhia d'este verdadeiro artista é por ella não representar o drama historico e mythologico. Os chinezes apreciam extremamente este genero de litteratura dramatica; a orchestra faz maior barulho e os trajes antigos ferem-lhe mais a vista; vêem-se desfilarem no palco, ao som do *gong*, os deuses, os imperadores, os grandes guerreiros da antiguidade com os

seus capacetes enfeitados com duas immensas pennas de faisão, com o tronco apertado em couraças d'escamas douradas e levando como insignias do posto pequenas bandeiras nas costas. Os vestuarios dos actores e comparsas são esplendidos: são de seda, ricamente bordados. Alguns são actores de quinze ou dezeseis annos que desempenham os differentes papeis do drama. N'este caso é curioso, com os seus rostos extravagantemente caracterizados, vêl-os imitar a colera dos deuses, possuirem-se da dignidade dos velhos reis barbados e fingirem o ar cansado das velhas rainhas decrepitas. Estas attitudes tornam-se ainda mais curiosas por os chinezes serem ainda verdadeiras creanças na idade em que nós já temos aspecto d'homens; aos dezeseis annos estão ainda longe de ter o aspecto dos occidentaes da mesma idade. — Os dramas historicos e mythologicos são muito numerosos. A origem do theatro chinez, segundo alguns escriptores, remonta a mil setecentos e sessenta e seis annos antes da nossa era, mas na realidade foi o imperador Shiuane-tsong, no anno 720 de J. C., que introduziu n'uma peça regular todos os elementos do poema dramatico. Desde então para cá a historia do theatro chinez pôde dividir-se em quatro épocas distinctas. A primeira vae de 720, no reinado da dynastia dos Thang, até cerca de 905; a segunda comprehende o que se produziu durante a dynastia dos Song, de 960 a 1119; a terceira occupa o reinado dos imperadores Kine e a dos Yuane ou Mongols, de 1123 a 1341 da nossa era. Emfim todas as obras apparecidas desde então até hoje, formam a quarta época. São as obras dramaticas datando de 1260 a 1341 que são consideradas como mais perfectas. Comtudo, depois d'este periodo, tem-se feito peças, representações realistas de scenas da vida popular, em que os actores apparecem em scena com o actual vestuario chinez e onde a graça substitue vantajosamente para mim os ricos vestuarios, os gestos largos, os esgares terriveis e a ruidosa orchestra das tragedias antigas. A companhia de Cane-sa-eurl tem a especialidade d'estas comedias. É a representação d'uma d'ellas que eu levo o leitor.

O theatro está situado n'uma rua que desemboca na de Tacha-la-eurl. Foi perto d'aqui que admiramos as curiosidades expostas no armazem Kiu-ho-tcheng. Segue-se por uma rua cheia de negociantes de pedras preciosas; estas lojas estão cheias de rubis, de turquezas da Siberia, de lapolazuli, d'ambar amarello ou lei-

toso, d'agathas, d'opalas, de coral, d'amethystas, de perolas finas, coisa ainda mais bonita de vêr-se, se os chinezes soubessem lapidar as suas pedras. Não nos demoremos n'estas lojas deslumbrantes; a orchestra do theatro já se ouve recordando-nos o fim do nosso passeio. O theatro está na nossa frente; o edificio de triste apparencia apenas se destingue dos demais pelo seu tamanho. Entra-se por uma pequena porta baixa indo-se ter a um pateo sujo, onde está amontoado um publico que faz lembrar muito os frequentadores dos nossos mais infimos espectaculos. Ha vendedores de fructas e comidas para occorrer ás necessidades dos espectadores, como entre nós ha as vendeiras de laranjas, de limonada, de groselha, etc. Junto da porta, um individuo sujeitava-se á operação da extracção dos callos feita por um pedicuro ambulante. A entrada do theatro dá immediatamente para a plateia, composta de séries de pequenas mezas e de bancos. Esta plateia chega até ao palco. O palco é uma especie de plataforma quadrada, com a altura de metro e meio e menos larga do que a plateia. O publico que occupa os logares da plateia compõe-se geralmente de populares; por uma diminuta quantia podem gosar do theatro um dia inteiro, bebendo chá, comendo goloseimas e fumando cachimbo com os amigos. Á esquerda da porta da entrada ha uma escada de madeira que conduz aos logares da galeria. A galeria da frente tem tambem filhas de mezas como a plateia, e as duas galérias lateraes que se prolongam até por cima do palco são divididas em camarotes. O nosso tinha sido anticipadamente alugado, como o indicava um papel vermelho collado na meza que o guardava.

Trazem-nos um bule e chavenas; por traz de nós, no muro, ha um escripto contendo estas palavras: «Ciao-sine-tsaï-vou», fórmula que quer dizer: «Cautella com os ladrões.» Na nossa frente está a parte mais saliente do palco. A attenção do publico está suspensa dos labios d'uma mulher de vinte e cinco annos, que dialoga com o marido, individuo mais velho do que ella; para indicar que representa um papel comico tem no rosto uma facha branca d'um centimetro de largo, que, passando por sobre o nariz, acaba sobre as maçãs do rosto. — A comedia chama-se *Pei-pai-teng*, ou o *Banco ás costas*. — Tan-tsi é casado de pouco, mas é infeliz; a esposa tem mau genio; já até tosou o marido; em summa o esposo tem um medo da mulher

que se pella. Tan-tsi tem um irmão mais novo que tambem não é mais feliz. Em vez de desabafarem as suas desgraças um com o outro, callam os seus desgostos. — Os dois irmãos encontram-se n'uma praça publica. Tan-pa, desconfiando que a situação do seu irmão mais velho não é melhor do que a d'elle, mas que por amor proprio elle nunca lhe confiaria as suas amarguras, projecta tirar partido d'esta situação para ganhar a Tan-tsi n'uma aposta o dinheiro que sua mulher lhe recusa.

«Tan-pa—Então mano affirmas-me que não tens medo de tua mulher (*Tan-tsi* hesita e treme). Pois bem aposto dez taëls (quatorze mil e quatrocentos réis) em como tens tanto medo d'ella como da peste.

«Tan-tsi (á parte)—Dez taëls... que somma, que despeza a fazer na casa do chá! minha mulher gosta tambem de dinheiro; talvez ella se preste ao meu ardil... (a Tan-pa) mano, acceito e provarte-hei que minha mulher é esposa submissa; vem logo a minha casa, ella nos servirá vinho e me tirará as botas.

Tan-pa fica espantado com a affirmativa.

Tan-tsi entra em casa. A mulher recebe-o como a um cão; elle relança um olhar saudoso para a cadeira em que passou a noite de casamento; agora nem mesmo lhe é permittido o sentar-se em frente da sua irascivel metade. Conta que encontrou Tan-pa e a conversa que

com elle teve. Em seguida ha medonha altercação a que elle põe fim explicando com ar finório que se fez tal aposta foi para comprar á sua cara esposa sedas e enfeites.—A esposa ambiciosa enternece-se e passam a ensaiar a comedia que Tan-pa tem de pagar.

Tan-tsi começa por sentar-se pela segunda vez na celebre cadeira, o que lhe vale uma descompostura, vendo-se obrigado a recordar á esposa que apenas se trata d'ensaiar a comedia. Chama á mulher toda a casta de nomes injuriosos; ordena-lhe que traga vinho, grita, esbraveja, manda-a ajoelhar no chão para lhe descançar nas costas as pernas. Com grande custo a cada nova ordem a esposa se recorda que aquillo tudo apenas é uma comedia. Tan-tsi é a cada instante obrigado a lembrar-lh'o; desvanecido com o ar d'auctoridade que toma em sua casa elle proprio se esquece de que é simples actor n'uma comedia que não deve durar muito tempo. Por fim batem á porta. Tan-tsi com um pau bate n'uma cadeira vociferando injurias contra a esposa. Tan-pa escuta e pergunta a si proprio se será sua cunhada que tudo está supportando. Depois d'alguma hesitação entra. Escrava, grita Tan-tsi, ahí está meu irmão; depois da sova que apanhaste é de crer que não tenhas o arrojo de te sentares deante de mim; traz vinho e depressa, se não queres que t'aqueça as orelhas.»

(Continúa.)

## UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITALIA

POR VIRIATO SILVA

(Continuação da folha 42—3.º anno)

**R**ESIDE n'elle um movimento composto dos mais heterogeneos elementos, representados por individuos de todas as nações maritimas do Adriatico e do Mediterraneo. Alli, a par do *acquajolo* veneziano vêem-se os esbeltos pescadores da Chioggia com o seu trajo nacional originalissimo; os marinheiros de Trieste, com grandes arrecadas de oiro polido nas orelhas; os tripulantes dos *caiks* turcos, acotovellando-se entre grupos numerosos e compactos de familias inglezas, conhecidas pelo seu porte rigido e frio e pela chuva das exclamações de *ohs!* e *ahs!* que soltam a cada momento, a pretexto de qualquer coisa. Os pobres, esta indus-

tria italiana, podemos assim dizer, animada outr'ora pelos Bourbons e pelos papas em Napoles e em Roma, parecia ter-se extinguido com a adopção das medidas liberaes da unificação italiana; porém Veneza conserva-os como uma reliquia da sua decadencia, e alberga-os carinhosamente para sua vergonha. É ahí que a maltrapilhagem estabeleceu o quartel general das suas explorações, fazendo da Piazza e do Rialto os pontos de ataque em longos cordões aos incautos estrangeiros que põem o pé em terra.

Quando espraíamos a vista em derredor de nós e não vemos senão ricos palacios repletos de mosaicos e carregados de estatuas, ficamos

perplexos por saber aonde se acouta uma multidão tão famelica e esfarrapada, e só o conhecimento intimo com os filhos do paiz é que nos demonstra sarcasticamente o conhecido aphorisma de que — *nem tudo o que luz é ouro*. Esses mesmos magnificos palacios, que foram nos tempos felizes da republica habitados por nobres inscriptos no Livro d'Ouro, hoje servem de guarida a esta multidão ociosa e importuna. Devo á amabilidade do joven *cavallieri* Leopoldo di Bisio, dignissimo representante consular do Brazil n'aquella cidade, as mais exactas e minuciosas informações.

Entretanto, a gondola continua deslizando pelas aguas do Canalazzo, deixando á direita os palacios: *Gondaco di Thedesche*, antigo emporio dos negociantes allemães, e actualmente occupado pelas repartições aduaneiras; *Mangelli-Valmarana*, construido por Vicentino; *Côrte del Remer*, do seculo XIII; *Cá d'Oro*, assim denominado pela riqueza da sua decoração; *Vendramieri Calergi*, construido em 1841 por Pedro Lombardo e hoje pertencente ao duque de Bordeaux <sup>1</sup>; *Frangini*, da Renascença; e seguidamente a brilhante egreja Gli Scalzi, especie de templo votivo das grandes familias nobres venezianas, a qual confina com a estação do caminho de ferro. Se lançarmos as vistas para a margem esquerda do canal, no largo espaço que temos vindo distrahidamente percorrendo, devemos mencionar os não menos bellos monumentos que se chamam: *Camerlenghi*, antigo palacio dos thesoureiros da republica, construido por Bergamasco e servindo ao presente de tribunal da relação; *Corner della Regina*, construido no seculo XVIII por Rossi, rica habitação do general Maza; *Fondaco dei Turche*, estylo romano do seculo X; *Correr*, museu de pintura e esculptura; e finalmente a egreja de *S. Simeone Piccolo*, com uma cupula e portal, formado em columnas, imitando *Pantheon de Agripa*, em Roma.

Chegamos ao ponto do nosso desembarque na vespera á noite, e d'alli partimos pelos estreitos *rii* para o nosso hotel. Temos, portanto, percorrido todo o Canalazzo, visitando de relance, *a vol d'oiseau*, como diriam os francezes, todas as suas preciosas maravilhas.

Nos seguintes capitulos nos occuparemos da

<sup>1</sup> Escreviamos isto em 1881. O duque de Bordeaux ou conde de Chambord falleceu em 24 de agosto do corrente anno em Frohsdorff. O palacio pertence actualmente aos seus herdeiros.

Piazza, dos museus e das fabricas industriaes de espelhos e mosaicos.

\*  
\* \* \*

Depois de estar perfeitamente conhecedor da topographia da cidade, tendo feito um especial estudo sobre o complicado mappa incluso na minha guia de Baedeker, fazia diariamente as minhas visitas aos principaes monumentos, ora em gondola percorrendo os estreitos canaes secundarios, ora a pé atravez dos esguios corredores (*Calli*) que cruzam todos os bairros por baixo dos palacios, formando na totalidade uma especie de labyrintho onde só se pôde penetrar impunemente acompanhado do fio de Ariadne. Estas ruellas ou corredores são geralmente revestidos de um pavimento de tijolos vermelhos ou convenientemente asphaltados. O forasteiro com difficuldade pôde frequentar estas vias de comunicação; porém, podendo-o conseguir por meio de um bom plano da cidade, é a melhor maneira de conhecer minuciosamente a vida intima dos venezianos.

De resto, o systema de viação pelas *Calli* tem a grande vantagem de encurtar consideravelmente as distancias que separam os edificios. Por este meio, conseguia todas as manhãs sahir do hotel New-York e ir em poucos minutos recreiar-me á Piazza de S. Marcos, evitando o grande percurso em gondola pelo Canalazzo e pela Piazzeta.

A Piazza tem a fórma de um quadrilongo fechado em tres lados por arcadas dispostas em columnatas, formando um passeio ininterrompido, e do quarto lado ou do nascente, pela Campanilha de S. Marcos, pela fachada da formosa basilica e por um elegante edificio da melhor época do renascimento, todo construido de marmore branco e rosa, obra de Sansovino, e que servia em outro tempo de reunião dos *Nobili* da republica.

A areia da Piazza, calçada de marmore, pôde chamar-se o atrio dos edificios que a rodeiam, que são: *Procurazie nuove*, obra de Scamozzi, de architectura moderna, actualmente servindo de palacio real; *Procurazie vecchie*, antigo palacio dos procuradores de S. Marcos e da Torre do Relogio, ou *Torre d'ell Orologio*, como dizem os venezianos. É ahi onde converge o movimento mais selecto da cidade e onde se dão *rendez-vous* durante o dia e até altas horas da noite.

(Continúa.)